EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

A UNIÃO 132 Anos

Ano CXXXII Número 067 | R$ 4,00



João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 20 de abril de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106
Dados: 2025.04.18 23:17:35 -03'00'

EFEITOS ADVERSOS

Excesso de suplementos gera riscos à saúde e exige cuidados

Consumo inadequado de produtos como whey, *creatina e vitaminas pode sobrecarregar o organismo.* *Página 6*

Foto: Carlos Rodrigo



Páscoa reúne cristãos em celebração à vida e à renovação da fé

Período integra o calendário religioso e simboliza um tempo de esperança e de reflexão da trajetória individual, que deve ser baseada na caridade e na humanidade.

Página 5

Memórias

Foto: Carlos Rodrigo



Ações no presente com foco no futuro

Naná Garcez iniciou a carreira como repórter e, hoje, é diretora-presidente da EPC, reforçando o compromisso com a informação.

Páginas 14 e 15

Jovens sentem-se mais pressionados pelos desafios da vida adulta

Exposição excessiva e cobrança por produtividade e excelência geram inquietações que têm afetado a juventude atual.

Página 7

Projeto mobiliza municípios por mais educação ambiental nas escolas

Iniciativa Amigo da Natureza, do MPPB, inclui ações como o plantio de mudas de árvores com a participação de estudantes.

Página 20

Treze-PB estreia, hoje, contra o Santa Cruz-PE, pela Série D do Brasileiro

Partida começa às 16h, no Estádio Amigão. Alvinegro tem a missão de garantir calendário para a temporada de 2026.

Página 24

Estudante paraibano participa de exposição na França

Jefferson Rodrigues foi convidado pelo artista visual Sergio Cezar, responsável pela maquete de abertura da novela global Duas Caras, *a integrar uma equipe que confeccionará miniaturas de barracos das favelas para um evento na cidade de Montpellier, na França.*

Página 9



Foto: Divulgação

■ "Passei a ver nas estradas dos altos e baixios a reprodução dos caminhos santos, transladados do catecismo ilustrado".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "A proposta de dividir os ativos em partes saudáveis e problemáticas não é inédita no Brasil. Já foi utilizada nas décadas passadas".

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6500 circulacao@epc.pb.gov.br

EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

Editorial

Ressurreição

Hoje é uma data magna do calendário cristão. O Domingo de Páscoa celebra a Ressurreição de Jesus Cristo, que ocorreu, de acordo com o Novo Testamento, no terceiro dia após a crucificação no Calvário. O Filho de Deus, que teria vindo à Terra na forma de homem para melhor compreender a Humanidade e, assim, apontar caminhos para a redenção da espécie, retorna ao Céu, após clamar: "Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem".

A festividade cristã, entre tantos outros significados, é importante, também, por lembrar que a ressurreição pode acontecer com qualquer homem ou mulher, em qualquer tempo ou espaço, independentemente de credo religioso ou doutrina filosófica. Não o renascimento da carne, mas a renovação do intelecto e do espírito, no sentido do aprimoramento ético e político, para um reposicionamento ante as circunstâncias sociais.

O indivíduo, não importa o gênero, ao tomar consciência dos equívocos relacionados às suas atitudes, que envolvem, também, a forma de convivência com seus iguais, dentro ou fora de casa, decide perfilar-se com novos preceitos ou realinhar-se com novas doutrinas capazes de transformá-lo em um ser proativo, na luta contra as injustiças que fazem da sociedade humana uma espécie de representação do Inferno na Terra.

O preço da autoanálise e da consequente mudança de comportamento, na maioria das vezes, é muito alto. O esforço de uma pessoa para compreender a si própria e, com isso, imprimir novos rumos à sua vida, na maioria das vezes é incompreendido, seja no seio familiar, seja no meio social. Ficam pelo caminho, por exemplo, não só destroços de ideologia e caráter antigos, como também de eventuais e desnecessários patrimônios materiais.

Contradizendo o acúmulo de riquezas e o culto da personalidade — "pecados", aliás, ainda associados a instituições religiosas —, Jesus era um pobre pregador, porém de palavra suntuosa, enquanto ensinamento. Sidarta Gautama, o Buda, também representou a transformação, tão necessária à elevação espiritual, abandonando os muros do palácio do pai, para encontrar-se frente a frente com a vida lá fora, repleta de pesadelos reais.

Esta é, portanto, uma das lições mestras da Ressurreição de Jesus Cristo: que cada ser humano se renove, espiritual e intelectualmente, para servir àqueles próximos que carecem tanto não apenas de amor, mas dos lastros materiais também imprescindíveis para o conforto da mente e o descanso do corpo. Mas não um servir alienado, o que aumentaria a legião de pobres, mas um servir comprometido com a extinção das fontes da miséria.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Tiradentes – o herói sem rosto

Tiradentes, o mártir da Independência, a quem prestamos homenagens anualmente na data de 21 de abril, passou um século no anonimato. Na verdade, quando morreu, foi considerado pela Coroa Portuguesa como um rebelde, um traidor. Sua execução deveria ser vista como uma justiça exemplar, para quem tentasse praticar ações tidas como revolucionárias. Foi condenado por crime de lesa-majestade.

Durante o período em que ocorreu o processo político, que culminou com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, decidiu-se fazer com que a história passasse a tratá-lo como herói nacional. Os republicanos precisavam de alguém que simbolizasse a coragem e a disposição de se rebelar contra a opressão da monarquia portuguesa, buscando atender aos anseios do positivismo militar da época. Isaac Marra aponta que "a consolidação de sua identidade como mártir cívico-religioso se deu em 1870". Já o historiador José Murilo de Carvalho, em seu livro "O Imaginário da República no Brasil", escreve que "Tiradentes não deveria ser visto como herói republicano radical, mas sim como herói cívico-religioso, como mártir, integrador, portador da imagem do povo inteiro".

A Inconfidência Mineira e o alferes Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes, só foram citados como exemplos de liberdade e contestação à ordem monárquica reinante a partir da segunda metade do século XIX. O ideário dos conjurados mineiros afirmava-se em consonância com os ideais republicanos, o que justificou adotá-lo como um ícone nacional para a República brasileira.

Após o Golpe de 1964, quando se instalou o período da Ditadura Militar, que durou 21 anos, o presidente Castelo Branco conferiu-lhe a honraria de ser considerado Patrono Cívico do Brasil, decretando a data de sua morte como feriado nacional. Em 21 de abril de 1992, duzentos anos após sua morte, o nome de Tiradentes foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, sendo reverenciado como o maior dentre todos os mártires do nosso processo de independência.

A figura histórica de Tiradentes, que nos acostumamos a ver nas ilustrações estampadas nos livros de história e nas estátuas a ele dedicadas, pode não corresponder à imagem verdadeira da época em que foi elaborada. Inexistia retrato seu pintado. Portanto, não se conheciam quaisquer características do seu rosto. Segundo historiadores, na condição de alferes, era incompatível que alguém que servia ao exército usasse cabelos longos e barba. Nas prisões, onde passou algum tempo, os encarcerados tinham as cabeças raspadas e a barba feita.

Os pintores desse tempo tiveram que criar um personagem. E, aproveitando o espírito de religiosidade do povo brasileiro, optaram por representá-lo à semelhança de Jesus Cristo. Para construir um herói respeitado, era importante que, visualmente, ele fosse apresentado com barba e bigode. O pintor Décio Villares foi "o primeiro a promover a equivalência da imagem social de Tiradentes com a de Jesus Cristo, com barbas, olhos claros e cabelos longos", conforme relata o historiador Isaac Marra. Ao final do século XIX, outro artista, Ângelo Agostini, recebeu a missão de desenhá-lo, inspirando-se na pintura Cristo carregando a cruz, de Antoon van Dyck.

> **O ideário dos conjurados mineiros afirmava-se em consonância com os ideais republicanos**
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Uma opção do domingo

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Trevas

A casa sucumbia entre as sombras do arvoredo frondoso. Verde escuro e úmido envolvia coisas e viventes, num silêncio de igreja abandonada. Só não era proibido respirar.

Engenho parado, casa de farinha parada, os caminhos despovoados, céu e terra numa desolação que começava pelas folhas de cana. Tudo proibido.

Na sala de ocre desbotado as imagens voltadas para a parede eram cobertas de roxo. O Senhor começava a sofrer, a caminho do Gólgota. Nada de iguarias nem regalo.

— O que é regalo, mãe?

— Regalo é doce, banho, barriga cheia...

Foi a primeira vez que ouvi falar na palavra côdea. A "Imitação de Cristo", livro santo que regia as abstinências da família, permitia, no café da manhã, apenas uma côdea de pão. Dormi na véspera sonhando com a côdea que iam servir logo cedo. Na hora foi que vim saber, contrafeito, que côdea era casca, pão tirado o miolo, sem recheio nem manteiga. Reneguei da novidade, mas me advertiram que era um pequeno sacrifício comparado com as torturas a que iam submeter o Senhor, mais à tarde.

> **Passei a ver nas estradas dos altos e baixios a reprodução fiel dos caminhos santos, transladados do catecismo ilustrado**
>
> Gonzaga Rodrigues

— Não fica bem, filho, a gente saciar todas as vontades da carne quando o Homem que se deu por nós há de passar as maiores agruras.

Compenetrei-me. Passei a ver nas estradas dos altos e baixios, a reprodução fiel dos caminhos santos, transladados do catecismo ilustrado. O Gólgota justaposto ao sítio Santo Antônio. Eu conviva e testemunha do grande sofrimento.

Na primeira queda havia um homem de chibata na mão direitinho, seu Ambrósio. "Mas logo seu Ambrósio, um homem tão dado?"

— Seu Ambrósio tava no meio, mãe?

— No meio de que, menino?

—Dos que deram em Cristo?

Os pés de mangas pejados, o estômago roncando, mas nada de regalo enquanto durasse o sofrimento do Senhor. Entre o café da manhã e o almoço, apenas água. Menino não podia comer doce, rapadura, frutas, nem brincar com alarido. Tudo calado e penitente enquanto durasse o santo sofrimento. Almoço de feijão, bacalhau assado e silêncio. Todos comendo devagar, bocados temperantes, para não cair no pecado da gula.

— Coma pouco, filho. É desumano assistir ao sofrimento do Senhor de barriga pela boca.

O Senhor ia morrer às quatro da tarde. A terra havia de se envolver em trevas e um relâmpago fulminante cortaria os céus no instante do último suspiro.

— Aqui também vai ficar assim, mãe?

— O coração é que deve ficar, filho.

E ficou até hoje.

(Trecho transcrito do livro "Com os Olhos no Chão", de Gonzaga Rodrigues).

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$385,00 / Semestral ..... R$192,50 / Número Atrasado ..... R$3,30
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

NA PARAÍBA

Escritório Social oferece oportunidade e dignidade

Espaço é voltado ao atendimento de pessoas egressas do sistema prisional

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com



Fotos: Leonardo Ariel

Escritório também garante encaminhamentos para políticas públicas e empregabilidade

Os muros que, um dia, limitaram horizontes, dão lugar ao acolhimento e à construção de um novo começo. E todo recomeço precisa de mãos estendidas, de olhares que enxerguem além da sentença, de palavras que acolham em vez de julgar. Ressocializar não é apenas devolver alguém à sociedade — é reconstruir possibilidades. É nesse cenário sensível e humano que o Escritório Social da Paraíba ergue-se, há quase cinco anos, como símbolo de esperança e transformação.

Inaugurado em 28 de agosto de 2020, o Escritório Social da Paraíba vem se consolidando como um dos principais equipamentos públicos voltados ao atendimento de pessoas egressas do sistema prisional e seus familiares. O espaço atua como uma ponte entre a exclusão e a reinserção social, oferecendo atendimentos humanizados, oportunidades e dignidade.

"Nosso trabalho começa com a escuta. Escutar é o primeiro passo para compreender, para respeitar e, sobretudo, para acolher", afirma a gerente-executiva do Escritório Social da Paraíba, a assistente social e doutora em Sociologia Anna Paula Batista. À frente do espaço desde a implantação, Anna Paula conduz uma gestão marcada por sensibilidade, compromisso e parcerias estratégicas com instituições públicas e privadas. "Acreditamos na autonomia e no protagonismo das pessoas egressas. Nosso papel é oferecer suporte para que elas possam reconstruir suas trajetórias, sem que o passado seja um peso impossível de carregar", complementa.

O projeto integra o Programa Justiça Presente, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Departamento Penitenciário Nacional (Depen), o Governo da Paraíba e o Tribunal de Justiça da Paraíba. Com uma proposta intersetorial e multiprofissional, o Escritório Social atende pessoas nos regimes semiaberto, aberto, em livramento condicional ou com pena extinta.

A estrutura paraibana, gerida pelas Secretarias de Estado da Administração Penitenciária e do Desenvolvimento Humano, além do apoio das Secretarias da Mulher e da Diversidade Humana e do Tribunal de Justiça da Paraíba, vem sendo aprimorada continuamente. Com uma equipe composta por assistentes sociais, psicólogas, pedagogas, advogada, profissionais da comunicação, apoio técnico e administrativo, o Escritório Social atua intensamente na promoção de um modelo de reintegração mais humano e eficaz. O espaço também garante encaminhamentos para políticas públicas essenciais, como saúde, educação, assistência social e empregabilidade.

"Costumamos dizer que ninguém caminha sozinho. E, aqui, cada profissional entende que está ajudando a mudar vidas. Isso não é só um trabalho, é uma missão", enfatiza Anna Paula. "Transformar a vida de uma pessoa egressa é transformar toda a comunidade ao seu redor. É uma mudança que reverbera em cadeia — e esse é o poder do acolhimento", complementa.

Suporte jurídico, psicossocial e profissional

A saída do sistema prisional representa, para muitos egressos, um mergulho em um mundo desconhecido. Por isso, além do atendimento direto, o Escritório Social garante suporte jurídico, psicossocial, educacional e profissional a egressos e seus familiares, por meio de uma atuação intersetorial que articula com serviços como Cras, Creas, Sine, Caps, escolas e centros de cidadania.

Com mais de 1.800 atendimentos realizados desde 2020, o Escritório Social da Paraíba tem se destacado como uma das principais portas de entrada para pessoas egressas do sistema prisional em busca de reconstrução social. "O Escritório é um espaço de escuta e acolhimento. Muitas vezes, os egressos chegam perdidos, principalmente os que passaram anos em privação de liberdade. As ruas mudaram, o tempo passou, e eles se sentem em outra realidade", relata Anna Paula Batista, gerente-executiva do Escritório Social.

A porta de entrada é ampla: o atendimento pode ocorrer por demanda espontânea, encaminhamento das unidades prisionais ou de outros serviços da rede de assistência. "A gente costuma dizer que colocou o pé fora do presídio, pode vir direto para o Escritório Social, que a equipe vai acolher e orientar", reforça a gestora. Além dos egressos, os familiares também são acompanhados de acordo com suas necessidades, que podem incluir desde orientação para acesso a serviços até apoio para outras pessoas da casa, como crianças e idosos.

O primeiro passo é a escuta técnica e o mapeamento de demandas, que vão além do desejo por trabalho. "Geralmente, chegam em busca de emprego, mas, ao longo do atendimento, percebemos outras necessidades — desde questões emocionais até a ausência de documentação básica", explica Anna Paula. Por isso, o Escritório elabora um Plano Singular Integral, no qual são identificadas vocações, preferências profissionais, condições sociais e direitos a serem acessados. "O maior desafio ainda é o emprego, mas trabalhamos com o entendimento de que cada trajetória é única. O que nos move é transformar vidas com dignidade e oportunidades", conclui Anna Paula.

Um legado de esperança

Criado pela Lei Estadual nº 11.570/2019, o Escritório Social é mais que um equipamento — é um espaço de reconstrução. É o local onde histórias marcadas pela exclusão ganham novos capítulos, escritos com dignidade, apoio e possibilidades reais de futuro. Em cada escuta qualificada, em cada curso ofertado, em cada documento regularizado, uma mensagem clara ecoa: ninguém deve ser reduzido ao seu erro. E todos merecem a chance de recomeçar. "O Escritório Social é uma casa que constrói sonhos, pontifica os espaços distantes e concretiza a cidadania", resume Anna Paula.

Entre os que encontraram um novo caminho, está Jefferson Soares (nome fictício), ex-apenado que enfrentou a dura realidade da rejeição ao tentar voltar ao mercado de trabalho. "Na hora que falava a questão de ser do sistema, os empregadores já não aceitavam, já perdiam completamente o interesse. Então, o Escritório Social surgiu como essa oportunidade da gente conseguir algo, né?", relata. Hoje, Jefferson participa de um curso de qualificação profissional e está em processo de inserção em uma vaga formal.

Outro beneficiado é Carlos Henrique (nome fictício), que cumpriu pena em regime semiaberto e encontrou no Escritório o suporte necessário para tirar sua documentação, acessar atendimento psicossocial e participar de oficinas laborais. "Eu não sabia nem por onde começar. Aqui, a equipe me ajudou a me organizar, pensar no que eu queria para a minha vida. Hoje, tenho um plano, coisa que eu nunca tive", compartilha.

A ex-apenada Vitória (nome fictício) também encontrou apoio no Escritório, após deixar o sistema prisional. "Quando a gente sai do sistema, a gente sai meio desnorteada e o Escritório Social oferece uma nova oportunidade para nós. Fui muito bem acolhida desde o dia em que cheguei aqui. Consegui um empréstimo pelo Programa Empreender e já estou trabalhando", conta. Ela, agora, administra seu pequeno negócio e vê um futuro possível que antes lhe parecia inacessível.



Na capital, a sede fica na Avenida Diogo Velho, nº 180, Centro

Serviço

■ O Escritório Social da Paraíba possui duas sedes no estado, sendo uma em João Pessoa e outra em Campina Grande. Confira, abaixo, como ter acesso a cada local:
- João Pessoa: Avenida Diogo Velho, nº 180, Centro
- Campina Grande: Rua Padre Ibiapina, nº 114, Centro (conhecida como antigo Beco do Açúcar)

■ Mais informações também podem ser obtidas pelo número (83) 99417-7175.

UN Informe
DA REDAÇÃO

PARAIBANO PASSA POR PERRENGUES E PRESSÕES NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Não está sendo fácil para o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), lidar com as pressões desse início de sua gestão. O seu acordo com o deputado federal Glauber Braga (PSol-RJ) para que ele abandonasse a greve de fome acabou atiçando ainda mais a fogueira da discórdia em torno do PL da Anistia. Um grande problema entremeando-se em outro ainda maior. O líder do Partido Liberal (PL) na Casa, Sóstenes Cavalcante (foto), do Rio de Janeiro, reagiu ao acordo de Motta com Glauber, que estendeu o prazo de discussões voltadas ao processo de cassação do político, por 60 dias, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJC) do parlamento. Cavalcante postou em sua conta no X, dizendo que respeita o gesto de Motta com o deputado do PSol, que garante prazo e dignidade, e que tem "plena confiança de que o mesmo será feito com os patriotas presos injustamente". Mais: "Clezão morreu esperando justiça. Idosos seguem encarcerados, com saúde fragilizada e direitos ignorados. A urgência da anistia tem 264 assinaturas. Não é caso de um único deputado. É o grito da maioria e do povo", escreveu Sóstenes. O paraibano, no entanto, já havia decidido dividir essa responsabilidade com o colégio de líderes. Pense numa Semana Santa desassossegada!


Foto: Gabriela Korossy/Câmara dos Deputados

NO CENTRO

O pastor e político Sérgio Queiroz anuncia a inauguração, hoje, da Cidade Viva Centro Histórico, às 10h. A 14ª igreja da Comunhão Cidade Viva, plantada em uma das áreas mais visitadas do Centro Histórico de João Pessoa com os seus sobrados coloridos dos séculos 19 e 20 que mistura o clássico e o barroco, fica localizada na Praça Antenor Navarro, nº 12, no bairro Varadouro.

ESCRITÓRIO JURÍDICO

Além da Igreja, como parte do esforço de revitalização do Centro Histórico, o sistema Cidade Viva vai transferir para a Praça Antenor Navarro uma parte da Fundação Cidade Viva com dois dos seus sete eixos: Ética, Direito e Cidadania; e Educação, Esporte e Cultura, enquanto a Faculdade Internacional Cidade Viva atuará também, por meio de um escritório jurídico, que será implantado em breve.

IGREJA X POLÍTICA

Por falar em pastor e política, o reverendo Estevam Fernandes, da 1ª Igreja Batista de João Pessoa, que foi um dos defensores da eleição de Jair Bolsonaro, percebeu a tempo o perigo de misturar política e religião. Em entrevista a uma rádio da capital, ele foi enfático ao declarar que "inserir Deus na política é um risco". E completou: "A sociedade não tem o direito de utilizar o nome d'Eele como justificativa de opção no meio político".

PREFEITO BEM AVALIADO

O prefeito Márcio Leite, de São João do Tigre, comemorou levantamento do Instituto IP Pesquisas, responsável por uma série de avaliações dos primeiros 100 dias de governo das gestões municipais. Leite obteve 91,02% de aprovação popular, na soma dos que avaliam o governo como bom (51,84%) e dos o classificam como ótimo (39,18%).

AMPLIANDO AS BASES

A deputada estadual Danielle do Vale (Republicanos), pré-candidata à reeleição, mantém seu foco de ampliar as bases eleitorais. Nesta última semana, ela recebeu o apoio do vereador Luiz Gonçalves da Costa, de Itaporoca, mais conhecido por Luiz do Mercadinho (Republicanos), que obteve 584 votos na última eleição.

FÓRUM DO BRICS

O Congresso Nacional vai sediar, entre os dias 3 e 5 de junho, a XI edição do Fórum Parlamentar do Brics. O evento deve reunir representantes de 31 casas legislativas e cerca de 150 parlamentares de diversos países. Realizado desde 2015, o fórum busca fortalecer a cooperação entre os parlamentos dos países do Brics — grupo que inclui Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Egito, Etiópia, Irã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Indonésia.

EDIÇÃO: Marcos Pereira
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

Marcelo Cavalcanti

Superintendente da Sudema

"É importante educar para que as pessoas não cometam crimes ambientais"



Foto: Leonardo Ariel

*Em entrevista ao Jornal **A União**, gestor detalha a rotina da instituição e fala sobre os principais desafios e avanços*

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Quando se fala em meio ambiente, é comum que as pessoas associem o trabalho da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) à fiscalização de rios e mares. Mas o papel do órgão vai muito além disso. A Sudema atua de forma estratégica na preservação ambiental do estado da Paraíba, com ações que abrangem desde a manutenção de Unidades de Conservação (UCs) e Áreas de Proteção Ambiental (APAs) até projetos de educação ambiental, diálogo com comunidades locais, apoio à pesquisa científica e valorização da cultura regional. Em entrevista ao Jornal **A União**, o superintendente do órgão, Marcelo Cavalcanti, detalhou a rotina da instituição e falou sobre os principais desafios e avanços da Sudema — que hoje é responsável direta por 14 Unidades de Conservação nos mais diversos biomas da Paraíba. Entre fiscalização rigorosa, elaboração de planos de manejo e iniciativas de conscientização, a Sudema tem se consolidado como uma referência na gestão ambiental pública.

A entrevista

■ *A Sudema realiza um trabalho de fiscalização e manutenção das Unidades de Conservação. Mas o que são essas Unidades de Conservação?*

De acordo com a Lei nº 9.985/2000, Unidades de Conservação são espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (art. 1º, I). A instituição de legislação ambiental específica é de suma importância para salvaguardar os recursos naturais e conservá-los, a partir de políticas públicas de planejamento e gestão territorial. Hoje, a Sudema é responsável por 14 Unidades de Conservação no estado da Paraíba. Elas estão distribuídas em diferentes biomas: marítimo, Mata Atlântica e Caatinga. Desse total, 10 exigem a proteção integral, como os Parques Estaduais da Mata do Pau Ferro (Areia); Mata do Xém-Xém (Bayeux); Pedra da Boca (Araruna); Parque Estadual das Trilhas (João Pessoa); Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho (João Pessoa), Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha (Cabedelo); Monumento Natural Vale dos Dinossauros (Sousa); e Estação Ecológica do Pau–Brasil (Mamanguape). Existem outras unidades que são responsabilidades de outros órgãos, como Ibama [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis] e ICMBio [Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade], por exemplo. Tudo depende de quem criou a unidade. Se foi o Estado, a responsabilidade é da Sudema. Já se for federal, fica com o ICMBio.

■ *O que significa essa proteção integral?*

A legislação brasileira, por meio do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza [Lei nº 9985, de 18 de julho de 2000], prevê dois tipos de Unidades de Conservação: Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável. Embora ambas tenham como prerrogativa preservar a biodiversidade local, as de proteção integral têm regras mais rígidas, no que diz respeito à intervenção humana. Já as de uso sustentável permitem ocupação, intervenções e atividades humanas. Tambaba, por exemplo, é de uso sustentável. Já Areia Vermelha é de proteção integral. Para ser enquadrado em um dos dois tipos, é realizado um estudo técnico para analisar biodiversidade, fauna, flora, importância do bioma. Com base nisso, define-se o tipo de unidade.

■ *Como é feito o controle do uso dessas áreas?*

Por meio dos planos de manejo. De acordo com a lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Snuc), o plano de manejo é um documento que reúne um conjunto de estudos ambientais sobre a Unidade de Conservação, apresentando regras, planos e programas que têm por objetivo promover a manutenção das unidades. Por meio desse documento, é possível fazer um controle ambiental mais eficaz das Unidades de Conservação, bem como mapear seus tipos de uso e definir o que é proibido e permitido em cada local. Ele é elaborado com base em estudos ambientais, como diagnósticos biológicos, físicos e sociais. Atualmente, temos sete planos prontos e seis em revisão. A Sudema fiscaliza o cumprimento dessas regras.

■ *Como a Sudema tem contribuído para a preservação do bioma marinho, especialmente em áreas de grande procura, como Areia Vermelha, Picãozinho e Bessa?*

Nós fazemos um trabalho intenso de fiscalização, com uso, inclusive, de embarcações para fazer visitas a esses locais e fiscalizar seu uso. Uma equipe técnica vai, frequentemente, a esses locais para fazer análise das características e ver se está tendo alguma alteração no bioma, se precisa fazer algum controle maior do uso público. Em algumas Unidades de Conservação, precisamos fazer uma fiscalização mais ostensiva, junto com o Batalhão Ambiental, Marinha... já chegamos até a contar com a presença do Ministério Público Federal. Aí já é um trabalho mais de combate realmente às situações mais críticas. Na área dos recifes do Bessa, nas imediações do Clube dos Médicos, fiscalizamos permanentemente o uso de barco ou motor, já que, ali, só é permitido o uso de caiaque...

■ *Essa fiscalização tem sido feita na Praia do Seixas, também, em relação ao controle de embarcações?*

Tem, sim. A gente tinha contratado uma empresa para fazer o plano de manejo, criar regramentos para o uso do local. Mas tivemos alguns problemas contratuais e, por isso, elaboramos um Plano de Ação Emergencial. Criamos as regras de uso daquele espaço, juntamente com o Ministério Público da Paraíba, professores e pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba e do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Foi um trabalho feito a várias mãos. Então, em conjunto, identificamos a necessidade de fazer controle, restringir a quantidade de embarcações, de catamarãs... Para garantir que as regras sejam cumpridas, estamos indo ao local e fazendo uso de *drone*, que sobrevoa o local e identifica as embarcações ou quem esteja cometendo algum crime ambiental. É um plano emergencial, um plano preventivo, já que a gente não tinha avançado no plano de manejo.

■ *A Área de Proteção Ambiental (APA) Naufrágio Queimado inclui várias dessas praias, certo?*

Isso. A APA Naufrágio Queimado, com 42,2 mil hectares, entre João Pessoa e Cabedelo, é conhecida pela proteção da biodiversidade marinha e dos patrimônios arqueológicos submersos, como os naufrágios Alice, Alvarenga e Queimado. O local é um atrativo para turistas interessados em mergulho e pesquisas sobre a vida marinha, além de ser um importante espaço de preservação dos ecossistemas aquáticos.

■ *E sobre Tambaba? Qual o foco da Sudema por lá?*

A APA de Tambaba vai muito além da praia famosa. Ela abrange também áreas como Jacumã. Por ser uma Unidade de Uso Sustentável, há moradias, comércios e loteamentos. Já embargamos construções irregulares ali, principalmente por degradação ambiental. Nós temos a Coordenadoria de Estudos Ambientais, que faz a gestão em todas as Unidades de Conservação. E cada unidade tem um gestor próprio nosso aqui, além de um comitê gestor, que é um grupo de pessoas da sociedade que faz essa gestão dessas unidades, que ajuda nessa gestão junto conosco. E nós fazemos, também, um trabalho de educação ambiental com os guias turísticos, explicando o que é a unidade, o que pode fazer, o que não pode. Como exemplo, posso citar a elaboração de *QR Code* que nós adesivamos nas embarcações, com as normas de uso do local.

■ *Quais os maiores desafios da Sudema nessa questão de conservação ambiental?*

Olha, eu acho que o grande desafio dos órgãos de meio ambiente é a questão da educação ambiental. Nós temos, de fato, em alguns casos, falta de educação, de desconhecimento, mas nós temos também os casos de pessoas que têm conhecimento e cometem crimes ambientais. Por isso, nos atuamos em três eixos: fiscalização, licenciamento e educação ambiental. O mais importante eixo, que eu sempre considerei, é a questão da educação. É importante conscientizar e educar para que as pessoas não cometam crimes ambientais. É preciso formar uma nova consciência. Atitudes simples, como jogar papel no lixo ou fechar a torneira ao escovar os dentes, fazem diferença. E é uma mudança que começa cedo, com as crianças — mas que também é urgente, especialmente em relação aos adultos. Porque o meio ambiente não é um bem infinito e isso está afetando intensamente as questões climáticas. Quem, há 10 anos atrás, imaginaria ver seca na Amazônia? Ou ver 60 dias de chuva no Rio Grande do Sul? Então, são mudanças que acontecem e a gente precisa, de fato, começar a ter esse cuidado para recuperar o meio ambiente. Isso é iminente. Não é uma coisa que a gente pode deixar mais para frente, tem que começar a tratar agora.

■ *De que forma a conservação do espaço fortalece a cultura local?*

Ao conservar um local ou um espaço, além de você permitir que o meio ambiente respire, ainda faz parte de um processo de fortalecimento da cultura local, da história. Há uma relação entre o meio ambiente e a questão social, tanto que, muitas vezes, quando fazemos alguns estudos para empreendimentos de grande porte, levamos em consideração o impacto ambiental e exigimos um relatório do impacto do meio ambiente, envolvendo uma análise socioambiental, justamente porque existe uma relação intrínseca entre o meio ambiente e a questão social, com os costumes, com a rotina da comunidade ao redor, por exemplo. Por isso, esses grandes empreendimentos devem pagar compensações ambientais. Esses recursos são investidos em Unidades de Conservação. Estamos construindo a sede da Pedra da Boca, com 30% da obra já executada. Em Pau-Ferro, o projeto está pronto para iniciar, e estamos começando a estruturação da APA do Cariri. Também temos um grande projeto para o Vale dos Dinossauros, que vai incluir um novo museu. Nós estamos nas tratativas agora, para poder iniciar esse processo.

■ *A Sudema também tem atuado de forma intensa na Mata do Xém-Xém, em Bayeux. Como está esse processo de revitalização?*

Ela fica em Bayeux, próximo à cabeceira da pista do aeroporto. É uma área bem preservada de Mata Atlântica. Existem algumas edificações do Governo do Estado lá, quando funcionava o leprosário. Nós pretendemos recuperar algumas dessas edificações para funcionar a sede da unidade, para, realmente, ficar perto da comunidade. Porque o gestor da Unidade de Conservação precisa ter uma relação muito próxima com a comunidade, com o entorno, já que a comunidade é primordial no processo de preservação daquele espaço. Sem esse apoio, é muito mais difícil fazer esse controle de preservação. E aí vem para aquele espaço de conscientização, educação; tudo o que a gente falou antes.

■ *Quais os planos futuros para a Sudema e para as Unidades de Conservação?*

Nosso foco é ampliar a presença da Sudema nas Unidades de Conservação. Estamos construindo sedes, fazendo cercamentos das unidades e fortalecendo a gestão desses espaços. Em relação aos processos da Sudema, avançamos muito na digitalização — hoje, todo processo é eletrônico. Também estamos desenvolvendo um aplicativo para facilitar a interação com a sociedade e melhorar a velocidade de licenciamento. Outro ponto importante é a modernização da estrutura da Sudema, com a reforma administrativa já encaminhada à Secretaria de Administração. Hoje, estamos em uma sede temporária. A sede nova será construída no mesmo local da atual, respeitando a parte tombada pelo patrimônio histórico. O projeto já passou pela licitação e, se tudo seguir o cronograma, a obra deve ser entregue em um ano.

DOMINGO DE PÁSCOA

Significado da principal festa cristã

Data é uma celebração do calendário religioso em memória à crucificação e à ressurreição de Jesus Cristo

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

A Semana Santa, período que relembra a Crucificação, a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo, encerra-se hoje, com a celebração do tradicional Domingo de Páscoa. Para os cristãos, a data simboliza a renovação da fé e da esperança. Mas não são apenas os católicos que vivenciam esse momento. No judaísmo, a celebração representa a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito. Já a doutrina espírita compreende a Páscoa como a confirmação da imortalidade da alma. O fato é que, independentemente da religião do indivíduo, o período remete à reflexão.

No judaísmo, essa celebração é conhecida com o nome de Pessach. De origem hebraica, a palavra significa, literalmente, "passar por sobre". Ela representa a passagem do anjo de Deus sobre as casas dos hebreus que viviam no Egito, conforme explica o professor Severino Celestino, pós-doutor em Ciências das Religiões, ao se referir ao capítulo 12 do livro do Êxodo, na Bíblia Sagrada. "O povo hebreu vivia todo tipo de opressão. Deus, vendo o seu sofrimento, disse a Moisés que instruísse cada família a providenciar um cordeiro, sacrificasse-o e passasse o seu sangue nos umbrais das portas, para que os seus filhos primogênitos fossem poupados. Assim, a morte do primogênito do faraó representou a libertação dos hebreus, depois de 430 anos de escravidão no Egito. Esse fato ficou conhecido como a décima praga do Egito", contou.

Na avaliação de Celestino, a libertação do povo no Egito pode ser compreendida, metaforicamente, como uma cura interior. "Nós também somos escravos dos nossos vícios, do egoísmo, da avareza e dos erros do passado. Então, esse episódio representa uma nova vida, um caminho de liberdade com Deus, assim como o povo se libertou da escravidão", refletiu. Até hoje, os judeus comemoram a Páscoa seguindo um manual chamado "Ágada de Pessach", no qual se encontra toda a sequência desse importante ritual para esse povo. O livro descreve o significado das frutas e a simbologia da água e do sal, que representam as lágrimas que os judeus choraram no cativeiro. Já o *matza* (pão sem fermento) simboliza a pressa com que o povo saiu do Egito, sem tempo para fermentar o pão. "Uma série de rituais representam o significado da Pessach, considerada a primeira das três grandes festas na peregrinação do povo judeu", acrescentou o professor.

Na mesma época em que Jesus foi crucificado e ressuscitou, os judeus viviam a sua Pessach, daí porque a Páscoa cristã é celebrada no mesmo período da judaica. Mas Celestino esclarece que, embora tenha se originado na celebração do povo hebreu, a festa cristã possui significados diferentes. "A Última Ceia é descrita no capítulo 22 do Evangelho de Lucas, versículo sete. Nesse relato, Jesus instruiu Pedro e João a encontrar um lugar onde pudessem celebrar a festa judaica. Mas, depois que Cristo foi crucificado, a Igreja Católica passou a considerar a passagem da morte para a ressurreição como o principal significado da Páscoa", diferenciou.

Cristianismo

No calendário litúrgico dos cristãos, a Páscoa é uma das celebrações mais importantes. É um período que simboliza não somente a passagem para uma vida nova, mas a renovação da fé, um tempo de conversão e de esperança.

O evento pascal ocupa um sentido central na fé cristã, conforme pontua o padre Mário Silva, assessor eclesiástico de Comunicação da Arquidiocese da Paraíba. "Durante a semana santa, os cristãos revivem os atos de sacrifício de Jesus, por meio dos quais foram salvos e libertos, para comemorar, em seguida, a sua ressurreição, manifestando alegria por adquirir uma nova dignidade, por meio do Filho de Deus que ressuscitou", explicou.

Segundo o religioso, o período oferece a oportunidade de rever a própria trajetória, tendo em conta que não é possível separar a vida material da espiritual. "Ambas devem caminhar em paralelo", disse. Para ele, valores cristãos como a caridade e a humanidade devem fazer parte da prática diária.

Padre Mário também destacou que o período pascal permite uma transformação espiritual. "Conseguimos compreender que temos a graça do perdão de Deus e a possibilidade do recomeço, porque o próprio Jesus reergueu uma sociedade decaída. Essa nova dignidade nos inspira a repudiarmos a corrupção e todas as circunstâncias incoerentes às quais podemos ser apresentados neste mundo. Somos pecadores, mas precisamos caminhar sempre com o sentimento de mudança", salientou.

Quaresma é o período que prepara os devotos para o evento pascal

O período da Quaresma começa na Quarta-Feira de Cinzas e se estende até a manhã da quinta-feira da Semana Santa. O período, com duração de 40 dias, consiste em uma preparação para o evento pascal, por meio de penitência, oração e caridade, que formam o tripé de vivência espiritual

Na quinta-feira à noite, inicia-se o Tríduo Pascal, uma grande celebração que se estende até a Vigília Pascal, no Sábado de Aleluia. De acordo com o padre Mário Silva, nesses três dias, os cristãos vivem a centralidade da fé, marcados por diferentes rituais. "Se você observar, na quinta à noite, o padre não dá a bênção final; ela será concedida apenas na vigília de sábado. Além disso, na Sexta-Feira da Paixão, não há celebração de missas em lugar nenhum, pois a igreja vivencia o luto pela morte de Jesus", descreveu.

O padre Mário mencionou diversos simbolismos que enriquecem a experiência, incluindo as procissões, a celebração da Via Sacra e as reflexões profundas, como as sete dores da Virgem Maria ou as últimas palavras de Jesus Cristo na cruz. "A igreja fica mais silenciosa e totalmente escura, até o sábado santo. Aos poucos, o ambiente vai sendo iluminado pelas velas. São símbolos dessa passagem, da escuridão para a luz, da morte para a vida", argumentou.

Espiritismo

Para a doutrina espírita, a ceia pascal possui imensa importância, pois foi nesse contexto que Jesus realizou a cerimônia do lava-pés, conforme descrito no capítulo 14 do Evangelho de João. Na perspectiva do professor Celestino, esse ato foi uma criação de Jesus, algo que não é descrito na Páscoa judaica. "Jesus quis ensinar lições fundamentais, como a humildade, a disponibilidade e a fraternidade aos seus discípulos", disse.

Ao concluir a ceia, Jesus percebeu a tristeza dos seus discípulos, fazendo-lhes uma promessa. "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. [...] Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre: o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece". Essa passagem é vista pelos espíritas como uma revelação da chegada do consolador prometido, o Espírito da Verdade, que permanecerá com os seguidores até a consumação dos séculos.

Em relação à Ressurreição de Cristo, Celestino explica que a doutrina espírita não acredita em ressurreição física, pois Jesus veio em perispírito — envoltório que une o espírito ao corpo físico, segundo a doutrina espírita. "Além de mostrar a imortalidade da alma e que a vida continua após a morte física, essa doutrina compreende que Jesus não ressuscitou em corpo físico, mas sim em corpo espiritual", explicou. A obra "A gênese", ditada pelo Espírito da Verdade e decodificada por Allan Kardec, apresenta relatos disso. "Esse pensamento é corroborado pelo apóstolo Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 15", acrescentou.

Para a doutrina espírita, o período de reflexão é mais uma oportunidade de relembrar os ensinamentos de Cristo, em sua passagem pela Terra — um legado que, segundo defendem, é universal e independente da religião. "Jesus praticou a caridade, a compaixão, a benevolência e o amor ao próximo. Esses são valores que a doutrina espírita adota como o pilar central das suas ações", concluiu o professor.

> Período simboliza não somente a passagem para uma vida nova, mas a renovação da fé e da esperança



Fotos: Leonardo Ariel



Na Quaresma, igrejas ficam mais silenciosas e escuras



Círio Pascal é aceso pela primeira vez na vigília do sábado

DIETA PERIGOSA

Corpo trincado e saúde danificada

Quando o consumo de suplementos alimentares, vitaminas e hormônios deixa de ser aliado e se transforma em vilão

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com



Foto: Evandro Pereira

Dono de uma loja de suplementos, Alexandre afirma que a maior parte dos seus clientes já passou por um médico ou nutricionista. "É por questão de saúde", diz

Seja em busca de um corpo perfeito, ou até mesmo de melhorar as condições de saúde, muitas pessoas recorrem aos suplementos alimentares e vitamínicos. Sem uma orientação especializada, porém, até mesmo uma inocente vitamina pode se tornar perigosa, conforme explicou a médica endocrinologista Ana Luiza Rabelo Rolim. "É importante frisar que vitamina deficiente é ruim, mas em excesso também", disse.

De acordo com ela, há muitas vitaminas que, quando tomadas em excesso, podem se acumular no corpo e causar problemas relacionados aos rins, ao fígado e a calcificações em alguns órgãos, como é o caso da vitamina D. "Essas intoxicações podem ser realmente muito graves", alertou a médica. Ela destacou a importância de realizar uma avaliação nutricional com um profissional da área, antes de começar qualquer suplementação — inclusive aquelas que são bem comuns entre os frequentadores das academias de ginástica, como *whey protein*, creatina e os chamados pré-treinos.

"Suplemento, como o próprio nome já diz, são compostos que servem para complementar alguma coisa que não foi alcançada com a alimentação. Então, é importante frisar que a alimentação saudável vem sempre em primeiro lugar. Após passar pela avaliação nutricional de um profissional da área, para estabelecer como está, de fato, a alimentação da pessoa, é possível dizer se há ou não a necessidade de suplementar algum nutriente", explicou Ana Luiza.

Ainda segundo a médica, pessoas que realizam atividades físicas leves ou moderadas, poucas vezes por semana, estariam apenas desperdiçando dinheiro com a suplementação, já que ela seria pouco útil para os resultados. "Apenas para quem faz atividade física diariamente, com treinos que duram mais de uma hora, como esportistas, semiatletas ou atletas profissionais, a suplementação realmente pode oferecer alguma melhora no desempenho", esclareceu.

O dinheiro jogado fora ainda não é o pior cenário, já que também há a possibilidade de danos à saúde. Conforme Ana Luiza, qualquer pessoa que vá suplementar algum nutriente, mesmo sendo um suplemento alimentar, deve fazer alguns exames e verificar como está a sua saúde, de forma geral. Em pessoas que já têm alguma dificuldade de eliminação pelos rins ou de metabolização pelo fígado, o excesso de nutrientes, vitaminas ou proteínas pode acarretar problemas. "É indispensável que seja feita uma avaliação pré-suplementação, para ver se não há nenhuma contraindicação", salientou.

Hormônios

Em busca de resultados mais rápidos para obter um corpo mais musculoso, há quem deixe de lado os suplementos mais comuns e parta para o uso de hormônios, os conhecidos esteroides anabolizantes. Para a endocrinologista, essas substâncias podem ser necessárias quando há alguma deficiência; o problema é que, muitas vezes, eles são utilizados para fins estéticos — e, nesse caso, podem causar vários efeitos colaterais.

No caso das mulheres, o uso de anabolizantes pode gerar características masculinas no corpo, como engrossamento da voz e surgimento de pelos além do normal. Além disso, pode haver aumento do tamanho do clitóris, irregularidade ou interrupção das menstruações, diminuição dos seios e aumento de apetite. Nos homens, os principais efeitos adversos estão relacionados à alteração de fertilidade e à atrofia do testículo. "Quando o homem para de usar anabolizante, isso pode evoluir para uma disfunção erétil, com alteração da libido", disse.

Os efeitos podem ir além da estética e da fertilidade. Alterações psicológicas e de humor, alucinações e risco aumentado de trombose, infarto, acidente vascular cerebral (AVC), hipertensão e problemas cardíacos são outras questões citadas pela médica. "É muito comum vermos notícias de fisiculturistas que morrem ainda muito jovens, devido a problemas relacionados ao rim, ao fígado e ao coração, por uso abusivo de esteroide anabolizante. Não existe dose segura nem tempo seguro de usar. É importante frisar isso. Toda vez que se consome uma dose excessiva de hormônios, há o risco de todas essas complicações, independentemente de ser por um período curto de tempo", alertou.

É o caso de Paulo (nome fictício, para preservar a identidade do entrevistado), que quase perdeu a vida por causa dos anabolizantes. Influenciado por colegas que diziam estar usando hormônios e alcançando bons resultados, ele passou a fazer uso. Algum tempo depois, começou a apresentar um sangramento constante no nariz. Ao perceber que não conseguia mais estancar o sangue, procurou um hospital. "Minha pressão já estava em 21. Tentaram baixar com remédio, mas eu acabei tendo uma parada cardíaca", lembrou.

Recuperado do susto, ele disse que ainda precisa fazer uso de hormônios, mas com orientação médica. "Minha curva hormonal ficou toda desregulada, por causa do período em que fiz o uso errado. Agora, preciso tomar para corrigir isso", disse.

Consciência

O empresário Alexandre Carvalho, proprietário de uma loja de suplementos localizada em João Pessoa, acredita que a mentalidade das pessoas está mudando. Ele afirma que, atualmente, a maior parte dos clientes que procura a loja já passou por um médico ou nutricionista e está, de fato, procurando melhorar a saúde.

"Hoje, é por questão de saúde. A maioria já está com problemas, recorre ao médico e vê que realmente precisa repor vitaminas e minerais, porque já apresenta sintomas como cansaço, indisposição, testosterona baixa, dificuldade de engravidar, enfim. Alguns vêm por moda, mas são muito poucos", disse ele.

Mesmo produtos como o *whey protein* e a creatina, que, segundo ele, são os mais vendidos para a turma que gosta de se exercitar, são consumidos de forma mais consciente, hoje em dia. "Quem procura não é por estética, é por saúde mesmo. Até porque é um produto caro. Antigamente, era algo mais acessível, mas, nos dias de hoje, a creatina mais em conta custa a partir de R$ 100, enquanto o *whey protein* para quem tem intolerância à lactose custa R$ 200, o mais barato, que dura um mês. Então, se for somente pela estética, sai bem mais barato fazer a alimentação em casa e consumir ovo, carne, frango, peixe, macaxeira, inhame, cará...", avaliou.



Fotos: Evandro Pereira

Multivitamínicos, minerais, proteicos, antioxidantes e probióticos são alguns dos tipos de suplementos encontrados nas lojas



Foto: Arquivo pessoal

Suplemento, como o próprio nome já diz, são compostos que servem para complementar alguma coisa que não foi alcançada com a alimentação

Ana Luiza Rolim

Saiba Mais

Para saber qual suplemento tomar, é importante consultar um profissional de saúde, como um nutricionista ou um médico. Eles vão considerar as necessidades nutricionais, as condições de saúde, os objetivos e estilo de vida do paciente. É preciso levar em consideração:

- **Objetivos** – Determine o que você quer alcançar, como ganhar massa muscular, perder peso ou aumentar a disposição.
- **Necessidades nutricionais** – Verifique se há deficiências na sua dieta.
- **Condições de saúde** – Considere restrições alimentares e outras condições de saúde.
- **Qualidade** – Verifique se o suplemento é registrado na Anvisa, tem uma composição transparente e é de uma marca confiável.
- **Dose e duração** – Um profissional de saúde determinará a dose e a duração do uso.

Perigos do uso de suplementos sem orientação profissional:

- **Intoxicação:** o uso indiscriminado de suplementos pode levar à toxicidade, especialmente com vitaminas solúveis em gordura (A, D, E e K) e minerais como ferro e cálcio.
- **Sobrecarga de órgãos:** a ingestão excessiva de alguns suplementos pode sobrecarregar os rins e o fígado, órgãos responsáveis pelo metabolismo.
- **Interações medicamentosas:** alguns suplementos podem interagir com medicamentos, alterando a sua eficácia ou aumentando o risco de efeitos colaterais.
- **Efeitos colaterais:** a ingestão excessiva de alguns suplementos pode causar problemas como cálculos renais, reações cutâneas, fadiga e insônia.
- **Não atingir o objetivo:** o uso inadequado de suplementos pode não trazer os benefícios esperados e, em alguns casos, pode até mesmo aumentar a massa gorda, em vez de massa muscular.
- **Infertilidade:** o uso excessivo de suplementos de vitamina A, por exemplo, pode levar à infertilidade.

VIDA ADULTA

Desafios atuais abalam os jovens

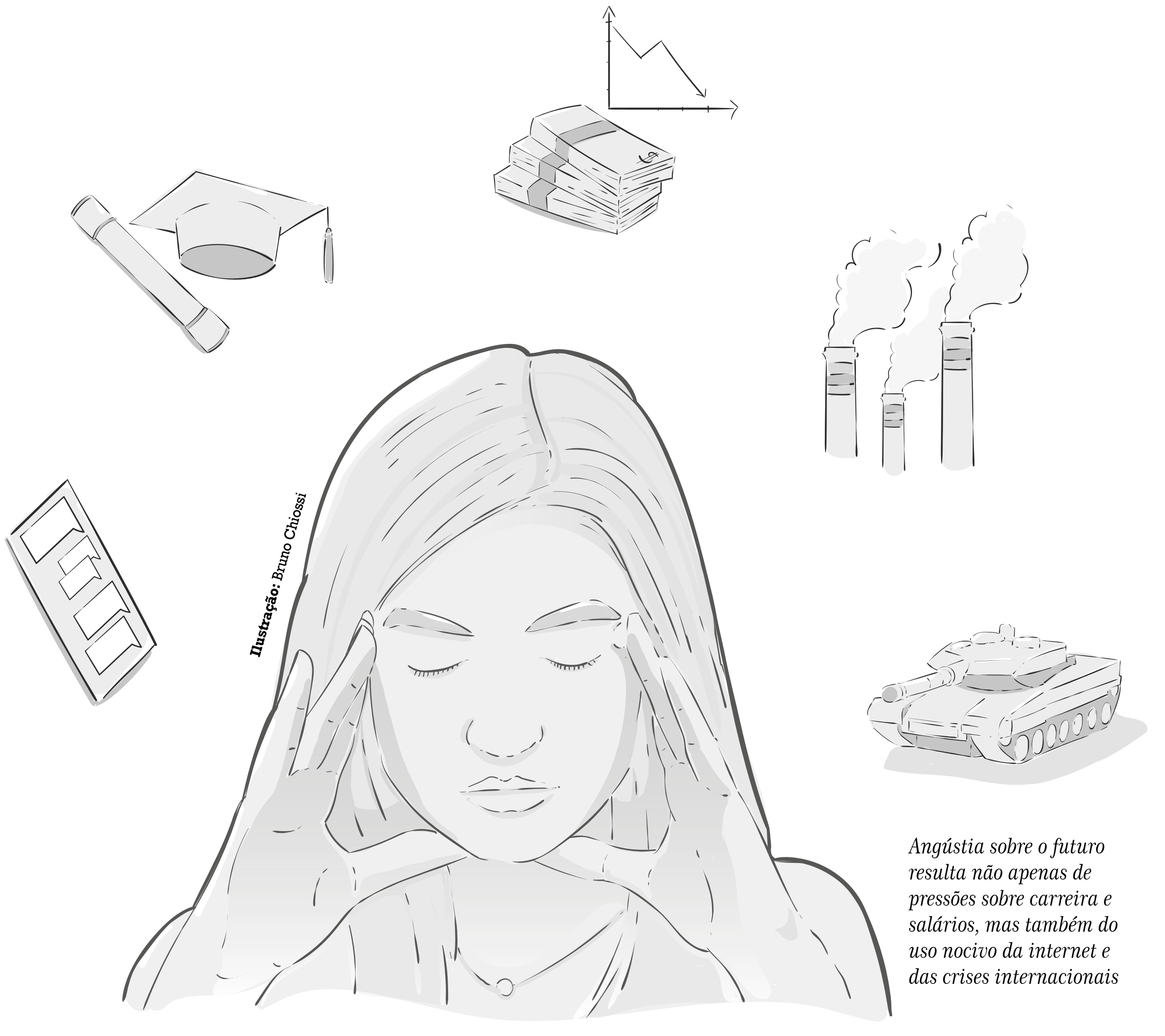
Diante de problemas sociais, políticos e econômicos variados, nova geração amadurece insegura e sobrecarregada

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

O Relatório Mundial da Felicidade de 2025, da Organização das Nações Unidas (ONU), aponta que a fase inicial da vida adulta, antes considerada uma das mais felizes, vem passando por mudanças de avaliação. Segundo o documento, os jovens da Europa Ocidental e da América do Norte relatam, agora, "a menor sensação de bem-estar entre todas as faixas etárias". E apesar de, no Brasil, mais de 80% dos jovens consultados declararem sentir-se, atualmente, satisfeitos com a vida, o estudo da ONU mostra que a solidão entre essa população vem crescendo, de forma global, nas últimas quatro décadas. Essa tendência foi exacerbada pela pandemia de Covid-19, mas, mesmo após a crise sanitária, os índices não retornaram ao patamar pré-pandêmico. Fatores como as alterações climáticas, desafios do mercado de trabalho, guerras e problemas econômicos têm, de fato, afetado a saúde de quem está chegando à vida adulta.

Segundo o psiquiatra Napoleão Bezerra, a demanda sobre jovens e adultos, hoje, é muito maior do que há 20 ou 30 anos. "A exigência por *performance*, produtividade e excelência acarreta um processo de esgotamento e quadros crônicos persistentes. É difícil para um adolescente, que está numa fase de transição, entrando na fase adulta, porque ele tem demandas e responsabilidades a mais. Tem também sua autocobrança e o contexto social em que está inserido", destaca o médico, acrescentando que casos de ansiedade têm surgido cada vez mais cedo na população.

"As pessoas, de uma forma geral, têm uma exposição às telas muito maior, e nossa neurobiologia cerebral não comporta essa exposição excessiva", pontua Napoleão. O uso intenso das redes sociais, de acordo com ele, ajuda a disseminar ideais inatingíveis de felicidade, impactando a saúde dos jovens e contribuindo para doenças como a depressão. "Aquela vida virtual, que não é a vida real, acarreta em frustrações, sensação de insuficiência e cobrança. O mundo nos exige muito mais, e isso resulta nesse processo de adoecimento mental", pondera o especialista.


Ilustração: *Bruno Chiossi*

Angústia sobre o futuro resulta não apenas de pressões sobre carreira e salários, mas também do uso nocivo da internet e das crises internacionais

Mercado e avanços tecnológicos contribuem para inquietação

A psicóloga Adriana de Melo concorda que, embora as transformações hormonais e corporais sejam as mesmas, chegar à vida adulta tornou-se mais desafiador, em decorrência do contexto social contemporâneo. "O mercado de trabalho, por exemplo, mudou. Antes, os jovens terminavam os estudos e iam buscar um emprego, uma colocação. Hoje, há uma inquietação muito maior, e há várias formas de trabalho, não precisa seguir aquele formato convencional que a gente aprendeu, lá atrás. Essa variedade também causa inquietação", analisa, complementando que questões como catástrofes ambientais, conflitos militares e o desenvolvimento da inteligência artificial (IA) provocam insegurança nos jovens quanto ao seu futuro: "Você começa a pensar: se eu terminar minha universidade daqui a quatro anos, como estará o mercado? Porque tudo muda muito rápido".

Em seu consultório, Adriana ouve diversos relatos de pacientes com crise de ansiedade, diante de pressões como essas. "Muitos acham que não darão certo no mercado de trabalho, têm medo da concorrência para um concurso público, dizem que sentem angústia com relação ao futuro — coisas que são naturais nessa fase, mas não com a intensidade que tem havido hoje. Muitos homens e mulheres não querem ter filhos, por medo de como o mundo estará", frisa a especialista, segundo a qual esse estado ansioso já deixou de ser algo momentâneo e passou a fazer parte do dia a dia de vários jovens.

Ela ressalta, ainda, que as relações familiares também influenciam a postura da nova geração, pois muitos adolescentes passam grande parte do tempo reclusos em seus quartos, com pouco diálogo com os pais e bastante uso da internet. "É muito importante conversar com seu filho, incentivar que ele tenha um estilo de vida saudável, com convívio social e esportes, e explicar que cada pessoa tem um modo diferente de enxergar o mundo, que não precisa haver tanta comparação com os outros. Às vezes, a gente está sentindo alguma coisa e não tem com quem compartilhar, e isso vai piorando", alerta Adriana.

Napoleão Bezerra acrescenta que, na construção desse contato mais próximo e franco com os jovens, é preciso que os pais ou responsáveis respeitem a individualidade e os limites de cada um, já que "a busca por melhorias não pode gerar doenças". O psiquiatra reforça a importância de uma alimentação equilibrada, boas noites de sono, atividades de lazer e exercícios físicos regulares. "E, claro, se surgir algum adoecimento psíquico, deve-se procurar ajuda, porque os problemas têm tratamento e solução", conclui.

Foto: *Arquivo pessoal*



É importante explicar ao seu filho que cada pessoa tem um modo diferente de enxergar o mundo, que não precisa haver tanta comparação

Adriana de Melo

Diálogo ajuda a minimizar a ansiedade

De todos os aspectos do contexto atual, como o aquecimento global, problemas econômicos e transformações tecnológicas, a jovem Alice Camily, de 17 anos, acredita que o maior causador de ansiedade em sua geração é o grande volume de informações a que se tem acesso, diferentemente do que acontecia há algumas décadas. "No passado, eles tinham os problemas do passado, e, hoje, a gente tem os problemas deste tempo. São coisas muito diferentes e formas diferentes de lidar com elas", observa, defendendo que a comparação entre os desafios de cada época, como se uma fosse melhor ou mais fácil que a outra, "não leva nenhum lugar".

Prestes a iniciar os estudos na universidade, ela conta que, durante o Ensino Médio, teve sua saúde afetada por pressões e questionamentos relacionados aos seus planos profissionais. "Você recebe uma enxurrada de perguntas sobre o que vai fazer no futuro: qual curso quer; se a profissão dá dinheiro; como será o mercado de trabalho; se você tentará uma universidade pública, daqui ou de outro estado, ou se pagará uma particular. Tudo isso sobre uma pessoa que ainda está se entendendo", comenta Alice, frisando que seu caso não é isolado: "Por gerar ansiedade, isso gera medo e acaba por paralisar o indivíduo".

A jovem lembra que procurou um orientador profissional para trabalhar o sentimento sobre onde ela se encaixava no meio social, já que, como percebeu, seu estado emocional agravava algumas questões totalmente contornáveis. "Quando você está com ansiedade, acha que o mundo vai acabar e que tudo depende de você", avalia. Com o passar do tempo, porém, Alice compreendeu que é "mais uma jovem que vai entrar na faculdade, procurar um emprego, entender o mercado de trabalho e lidar com diversas experiências". Hoje, ela diz conversar sobre esse tema com amigos e familiares.

Foto: *Arquivo pessoal*



Para Celline, IA amplia insegurança sobre empregos

Hoje, temos os problemas deste tempo. São coisas muito diferentes e formas diferentes de lidar com elas [em relação aos desafios do passado]

Alice Camily

Cobranças e custos

Preocupações quanto à empregabilidade também atingem a recepcionista Celline Medeiros, de 22 anos. "Vemos que está cada vez mais difícil [entrar no mercado de trabalho] devido à falta de oportunidade e/ou cobranças excessivas, e isso acaba gerando ansiedade e desestímulo, uma sensação de que não somos capazes", confessa, apontando que a insegurança cresce devido ao avanço das novas tecnologias: "Vários empregos estão sendo substituídos por máquinas e inteligência artificial".

Segundo Celline, as dificuldades atuais para adquirir um carro 0 km ou uma casa própria são mais um fator de impacto psicológico sobre os jovens. "Nós pensamos se, um dia, iremos conquistar as mesmas coisas que nossos pais conquistaram. Valores excessivos são o principal obstáculo para a conquista desses bens, tanto da posse quanto dos meios para mantê-los, como valores de autoescola, seguros, emplacamento e IPVA", pondera a recepcionista, enfatizando que a conjuntura nacional e mundial envolve não somente os jovens, mas toda a população: "Mudanças econômicas, crises políticas e até o aquecimento global acabam afetando a vida de todos".

A solução para lidar melhor com todas essas transformações e encontrar seu espaço na sociedade, como recomendam os profissionais de saúde, é buscar o equilíbrio entre o bem-estar e a produtividade.

MARKETING EPC

O SOM DA PARAÍBA
PALCO TABAJARA
USINA ENERGISA

TERÇAS ÀS 20H

ENTRADA GRATUITA

SALA VLADIMIR CARVALHO, USINA ENERGISA
TRANSMISSÃO NA RÁDIO TABAJARA 105.5 FM E YOUTUBE

22 ABR BIXARTE + PRICLER E AS PANTERONAS

29 ABR KENNEDY COSTA + SOM NA CALÇADINHA

06 MAI MARIA + RUANNA

13 MAI TOTONHO + NICÁCIO E BANDA

03 JUN OS FULANO + ESCURINHO

10 JUN GITANA PIMENTEL + LILY SANFONEIRA

APOIO:



REALIZAÇÃO:





GOVERNO
DA PARAÍBA

ARTES VISUAIS

Cidade a quatro maõs

Sergio Cezar, o "arquiteto do papelão", convida estudante paraibano para expor miniaturas urbanas em evento na França

Fotos: Arquivo pessoal

Feitas à mão, as maquetes de Cezar são conhecidas por sua minuciosa riqueza de detalhes

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Aconteceu de maneira inusitada. O artista visual Sergio Cezar, famoso pelo epíteto de "arquiteto do papelão" — responsável pela maquete de abertura da novela global *Duas Caras* (2007), uma favela com mais de nove mil barracos —, foi convidado para ministrar uma oficina de pintura de tecidos, promovida pelos professores Tiago Spinelli e André Souza, do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), no *campus* Santa Rita, em novembro do ano passado. Na plateia, descobriu Jefferson Rodrigues, um ouvinte interessado que já acompanhava o trabalho do renomado artista carioca há algum tempo pela internet. Tal como os detalhes do cotidiano das favelas cariocas, presentes às miudezas da arte primorosa de Sergio, o deslumbre do estudante não passou despercebido ao mestre.

Sergio Cezar se entusiasmou tanto com o brilho no olhar de Jefferson Rodrigues que o convidou para uma exposição em Montpellier, ao sul da França, integrante da Temporada França–Brasil 2025, em comemoração aos 200 anos de relações diplomáticas entre os países. Ainda sem data definida para a viagem, Jefferson e Sergio participarão da mostra em conjunto, com trabalhos produzidos em parceria.

"Você começa a ver que a pessoa tem um talento. Olha e já vê que a pessoa tem um talento e que tem que deixar florescer", afirma Sergio. "Resultado: chamei. Eu falei: 'Ó, eu estou com uma favela, uma cidade para criar, e você vai ser o meu ajudante. Vai estar participando, aprendendo, e, ao mesmo tempo, vai estar contribuindo para essa arte'", descreve o artista sobre o momento de conexão com o jovem de 18 anos.

O encontro

Jefferson Rodrigues é integrante da companhia de dança afro-brasileira, Aurora Dance, do bairro santarritense de Marcos Moura, e o convite primeiro para a aula de Cezar no IFPB foi endereçado a esse grupo. "Quando recebi esse convite, eu pensei: Serei o primeiro a ir. Levantei logo a mão", relembra. "Assim que eu cheguei lá, que vi ele pessoalmente, eu disse: 'Cara, não é possível que eu estou aqui e Sergio Cezar está na minha frente'".

O jovem conta que acompanhava a obra de Sergio Cezar desde pequeno. A idolatria era tanta que sua única reação diante da aula foi ficar estático, petrificado, colado à carteira feito as folhas de uma chapa de papelão. "Com aquela vergonha", diz Jefferson. "Aí, ele chegou até mim e disse: 'Garoto, por que eu estou dando aula e você não está participando? Não tenha vergonha, venha cá!'".

Sergio rememora que, quando a palestra terminou, percebeu que Jefferson estava muito interessado. "Dizia que queria aprender tudo. Eu fiquei com a imagem do menino, dizendo: 'Eu quero aprender', sabe? Isso que é legal. Essa coisa de querer aprender", remonta.

Na lembrança afetiva do aprendiz, Sergio Cezar reconheceu o potencial artístico de Jefferson e, logo após o término da aula, foi até o rapaz para presenteá-lo com tintas e pincéis, em demonstração de carinho e apreço pela vontade de aprender do jovem. Pegou o Instagram de Jefferson, trocou ideias e lançou a proposta. "Do nada, ele disse: 'Você toparia participar de um projeto de construir uma favela para apresentar na França comigo?' Quando ele falou isso, eu falei: 'Não, isso é mentira; isso aí não tem condição de ser verdade, não'", recorda o discípulo, cheio de entusiasmo.



Cezar e Jefferson Rodrigues vêm trabalhando juntos na construção das réplicas focadas no cotidiano das urbes

Do lixo ao sonho

A obra que vai aportar na França — uma maquete toda feita em papelão, medindo 1,70m por 1,50m — é constituída por representações de barracos das favelas do Rio de Janeiro, lugar onde nasceu Sergio Cezar. Radicado há mais de dois anos no Conde, no Litoral Sul da Paraíba, o "arquiteto do papelão" também levará para a mostra internacional peças que estilizam alguns espaços de Jacumã — em sua opinião, muito parecidos com o que é visto na cidade maravilhosa.

Ele explica que gosta de trabalhar nas peças com uma ideia de reprodução livre do critério de fidedignidade. "Eu não reproduzo. Pego essa ideia da arquitetura e faço, mas não gosto de reproduzir", confessa Sergio Cezar.

Trabalhando a quatro mãos, o processo criativo do artesão carioca se mostra em minúcias e bastante fiel aos costumes locais, como atesta Jefferson Rodrigues: "Aqui, no Brasil, tem uma coisa que eu gosto muito, que é o açaí. Eu disse para ele que nessa favela estava faltando um negócio: uma açaiteria. 'Então, faça', ele disse".

A questão da poluição ambiental é mesmo muito cara a Sergio Cezar. Viajando pelo Brasil e por terras estrangeiras, o artista ministra palestras nas quais atenta para o potencial criativo de trabalhar com tudo aquilo que se é descartado em sociedade, visando, sobretudo, a conscientização dos jovens. "O lixo é uma coisa muito rica. Eu vejo os empresários, que têm espaços de coleta de lixo, estão todos muito bem de vida, sabe? E isso tem que ser passado para os jovens", ressalta, cônscio de que nem sempre pensou desse modo.

Cezar confessa que, quando começou a fazer o seu trabalho, ele tinha vergonha de passar pelas ruas e pegar um ou outro descarte do lixo para reutilizar nas suas maquetes, preso ao que os outros iriam falar. "Na realidade, você não tem que ficar com vergonha. Você está fazendo um movimento cultural e um movimento ambiental também, incentivando outras pessoas a cuidarem da questão ambiental, que, infelizmente, está muito séria", reitera.

A ideia, futuramente, é montar em Jacumã um museu do papelão, grande cidade em miniatura que deve funcionar como obra aberta, em permanente expansão. Para o novíssimo projeto, o arquiteto anda à cata de um terreno propício à montagem de sua estrutura, que incluirá réplicas de casas de quilombolas, além de espaços e construções indígenas, uma pólis sensível e atenta às contribuições culturais da nossa região.

"Eu vou levá-lo para participar de um grande momento com a arte, de uma arte coletiva, e quero também ver se faço o intercâmbio dele com alguns jovens de lá", diz Sergio Cezar. "Eu queria, na realidade, ter trabalhado com mais jovens daqui, mas, infelizmente, eu não consegui", completa.

Não sabe o mestre que seu trabalho já depurou a massa e colou-se ao terreno do discípulo, um sonho leve como uma folha, mas de matéria firme como um papelão. "Eu não posso dizer que é um sonho, porque cumpro metas. A meta, para mim, é dar aula para crianças, para poder desenvolver essa criatividade junto a elas. Porque olho, hoje em dia, e vejo que a essência de criar está morrendo. E eu quero reviver, sabe?", conclui Jefferson Rodrigues, o aprendiz — apesar de já podermos chamá-lo de arquiteto.



Jefferson (à esq.) na oficina de pintura de tecido, ministrada por Cezar (à dir.); dupla estará numa exposição da Temporada França–Brasil 2025, na cidade francesa de Montpellier

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Débora Borges

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

O amor na canção popular (1)

O amor é um desses sentimentos universais que inspirou poetas de todas as épocas, uma força tão intensa que chega a embriagar. Não sei se a arte existiria sem o amor, mas tenho absoluta certeza de que, sem ele, perderíamos um número incontável de obras artísticas que estão entre as coisas mais valiosas que já criamos.

É no campo da estética, nesse cruzamento entre o amor e a arte, que nasce uma experiência capaz de superar a palidez do cotidiano, mas que, ao mesmo tempo, nos coloca frente a frente com as condições históricas que moldam as possibilidades de existir — o aqui e agora — e com o desamparo da vida.

Como tudo que é humano, o amor não está imune ao *zeitgeist* — "espírito do tempo". As formas como o representamos nem sempre são as mesmas. O amor romântico, por exemplo, é uma invenção historicamente recente. Suas origens estão ligadas aos trovadores franceses do século 11, um grupo de poetas que eram responsáveis por cantar sobre o amor nas cortes. Foram eles que, no mundo ocidental, iniciaram a construção de uma idealização do amor cujos elementos povoam o nosso imaginário até os dias de hoje. A poesia trovadoresca foi a responsável por elaborar a imagem de uma mulher pura e praticamente inalcançável.

O amor é visto por eles como sentimento que vai provocar dor e vai fazer sofrer, mas que é um meio para a elevação espiritual e moral. Era comum que o amor descrito pelos trovadores não fosse consumado, que ficasse "só na vontade", isto é, no campo da imaginação, sendo capaz de produzir nos homens um arrebatamento que os levaria a uma atitude de "servidão" em relação à mulher amada. Esses poetas vão deixar marcas na literatura medieval e posteriormente influenciar o romantismo.

É no século 18, na Europa, que o amor romântico ganha uma dimensão de maior influência cultural. Ele vai incorporar a ideia de individualidade burguesa. Segundo o sociólogo inglês Anthony Giddens, isso significou a introdução de uma narrativa para a vida individual. Em outras palavras: a perspectiva narrativa do amor romântico teria um caráter individualizado — deixando de lado a dimensão social —, no qual seriam introduzidos o eu e o outro.

É com base nisso que Giddens afirma que o tipo de intimidade que o amor romântico desperta não é compatível com a lascívia, o que não se explica por seu aspecto idealizado. A questão principal é que o amor romântico pressupõe o que ele chama de uma "comunicação psíquica" ou um "encontro de alma", que teria um "caráter reparador". Esse outro é responsável por preencher um vazio, uma falta.

Chico César retrata bem isso na canção "À Primeira Vista", construindo um eu lírico que é marcado pela incompletude e a busca pelo amor. Assim como o mito do deus da identidade, que, "quando se deu conta de que estava só, sentiu desejo de outro e se tornou dois", o compositor paraibano recorre à ideia do "amor à primeira vista" dos românticos e a noção de "completar-se no outro": "Quando me chamou, eu vim / Quando dei por mim, tava aqui / Quando lhe achei, me perdi / Quando vi você, me apaixonei".

Tenho poucas dúvidas de que, sem os trovadores, seria possível que chegássemos à noção moderna do amor como um fim em si mesmo — algo que dá sentindo último à vida. Como vemos nos versos de Renato Russo: "É preciso amar / As pessoas como se não houvesse amanhã / Porque se você parar pra pensar / Na verdade, não há".

Numa entrevista de 1993 concedida à MTV, Renato revelaria uma desilusão com o amor romântico: "Hoje em dia, não acredito em amor romântico, não. Eu acredito em respeito e amizade. Amor romântico mesmo, sabe? Eu acho que traz muito sofrimento e… sempre acaba. Você sofre, você fica pensando na pessoa, não funciona direito. Eu descobri certa inveja, certo ciúme. É uma possessividade e no meu caso eu fico muito machista… e isso incomoda".

Por outro lado, tenho certeza que o amor romântico como o conhecemos não seria possível sem o cinema, a literatura e a música popular. É o cinema, em especial Hollywood, que vai reforçar as ideias básicas desse amor, com enredos nos quais as pessoas se apaixonam à primeira vista e são "felizes para sempre".

Afinal, o que seria dos filmes hollywoodianos sem os "finais felizes"?

(Conclui na próxima semana)

Mutável

Como tudo que é humano, o amor não está imune ao *zeitgeist* — "espírito do tempo". As formas como o representamos nem sempre são as mesmas

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Cegueira moral

A razão instrumental, conforme desenvolvida pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903–1969) e Max Horkheimer (1895–1973), na *Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1944, é um conceito que gravita em sua crítica à modernidade e à racionalidade ocidental. Eles o utilizam para explicar como a racionalidade é utilizada nas sociedades modernas e contemporâneas, especialmente para o capitalismo e a industrialização. Por exemplo, essa razão, em vez de se preocupar com a busca do conhecimento pela compreensão ou pela solidariedade, preocupa-se apenas com a exploração desumana da eficiência do cidadão pela força de trabalho e a apropriação criminosa do lucro progressivo que ele produz, ou seja, a razão instrumental não questiona os fins em si, mas apenas os melhores meios para alcançá-los. Essa transformação da razão em um instrumento para a obtenção de objetivos práticos de dominação e alienação é a tese principal da crítica de Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno e Max Horkheimer.



Filósofo alemão Max Horkheimer (1895–1973), coautor de "Dialética do Esclarecimento"

Adorno e Horkheimer afirmam que o movimento iluminista, que se originou no século 18, inicialmente emancipava os seres humanos da superstição, da opressão religiosa e das autoridades arbitrárias por meio do uso da razão. No entanto, ao longo do tempo, esse processo de esclarecimento se transformou, especialmente com o avanço do capitalismo e da ciência moderna, em uma racionalidade instrumental que se desvia da busca pela liberdade e pela autonomia humanas.

Para eles, o que deveria ser a razão emancipatória tornou-se, paradoxalmente, uma forma brutal de controle e dominação. O exemplo mais visível disso é observado no desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Embora a ciência tenha sido inicialmente considerada um processo para libertar os seres humanos da ignorância e da opressão, ela também foi absorvida pela ganância desenfreada do capitalismo e do preservo sistema produtivo, tornando-se um meio para a exploração e o controle dos seres humanos, também para destruição dos recursos da natureza.

Adorno e Horkheimer argumentam que, com a ascensão da razão instrumental, a capacidade crítica e reflexiva da racionalidade foi reduzida e noutras pessoas foram destruída. A razão passou a ser utilizada para a manipulação do mundo e dos cidadãos, sem o respeito e nem com consideração ética ou da dignidade humana. Esse processo desumano e cruel está relacionado ao conceito de controle coletivo e individual. Por consequência, isso consolida e expande a dominação social, uma vez que ela se adapta à exploração econômica.

Em sua crítica ao progresso e à autonomia, Adorno e Horkheimer questionam também a ideia de progresso associada à modernidade. Para eles, o progresso tecnológico e científico, quando orientado pela razão instrumental, não leva à emancipação humana, mas ao aumento da exploração, da alienação e da opressão. A razão instrumental, em vez de promover a autonomia, reforça os sistemas de poder e a destruição da cultura de pertencimento, gerando um embrutecimento banal na maioria dos cidadãos.

Quanto às implicações para a ética e a política, a razão instrumental, ao se separar das questões éticas e normativas, destrói ou enfraquece a capacidade de julgar e avaliar criticamente as condições sociais e políticas de uma sociedade. Isso resulta em uma cegueira moral que permite que as pessoas participem, muitas vezes, de forma passiva, de sistemas de opressão. Além disso, essa forma de racionalidade contribui para a perda do senso crítico do mundo, algo que Adorno e Horkheimer consideram essencial para a transformação social por meio da solidariedade humana, e também para eliminar a cegueira moral das pessoas em sua racionalidade instrumentalizada.

Sinta-se convidado à audição do 516º *Domingo Sinfônico*, que ocorrerá neste dia 20, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa, a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clicar em rádio ao vivo) pelo aplicativo em: radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante a transmissão, comentarei e apresentarei as danças sinfônicas, os balés, as marchas e os temas de alguns filmes.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Foto: Otávio Magalhães/Estadão Conteúdo



Cantor e compositor carioca Milton Nascimento, em 2003

Memórias da estrada

Quando não sou perspicaz, nem sagaz, sequer sou inteligente ou de uma sensibilidade que não consigo deglutir pedras rolantes (e quem quiser que atire as suas), porque eu não sou a Madalena. Sim, a festa é imodesta que a gente faz um pelo outro ou quando reencontramos ossos, sem rasgar seda, sem mandar flores.

Não tem sido fácil, mas eu não furo sinal e sei a hora de tirar o pé do acelerador. As paisagens vão ficando na estrada, onde morre o sol do nosso convívio. Nenhuma palavra na travessia. Até botamos o trivial em dia. Paramos para um misto quente. Filmamos a paisagem, mas não postamos.

Na volta, almoçamos no Buraco da Gia, em Goiana, Pernambuco. Nunca tinha penetrado naquela escavação. O silêncio da estrada, um tipo de silêncio que incomodava. Lembrei-me do grito solto parado no ar de Gianfrancesco Guarnieri.

No carro, a música de Milton Nascimento preenchia o coração que nasceu livre — a voz de Milton pede silêncio e ninguém ousaria impor um limite à música, mas alguém ali impôs um desejo, "bota o Roberto". Não, as curvas da estrada de Santos já não servem como indicativo do GPS. O silêncio impera.

Quando eu morrer, ficarei livre de muitas respostas, de tantas perguntas e devo levar somente as que me tocam a poesia que ilumina meus dias. É confuso, mas houve causa e efeito e, nesse sentido, para o próprio bem, deixa o Clube da Esquina tocar, o que não toca mais no girassol de seus cabelos.

Quando eu morrer, não estarei mais desatento as cobranças indevidas dos rolamentos dos seres que se veem empurrados, empurrando a vida dos outros. Não ouvirei mais meu nome sendo chamado em alto som, para socorrer o que já está morto. Deve ser muito ruim morrer e ficar...

O passado, na memória da estrada, não sai do retrovisor. Não é bom repetir os mesmos lugares, os mesmos gestos e a eterna estupidez, onde se busca o resumo que antes falava de amor, agora é só dor.

Na metade do caminho, um inseto amarelo estranho esbarrou no vidro do passageiro, parecia dentro do carro, assustador como a barata de Kafka, como senão estivéssemos a dar conta da inutilidade voluntária da existência, como recomendou Allan Kardec. Não espero para acontecer o que não continua.

Quando a presença dos antigos conhecidos viram desconhecidos e tudo deixa de surtir em nós qualquer efeito, e o mundo já não é "fulgás" (o mundo da canção de Marina), ser feliz por um triz e só é o jeito, até para o que não jeito.

Os dias passam e a gente continua na estrada, e nos sentimos apodrecer, num silêncio docemente cruel.

Os nomes nunca precisam ser anunciados. O escritor André de Leones é autor do livro *Meu Passado Nazista* (Record), que relata a história de seu avó, "el matador" de milhares de judeus. O neto sabe muito bem da câmara de gás, do morrer sem fim, da cara de quem reconhece um nazista no escuro. Aliás, o mundo está cheio de nazistas.

Nessa asa do vento, nessa compaixão, começam a despegar as fotos das paredes de modo a não perder o fio da meada, não o que enforca, mas o que liberta, mesmo não havendo outra BR, outra passagem, a que ficou para trás, quando tive que parar o carro para mijar. Como é ruim mijar no mato sem cachorro.

Kapetadas

1 — Olha, veja, existe consciência social e existe inveja. Tem muita gente usando o primeiro para disfarçar o segundo;

2 — Você percebe que a pessoa precisa de terapia pelo número de "eus" que ela fala, mesmo o assunto não sendo sobre ela.

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

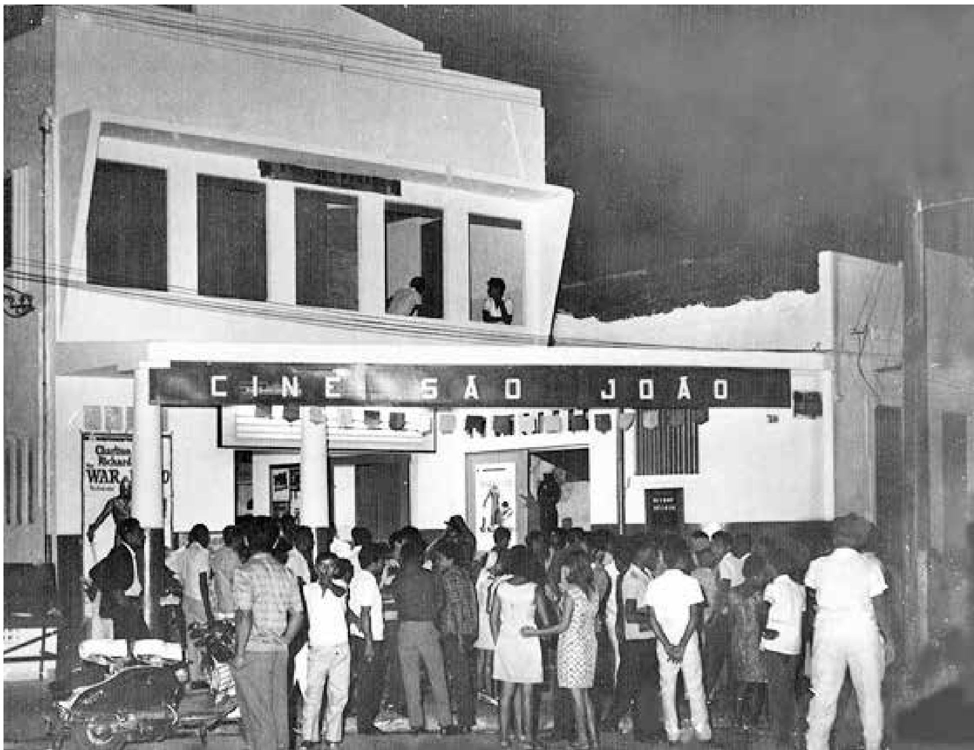
A ditadura que resistimos com nossos cinemas

O ano de 1964 é marcado na história do Brasil como o "ano do golpe militar". Durante um período de 20 anos, a terra em que "Severino do Cinema" morava foi coberta por um manto de censura e repressão. Em consequência disso, a maioria de nossas exibições tinha que passar pelo crivo da censura. Situação que vivi com meu pai, à época, proprietário de duas salas — Cine São João, em Santa Rita, e Cinerama, no distrito Várzea Nova.

No entanto, a relação do que se preconizava como sendo "os anos de chumbo" jamais abateu o ânimo de meu pai. Pois ele nunca demonstrou nenhum partidarismo em relação ao regime, embora tivesse suas admirações à política institucional séria. Ele nunca participou de movimento político-partidário, jamais. Era uma pessoa apartidária, tinha admiração por pessoas, pelo bom administrador. Não era de agregar modismos políticos. Sempre foi bem-visto e influente na cidade de Santa Rita. Ganhou o respeito por ser um homem empreendedor e da família.

Visto a influência e o respeito que tinha, diversos políticos o procuravam com propostas de fins partidários, e ele sempre as recusava. Acima de tudo, respeitava a liberdade individual de cada um. Foi assim que sempre vi o meu pai. Não foram poucos os políticos a lhe fazer propostas, mas ele sempre as recusava. Seu voto nas eleições municipais era certo, jamais por influência, porque achava que cada um tem a sua simpatia política. Também jamais disse em quem deveríamos votar nas eleições, respeitando e deixando à sua família o livre-arbítrio de escolha.

Foto: Arquivo pessoal



Cine São João, uma das salas de cinema localizada em Santa Rita, na Grande João Pessoa

Quanto ao regime político vigente naquela época, por ter uma atividade de cinema fora do estado, meu pai sentiu muitas vezes o impacto e a tortura de então, ao ser parado na divisa por militares durante as suas viagens a Recife, onde ia contratar e trazer seis filmes para exibição em suas salas. E isso acabou causando sustos em nossa família, devido à repressão política e o "sumiço" de pessoas ter sido coisa comum e frequente naquela época. Um medo que acabara por se instalar em todos nós, sobretudo em minha mãe, devido às viagens semanais de meu pai à capital pernambucana e a sua volta para casa.

Muitas das vezes, ficávamos nós à frente das sessões noturnas, ansiosos, esperando meu pai, que só chegava de Recife perto de meia-noite. Fato é que, quando se chegava em Goiana, já perto da Paraíba, era tudo bloqueado pelo exército para uma séria vistoria pelos militares. "Época triste!", dizia o meu pai. — Mais "Coisas de Cinema", acesse: www.alexsantos.cem.br.



Eleição na APC será no início de maio

A presidência da Academia Paraibana de Cinema (APC) informa que, a data da eleição do novo integrante da entidade, entre os quatro candidatos inscritos para cadeira nº 2, será na primeira quarta-feira de maio. O adiamento da eleição se deu em razão da decretação de ponto facultativo na Unidade Tambaú da FCJA, em João Pessoa.

O professor João de Lima, presidente da APC, recebeu convite do secretário de Educação e Cultura da cidade de Sapé para a abertura da Semana Augusto dos Anjos, que acontece no memorial de mesmo nome. O evento acontecerá na próxima terça-feira, às 13h, quando será aberta a mostra audiovisual de autores locais.

ARTES VISUAIS

Na capital, exposição constrói arqueologia íntima para criar novas narrativas sobre si

O Espaço Expositivo Alice Vinagre, localizado no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, apresenta a exposição *Procurei Amor no Vazio e Encontrei Eco de Mim Mesma*, de Ferdinnande. A entrada é gratuita e a mostra fica aberta até o dia 23 de maio.

Ferdinnande é uma artista trans não binária que explora temas como relações humanas, sexualidade e autodescobrimento em suas obras. Seu trabalho, que abrange fotografia, desenho, pintura em tela e técnicas têxteis, reflete as complexidades dos afetos, das dinâmicas familiares e da comunidade LGBT. Sua arte é um espaço de liberdade onde desafia estereótipos de gênero e promove aceitação, celebrando a intimidade e o autoconhecimento.

As obras de *Procurei Amor no Vazio e Encontrei Eco de Mim Mesma* se constroem como uma arqueologia íntima, em que fragmentos da infância, ecos de dogmas e resquícios de anseios não correspondidos são reorganizados para criar novas narrativas sobre si. As peças apresentadas — pinturas, objetos, desenhos — evocam um corpo que ora se dobra ao olhar externo, ora se expande em sua própria soberania.

Entre autoficção e documentação, a exposição questiona: Até que ponto buscamos a aprovação do outro antes de nos aceitarmos? Como o amor, a fé e o pertencimento são ressignificados quando o corpo se torna seu próprio oráculo? Na mostra, cada obra se coloca como um testemunho, uma oferenda, um pedido e uma resposta.

Os horários de visitação são de 7h às 22h, de segunda-feira a sábado; já nos domingos e feriados, é das 8h às 20h.



Foto: Divulgação/Funesc

Ferdinnande explora temas como relações humanas, sexualidade e autodescobrimento em suas obras

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

De escritores para escritores

Estou lendo o romance de Carson McCullers, *O coração é um caçador solitário*, publicado em 1940, quando a escritora norte-americana tinha 23 anos de idade. Leio numa edição da Abril Cultural, de 1984, numa tradução de Marcos Santarrita, da coleção Grandes Romancistas.

Na linhagem dos autores do Sul dos Estados Unidos, como William Faulkner, Tennessee Williams e Truman Capote, por exemplo, McCullers flagra, em estilo duro e direto, a face trágica da vida, pondo em relevo personagens problemáticos, figuras especiais, seres agônicos e desamparados num mundo indiferente e sem saída.

Quem me sugeriu a leitura foi outro escritor norte-americano, Henry Miller, por quem nutro velha e reiterada admiração. Henry Miller integra também a tradição dessa curiosa estirpe. Ele escreveu um livro que nunca deixo de ler e reler e cujo título já revela seu grande amor pelos livros. Falo de *Os livros da minha vida*, obra seminal e desafiadora para todos aqueles que cultivam a sagrada paixão pela experiência da leitura.

O que ele escreve, mesclando seu faro de ficcionista à sua ensaística intuição, me parece decisivo à compreensão de tópicos essenciais da obra de um Blaise Cendrars, Rider Haggard, Jean Giono, Walt Whitman, Herman Hesse, Lawrence e Krishnamurti. Acerca deste último dedica páginas incontornáveis que me levaram a mergulhar, fundo, nas lições e no pensamento do genial indiano.

Dos livros sobre livros, este, de Henry Miller, me toca em particular. Henry é um escritor de gênio, um leitor apaixonado e aguerrido. Por isso mesmo não posso ser indiferente a suas dicas de leitura. Seu ensaio a respeito de Arthur Rimbaud, *A hora dos assassinos*, me parece uma ousada e arguta exegese a partir das tensas inter-relações entre vida e obra.

Gosto, portanto, quando os escritores escrevem sobre os seus pares, seus antecessores, seus contemporâneos, e falam de seus caprichos de leitura. Não raro, mais que os teóricos, mais que os críticos, mais que os professores, são capazes de iluminar, com sua sensibilidade e sua imaginação, aspectos seminais das obras e dos autores lidos.

Devo a Vladimir Nabokov uma das melhores leituras da *A metamorfose*, de Kafka. Também aprecio, embora discorde em muitos pontos de sua argumentação, seus desapontamentos em torno dos romances de Dostoievski. E, por falar em Dostoievski, foi por sugestão do autor de *Crime e castigo* que fui ler Gogol, Pushkin e Victor Hugo.

José Lins do Rego, por exemplo, me levou a Thomas Hardy; Autran Dourado, a Gustav Flaubert; Lúcio Cardoso, a Julien Green; Gerardo Mello Mourão, a Dante Alighieri; Pedro Nava, a Marcel Proust, e José Antônio Assunção, a Jorge Luís Borges.

É lendo um determinado autor, portanto, que descubro outros, passando a conviver numa rede de contatos literários que se estende em múltiplas direções. Para se ler bem, nunca devemos ler um autor sozinho. Todo autor deflagra uma espiral de outros autores.

Quero me referir, aqui, principalmente àqueles ficcionistas, ensaístas e poetas que, sendo senhores de suas respectivas obras de criação, voltam-se, contudo, livremente, isto é, sem amarras metodológicas, para o convívio crítico com a criação alheia.

Foto: Carl Van Vechten/Reprodução



Escritora norte-americana Carson McCullers (1917-1967), autora do romance "O coração é um caçador solitário" (1940)

Colunista colaborador

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Débora Borges

EM SAPÉ

Evento festeja Augusto

EPC participa da celebração e entrega versão em braille do "Eu"

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A Prefeitura Municipal de Sapé, na Zona da Mata paraibana, promove, a partir da próxima terça-feira (22), a Semana Comemorativa dos 141 anos de Augusto dos Anjos. O escritor será homenageado em sua cidade natal com uma programação cultural extensa e gratuita, que abre às 13h, no memorial dedicado ao autor, situado na PB-004.

A Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) estará presente no evento e entregará, na ocasião, uma versão acessível do *Eu*, seu livro de poemas: essa edição foi produzida pelo setor de Imprensa Braille da instituição. A cópia doada seguirá para um museu em Leopoldina, cidade mineira onde Augusto faleceu.

A grade, na terça-feira (22), abrirá com uma apresentação da Banda Santa Cecília, seguida de uma apresentação audiovisual de artistas locais. Às 19h, na Praça João Pessoa (no Centro do município), a prefeitura oportuniza uma homenagem a outros escritores sepeenses. Na quarta-feira (23), às 9h, a programação retornará ao Memorial Augusto dos Anjos para o tributo ao falecido autor Arnaud Costa e o lançamento do livro *Microcontos Reiterados*, de Fábio Mozart e Wolhfagon Costa. A semana comemorativa encerrará na sexta-feira (25), com um sarau e os *shows* de Sandra Belê, Banda Rádio Sucata e o Grupo Curta Ópera — todos no memorial.

Eu, publicado pela primeira vez em 1912, reúne alguns dos poemas de Augusto concebidos até aquela data — dentre eles, "Psicologia de um vencido". Essa foi sua única obra publicada em vida, já que o paraibano nos deixou dois anos depois, vítima de pneumonia. A versão em Braille do livro, produzida pela EPC, dá segmento ao projeto de tornar acessíveis textos clássicos da literatura do estado — o primeiro foi *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, concluído em 2023.

Hanna Pachu, membro da equipe Braille, detalha que a edição acessível de *Eu*, finalizada no ano passado, tem 150 páginas, divididas em três volumes — esse foi o espaço necessário para a área pontilhada, que será, depois, tateada por pessoas cegas ou com baixa visão: "A impressora Braille fica conosco, mas para a impressão das capas, única página ilustrada do livro, contamos com o apoio da Gráfica A União". Otto de Sousa, que também participou dessa iniciativa, enaltece o projeto: "Ter contato com essa obra e ampliar nossos horizontes de leitura é muito importante".



Lado a lado, a obra de Augusto dos Anjos em fac-símile (à dir.) e a versão acessível da mesma (à esq.), produzida pelo setor de Imprensa Braille da EPC

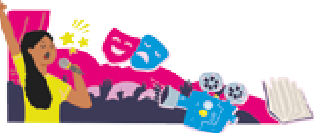
Fotos: Roberto Guedes





Hanna Pachu e Otto de Sousa (acima) fazem parte da equipe da Imprensa Braille da EPC, responsável por essa versão

Em Cartaz



Cinema

*Programação de **17 a 23 de abril**, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.*

** Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento; o Cinemaxxi Cidade da Luz, em Guarabira; o Cine Guedes, em Patos; e o Cine RT, em Remígio, não haviam divulgado suas programações.*

ESTREIAS

NAS TERRAS PERDIDAS (*In the Lost Lands*). EUA, Alemanha, Canadá, 2025. Dir.: Paul W. S. Anderson. Elenco: Milla Jovovich, Dave Bautista, Arly Jover. Fantasia. Uma bruxa viaja para as Terras Perdidas em busca de um poder mágico que permite a uma pessoa se transformar em um lobisomem. Uma adaptação de três histórias escritas por George R. R. Martin. 1h42. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h20, 19h15; leg.: 16h45, 21h45. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 14h20, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h20, 20h40.

PECADORES (*Sinners*). EUA, 2025. Dir.: Ryan Coogler. Elenco: Michael B. Jordan, Hailee Steinfeld, Miles Caton. Ação e terror. Dispostos a deixar suas vidas conturbadas para trás, irmãos gêmeos retornam à cidade natal para recomeçar suas vidas do zero, quando descobrem que um mal ainda maior está à espera deles para recebê-los de volta. 2h17. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 17h45; CENTERPLEX MAG 3: leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 15h, 18h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h30, 18h50, 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h45.

REI DOS REIS (*The King of Kings*)**.** EUA, Coréia da Sul, 2025. Dir.: Seong-ho Jang. Elenco: Pierce Brosnan, Oscar Isaac, Kenneth Branagh. Animação. Um menino imaginativo descobre a fé por meio da história de Jesus Cristo contada por seu pai. 1h42. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h30, 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h15, 16h30, 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h, 16h30. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 14h40; CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 16h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h40; CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h20.

SNEAKERS: DE PISANTE NOVO (*Sneakers*)**.** EUA, Índia, Reino Unido. 2025. Dir.: Rob Edwards, Christopher Jenkins. Elenco: MC Jotapê, Anthony Mackie, Christian Malheiros. Animação. Determinado a reencontrar sua irmã, Téo conhece um tênis de rua cheio de atitude. Téo e Beca formam um par de tênis de grife que vive protegido em sua caixa, Edson, o ganha em um sorteio. Quando são roubados, o sonho de Edson é ameaçado. Determinado a reencontrar sua irmã, Téo conhece um tênis de rua cheio de atitude. 1h32. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h45, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h45, 17h.

TEMPO DE GUERRA (*Warfare*)**.** EUA, Reino Unido. 2025. Dir.: Ray Mendoza, Alex Garland. Elenco: D'Pharaoh Woon-A-Tai, Charles Melton, Joseph Quinn. Guerra. Um grupo de militares norte-americanos se vê em meio a um fogo cruzado com tropas guerrilheiras iraquianas. Escondidos numa casa bem no centro da província ocupada pelas forças da Al Qaeda, os soldados vigiam as ruas em busca de seus inimigos, preparando-se para atacar a qualquer sinal de insurgência. 1h35. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 19h45, 22h.

CONTINUAÇÃO

BABY. Brasil, 2025. Dir.: Marcelo Caetano. Elenco: João Pedro Mariano, Ricardo Teodoro, Ana Flavia Cavalcanti, Bruna Linzmeyer, Luiz Bertazzo. Drama. Logo após ser liberado de um centro de detenção para jovens, Wellington (Mariano) se vê à deriva nas ruas de São Paulo. Durante uma visita a um cinema pornô, ele conhece Ronaldo (Teodoro), um garoto de programa, que lhe ensina novas formas de sobreviver. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: 26/4 (sáb.): 19h; 27/4 (dom.): 17h.

BRANCA DE NEVE (*Snow White*). EUA, 2025. Dir.: Marc Webb. Elenco: Rachel Zegler, Gal Gadot, Andrew Burnap. Aventura. Princesa une forças com sete anões para libertar seu reino de sua madrasta, a rainha má, que quer matá-la. 1h49. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h45, 17h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 19h. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 16h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h40.

THE CHOSEN – ÚLTIMA CEIA (*The Chosen — Last Supper*)**.** EUA, 2025. Dir.: Dallas Jenkins. Elenco: Jonathan Roumie, Shahar Isaac, Paras Patel, Elizabeth Tabish, George Xanthis, Noah James. Drama. O povo de Israel acolhe Jesus como rei, enquanto seus discípulos aguardam sua coroação. Mas, em vez de confrontar Roma, ele vira as mesas durante o festival religioso judaico. Com seu poder ameaçado, os líderes religiosos e políticos do país farão de tudo para garantir que esta seja a última ceia de Jesus. 2h. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h, 20h30; CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 15h15, 18h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 19h30, 22h15. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 18h20; CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 15h40, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h40, 20h15; CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h20.

DROP: AMEAÇA ANÔNIMA (*Drop*). EUA, 2025. Dir.: Christopher Landon. Elenco: Meghann Fahy, Brandon Sklenar, Violett Beane. Suspense. Violet é uma mãe viúva que finalmente se arrisca e marca o primeiro encontro com o rapaz que tem conversado online. A mulher vai a um restaurante para se encontrar com Henry. No entanto, ela logo recebe mensagens de telefone de uma figura misteriosa encapuzada que ameaça matar seu filho pequeno e sua irmã, a menos que ela mate Henry. 1h36. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 21h20. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 18h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h50.

UM FILME MINECRAFT (*A Minecraft Movie*). Suécia e EUA, 2025. Dir.: Jared Hess. Elenco: Jack Black, Jason Momoa, Jennifer Coolidge, Danielle Brooks, Kate McKinnon. Comédia/aventura. Quatro pessoas são jogadas por um portal para um bizarro mundo onde tudo é cúbico. 1h41. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3: dub.: 14h, 16h15, 18h30. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h45, 17h15, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 15h45, 18h15, 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h, 17h30, 20h, 22h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 3D: dub.: 15h45, 18h15, 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h50, 16h15, 18h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (MacroXE): dub.: 14h30, 17h, 19h30, 22h10; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 15h30, 17h30, 19h30. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 14h30 (sex. a seg.), 16h30, 18h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 17h30, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h30 (sex. a seg.), 16h30, 18h30, 20h30.

KASA BRANCA. Brasil, 2025. Dir.: Luciano Vidigal. Elenco: Big Jaum, Teca Pereira, Diego Francisco, Ramon Francisco, Gi Fernandes, Babu Santana, Roberta Rodrigues, Otavio Muller. Drama. Um jovem, sem familiares próximos, assume os cuidados da avó com alzheimer em estágio terminal, com o apoio de dois amigos. 1h35. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 19/4 (sáb.): 19h; 26/4 (sáb.): 17h; 27/4 (dom.): 15h.

LUIZ MELODIA — NO CORAÇÃO DO BRASIL. Brasil, 2025. Dir.: Alessandra Dorgan. Uma viagem sonora e visual, com materiais raros e inéditos de arquivo, que retrata a vida e obra do grande cantor e compositor brasileiro, Luiz Melodia. 1h15. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 19/4 (sáb.): 17h; 26/4 (sáb.): 15h.

OPERAÇÃO VINGANÇA (*The Amateur*). EUA, 2025. Dir.: James Hawes. Elenco: Rami Malek, Laurence Fishburne, Rachel Brosnahan. Thriller. Quando seus supervisores na CIA se recusam a tomar providências depois que sua esposa é assassinada em um ataque terrorista, um criptógrafo altamente capacitado da agência decide resolver o problema com as próprias mãos. 2h03. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 21h15; dub. (sáb.): 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 21h45. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h.

PELE FINA. Brasil, 2025. Dir.: Arthur Lins. Elenco: Ingrid Trigueiro, Tavinho Teixeira, Mariah Benaglia. Drama. Luísa, uma dramaturga dedicada, embarca em uma viagem para uma praia isolada com sua família enquanto trabalha na adaptação da peça Psicose 4.48, da renomada autora inglesa Sarah Kane. No entanto, o que deveria ser um refúgio criativo se transforma em um mergulho angustiante nos temas sombrios da obra. 1h. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 19/4 (sáb.): 15h; 27/4 (dom.): 19h

VITÓRIA. Brasil, 2025. Dir.: Andrucha Waddington. Elenco: Fernanda Montenegro, Linn da Quebrada, Alan Rocha, Sílvio Guindane. Drama. Idosa age para desmantelar um esquema de tráfico em Copacabana (RJ). 1h52. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 20h50.

Exposições

CONTINUAÇÃO

ABSTRAÇÃO E IMERSÃO. Expoição dos artistas Denis Cavalcanti, que trabalha com formas geométricas e abstrações, e Maria José Porto, que foca na representação do mundo natural.

João Pessoa: GALERIA DE ARTE GAMELA (Rua Joaquim Hardman, nº 75, Jaguaribe). Visitação de segunda-feira a sábado, das 9h às 17h, até 22 de abril de 2025. Entrada franca.

CORES QUE FALAM — MANIPULAÇÃO E PERCEPÇÃO. Mostra coletiva das artistas visuais Lola Pinto, Luiza Bié, Maya Oliveira, Nadja Carvalho e Retiel.

João Pessoa: USINA CULTURAL ENERGISA (Rua João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambiá). Visitação de terça à sexta-feira (das 13h às 18h) e sábado e domingo (das 16h às 22h), até o dia 30 de abril de 2025. Entrada franca.

ENTRE O BARRO E A ALMA. Individual da artista visual Herlene Sá.

João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (no térreo do Liv Mall, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, nº 500, Jardim Oceania). Visitação de segunda-feira a sábado, das 9h às 21h, e sábado e domingo, das 13h às 21h, até 1º de maio de 2025. Entrada franca.

EXPOSIÇÕES ITERINAS NA ESTAÇÃO CABO BRANCO. Espaço expões as seguintes moistras: *Quando a gente chorou vendo o Sol se pôr*, de João Peregrino; *Fluxos AntiNaturais*, do Coletivo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); *Maresia*, mostra fotográfica de Deco Cavalcante; *Aquarela Outono(s)*, de Rogéria Gaudêncio; *A Saga do Vaqueiro*, mostra fotográfica de Lenec Mota; *Por Elas: no enfrentamento à violência*, da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres; *Sem Regras*, uma coletiva de sete artistas mulheres – Ana Christina Mesquita, Cláudia Verônica, Denise Costa, Raísa Filgueira, Raísse Herculano, Wanessa Dedoverde e Juliana Xukuru; e *Mulheres e Pássaros*, coletiva obras das artistas Albina Santos, Celia Gondim e Gil Santana.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça à sexta-feira (das 9h às 18h) e sábado e domingo (das 10h às 18h), até o dia 30 de abril de 2025. Entrada franca.

Espetáculos

CONTINUAÇÃO

REAL CIRCO. Sob a produção dos irmãos Brandão, o espetáculo é uma junção de tecnologia e arte, com atrações inéditas e artistas premiados nos maiores festivais de circo do mundo.

João Pessoa: estrutura montada ao lado do Sam's Club Bessa, na Estrada de Cabedelo, na Grande João Pessoa. Sessões: segunda à sexta-feira (exceto quarta), 20h; fim de semana e feriados, 16h, 18h, 20h30. Ingressos a partir de R$ 20, no site oficial do circo (realcirco.com.br).

TANCREDO NEVES

Quatro décadas sem o conciliador

Ex-presidente é lembrado pela morte ocorrida antes de assumir o mandato como primeiro civil após a Ditadura Militar

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

O dia 21 de abril não é só lembrado pela morte de Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes, mas também pela morte de Tancredo Neves, o presidente eleito que nunca tomou posse. O fato completa 40 anos em 2025 e representou a transição entre a Ditadura Militar e a redemocratização no país.

Um dia antes de sua posse, marcada para o dia 15 de março de 1985, Tancredo passou mal e foi internado no Hospital de Base de Brasília sendo submetido à primeira cirurgia para a retirada de divertículo de Meckel infeccionado, segundo versão oficial. No dia seguinte, o senador José Sarney assumiu a presidência. Após 39 dias de internações e cirurgias, o presidente recém-eleito Tancredo Neves morreu no Instituto do Coração (Incor) do Hospital das Clínicas de São Paulo. A comoção popular repercutiu pelo país, com a morte do primeiro presidente civil do período da redemocratização. Tancredo foi eleito pelo Colégio Eleitoral no dia 15 de janeiro de 1985, com 480 votos; o candidato governista, Paulo Maluf, obteve 180 votos. De 1964 a 1985, cinco generais do Exército haviam ocupado a chefia do Executivo federal: Castello Branco, Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo.

Nome respeitado

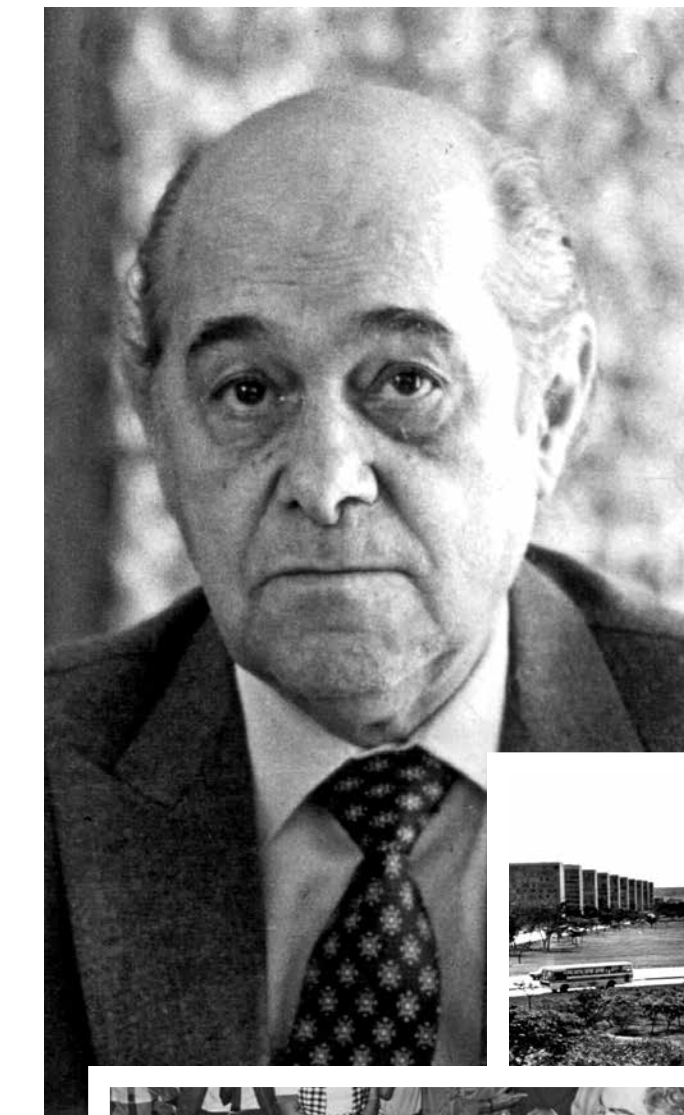
O ex-deputado federal da Paraíba, Marcondes Iran Benevides Gadelha, que fez parte do Partido Democrático Social (PDS), lembra-se de Tancredo como um "sábio em matéria de política", com experiência em diferentes cargos e momentos históricos, o que lhe conferia confiança dentro do próprio governo civil-militar. O ex-deputado salienta que "havia também um sentimento de respeito a Tancredo, dentro do próprio governo, pelo estilo dele, pela maneira de se comportar na política e, sobretudo, pela experiência que tinha. Tancredo era um sábio em matéria de política, porque ele tinha passado por todos os grandes acontecimentos do país".

Gadelha foi deputado federal por sete legislaturas, de 1971 a 2015, e lembra que o bloco de oposição na Paraíba era harmonioso na época das eleições 1985 e que todos participaram dos movimentos pela abertura democrática. Segundo o advogado, Tancredo tinha uma grande aproximação com Humberto Lucena, que era o presidente do MDB na Paraíba e líder da oposição.

Conforme Gadelha, "ele [Tancredo] tinha uma aproximação muito grande com Humberto Lucena, presidente do MDB na ocasião e nosso líder. Nós tínhamos outros companheiros, éramos poucos na oposição, se não me engano, três ou quatro. Na oposição, lembro-me de Octacílio Queiroz (PMDB), de Petrônio Figueiredo, que foi deputado até 1975 e acabou se suicidando, e de Janduhy Carneiro, que foi deputado até 1979, esse era o esquema que apoiava Tancredo e se opunha ao Regime Militar. Alguns com mais ênfase, outros com menos, mas, de um modo geral, era bem harmonioso o bloco de oposição na Paraíba e nós participamos de todos os movimentos que aconteceram pela abertura democrática".

> **"Tancredo tinha uma aproximação grande com Humberto Lucena, presidente do MDB**
>
> Marcondes Gadelha

Segundo dados da Câmara dos Deputados, o advogado Tancredo de Almeida Neves foi vereador e presidente da Câmara Municipal de São João del-Rei (MG) — sua cidade natal — de 1935 a 1937. De 1947 a 1951, foi deputado estadual por Minas Gerais, sendo relator da Constituição Mineira de 1947. Como deputado federal, foi eleito por cinco legislaturas, sendo a primeira de 1951 a 1953, durante o Governo Getúlio Vargas. Em 1953, assume o ministério da Justiça de Vargas até o seu suicídio. De 1961 e 1962, foi primeiro-ministro no período parlamentarista do governo de João Goulart. Em seguida, foi eleito deputado federal por mais três mandatos, 1966, 1970 e 1974. Em 1978, foi eleito senador e, em 1980, fundou o Partido Popular (PP). Dois anos depois, é eleito governador de Minas e, em 1984, renuncia para disputar a presidência pelo Colégio Eleitoral em 1985.





Momentos de Tancredo Neves que antecederam a doença que o levou à morte

> Após 39 dias de internações e cirurgias, o presidente recém-eleito morreu no Instituto do Coração

Frente ampla

Para o historiador da Universidade Federal da Paraíba, Lúcio Flávio Vasconcelos, Tancredo foi capaz de articular uma "frente ampla", devido ao seu caráter de líder moderado da oposição, garantindo uma transição pacífica. Conforme o professor, "era uma oposição que não apresentava uma grande ameaça ao regime, no sentido de estabelecer uma transição que fosse controlada pelos setores conservadores. [...] Tancredo Neves foi extremamente importante não só como um símbolo dessa transição, mas principalmente por ter conduzido o convencimento de setores que apoiavam a ditadura para apoiá-lo dentro do Congresso Nacional. E mais do que apoiá-lo dentro do Congresso, apoiá-lo entre setores da própria classe dominante".

O professor ressalta ainda que o contexto histórico da época, marcado por uma profunda crise econômica e alta inflação, promoveu uma crescente mobilização popular a favor das eleições diretas. Segundo o historiador, "nós tivemos, em 1983, uma inflação ao ano de cerca de 239%. Então, você teve uma ditadura autoritária, com recessão econômica e uma inflação muito alta de 239%. É a 'degringolada' do regime. E aí começou o movimento das Diretas Já".

Diretas Já

O Diretas Já foi uma mobilização política e popular que levou milhões de brasileiros, no período de um ano — de 1983 a 1984 —, às ruas, com o objetivo de pressionar deputados federais e senadores a aprovar a emenda constitucional que restabeleceria as eleições diretas para a Presidência da República, suspensas desde o Golpe Militar de 1964.

Em 25 de abril de 1984, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 05/1983, de autoria do deputado Dante de Oliveira (PMDB-GO), foi rejeitada pela Câmara, com 298 votos a favor, 65 contra, três abstenções e 113 ausências. Para sua aprovação, por ser uma emenda, era preciso 320 votos favoráveis para ser encaminhada ao Senado Federal. A proposta ficou conhecida como Emenda Dante de Oliveira e tinha como objetivo "restaurar a tradição da eleição direta, através do voto popular, tradição esta profundamente arraigada não só no Direito Constitucional brasileiro como também nas aspirações do nosso povo".

O historiador Lúcio Flávio Vasconcelos destaca que o Diretas Já, "dentro da história do Brasil, foi o movimento popular mais forte, um movimento de massas congregando todos os políticos de oposição ao Regime Militar, que vão desde os moderados do PMDB, passando pelo Partido Comunista, que era clandestino na época, mas que apoiava o movimento. O PT ganhou força e um crescimento muito grande a partir desse movimento. Para você ter uma ideia, foram feitos 35 comícios pelo Brasil inteiro".

O professor indica que a bancada da Paraíba, na época, votou majoritariamente a favor da emenda, com seis votos a favor, cinco contra e uma abstenção. Os deputados que votaram a favor foram: Aluízio Campos, Carneiro Arnaud, João Agripino, José Maranhão, Raymundo Asfora, sendo do PMDB, e Tarcísio Burity, que era do PDS. Os que se abstiveram foram: Adauto Pereira, Álvaro Gaudêncio, Antonio Gomes, Edme Tavares e Ernani Satyro, todos do PDS. Somente um deputado da Paraíba votou contra, Joacil Pereira, do PDS.

Doença

Um dia antes de sua posse, marcada para o dia 15 de março de 1985, Tancredo passou mal e foi internado no Hospital de Base de Brasília



Gadelha lembrou que o bloco político da Paraíba era harmonioso em defesa da democracia



Lúcio destacou que Tancredo articulou a frente ampla

Naná Garcez

De repórter a presidente, um compromisso com a informação e a gestão

Chegada à Redação aconteceu por insistência dos colegas do batente, que faziam Jornalismo na UFPB; na direção, assumiu a convite do governador João Azevêdo e é taxativa quando diz que a empresa está preparada para o futuro

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Naná Garcez começou como repórter de **A União**, recebendo um desafio: entrevistar o arcebispo dom José Maria Pires. A partir de então, trilhou um caminho profissional que foi da reportagem ao colunismo, da edição à presidência. Superou obstáculos quando teve que unir **A União** e a Rádio Tabajara, na Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), com a compra de novos equipamentos para a gráfica e a realização do primeiro concurso público na história da empresa. Ao Memórias A União conta detalhes da trajetória, do convívio com as feras da Redação e de como foi aprimorando cuidados com a apuração da informação e com o texto. Reconhece o papel de escola de **A União** e diz que ainda há espaço para a plataforma impressa e que a empresa está preparada tecnologicamente, e com recursos humanos, para o futuro. E lembra Gonzaga Rodrigues: "**A União** vai bem quando o governo vai bem".

A entrevista

■ *Como é que você chegou ao Jornal* **A União***?*

Você lembra que na universidade havia estudantes recém-chegados e muitos profissionais já atuantes no mercado? Na minha turma, por exemplo, estavam Frutuoso Chaves, Agnaldo Almeida, Sílvio Osias, Lena Guimarães... Em determinado momento, Frutuoso disse: "Olha, você podia tentar ir para **A União**". Eu tinha 17 anos e respondi: "Ainda não posso tirar minha Carteira de Trabalho". Um ano depois, por coincidência, Lena era chefe de Reportagem e Sílvio disse: "Vamos lá, vamos para a Redação". Fui, apresentei-me a Agnaldo e depois fui encaminhada para Lena. Comecei a trabalhar com profissionais muito experientes. Já encontrei você e Gisa na Redação, o que foi ótimo. A gente viveu aquela transição em que saíam jornalistas do batente e entravam os formados em Comunicação, com diploma.

■ *Como é que você encarou o desafio no meio dessas feras?*

Como eu não sou paraibana, quando cheguei à Redação, não tinha noção da importância de cada uma daquelas pessoas com quem passei a conviver. Mas procurei aproveitar todas as oportunidades e a diversidade de pautas que me mandavam cobrir.

■ *Alguma lembrança especial?*

Lembro bem que minha primeira matéria foi uma entrevista com dom José Maria Pires. Esperei um tempão na sala e fiz a entrevista do jeito que Lena tinha me recomendado. Quando redigi, ela achou que meu texto não estava tão bom e pediu que Tião Lucena sentasse ao meu lado para destacar os pontos mais importantes. Assim, fui entrando devagar na Redação, aprendendo, fazendo de tudo. Lembro também de uma matéria curiosa: o ex-governador Tarcísio Burity assinou um decreto tombando cidades históricas. Lena chamou uma repórter iniciante e disse: "Você vai entrevistar Linduarte Noronha no Instituto do Patrimônio Histórico da Paraíba [Iphaep], por causa desse decreto de tombamento — não lembro o número". A repórter, também iniciante, perguntou: "Como? Ele mandou derrubar as cidades?". Lena imediatamente transferiu a pauta para mim. Fui entrevistar Linduarte, grande preservacionista da memória arquitetônica e histórica da Paraíba. Ele explicou o decreto, as cidades tombadas... E a matéria ficou muito boa.

■ *Você, quando começou, tinha como uma das fontes o Centro Administrativo, as secretarias?*

Sim, cobria as secretarias que funcionavam ali: Planejamento, Finanças, Segurança, Indústria e Comércio, Agricultura... A Secretaria de Ciência e Tecnologia ainda não existia. A Secretaria de Administração Penitenciária chamava-se Secretaria do Interior e Justiça. A de Educação — que até hoje é um mundo — ocupava um prédio inteiro. Aprendi muito sobre o funcionamento da economia e da gestão pública.

■ *Esse contato com Finanças, Planejamento, Agricultura... Isso lhe levou a uma especialização em Economia?*

Fui desenvolvendo interesse por Economia e tive a oportunidade de fazer um curso, não exatamente de Economia, mas de Jornalismo Econômico. O Sebrae ofereceu esse curso para qualificar jornalistas. E tive o privilégio de entrevistar Celso Furtado.

■ *Nada mal. Apenas um dos mais consagrados economistas do mundo.*

Essa convivência que a gente tem no dia a dia da cidade também ajuda a definir escolhas. Por exemplo, eu gostava muito de fazer entrevistas — muito mesmo, particularmente, das entrevistas pingue-pongue. Também frequentava muito a Fiplan, a Fundação de Planejamento.

■ *Professor Inácio?*

Professor Inácio, depois Luiz Keller, que era professor de Economia, e Mauro Nunes. Tive a oportunidade de conviver com essas pessoas. E gostava da reportagem em si. Fiz algumas matérias para o Jornal do Domingo, que era um privilégio. Você lembra?

■ *O Jornal do Domingo era um desafio. Todos que trabalhavam n'***A União** *sonhavam em escrever para esse suplemento.*

Inclusive, porque tinha uma característica que, hoje, os jornais adotam com mais naturalidade: na época, as matérias não eram assinadas, mas as do Jornal do Domingo e as entrevistas pingue-pongue, sim.

■ *E tinha outro diferencial: a possibilidade de explorar mais o assunto.*

Sim, havia reforço de fotos. A fotografia é um complemento importante na edição de uma página.

É a *informação ilustrada, como a gente costuma dizer. Outra coisa interessante é que o Jornal do Domingo nascia, muitas vezes, de um consenso. Nem todo mundo era d'***A União***, mas passava por lá. José Octávio, por exemplo...*

Carlos Romero, que ia ao fim da tarde deixar a coluna dele. Barretinho também. Até alguns deputados e secretários apareciam.

■ *Você passou quanto tempo nessa sua primeira passagem por* **A União***?*

Três anos e meio na reportagem.

■ *Você não migrou para a cozinha da Redação?*

Não, só depois. A experiência de edição mesmo veio com a revista Edificar. Antes disso, eu estava sempre nas ruas, entrevistando, atuando como repórter.

■ *Nas colunas de Economia, você se lembra de algum fato marcante?*

É interessante... Encontrei aqui uma coluna de 1994. Traz questionamentos do economista Martinho Campos, então presidente do Conselho Regional de Economia (Corecon-PB), organizando um seminário sobre globalização e desenvolvimento regional. Ele manifestava preocupação com a manutenção da estabilidade do Real e criticava a rigidez da equipe econômica ao manter o modelo com o câmbio como âncora. O câmbio, aliás, continua sendo um fator de forte interferência na economia brasileira. Na época, a Paraíba ainda estava muito endividada, mas o secretário das Finanças, José Soares Neto, conseguiu renegociar a dívida e reequilibrar as finanças do Estado, evitando atrasos no pagamento do funcionalismo.

"Um dos dias mais impactantes foi quando vi as máquinas operando sozinhas no período da Covid-19"

Fotos: Carlos Rodrigo



Naná Garcez disse que começou a trabalhar com profissionais experientes e viveu a transição do batente para o diploma

■ *Na sua gestão, testemunhei o relançamento de um livro de Barreto Neto, organizado por Sílvio Osias, sobre crítica de cinema. Li alguns artigos e achei que tinham sido escritos ontem.*

Isso acontece quando o texto tem visão. Lançamos recentemente o livro de Linduarte Noronha, que também fez crítica cinematográfica, em **A União**, por mais de 10 anos. Chamou minha atenção a atualidade dos textos. Em um deles, sobre o filme "Os Cajueiros", ele critica o desmatamento na região entre João Pessoa e Santa Rita. Dizia: "No futuro, vão faltar as sombras dos cajueiros". Antecipou, de certa forma, a crise climática causada pelo desmatamento.

■ *Você citou Linduarte, falamos de Aranha e Barreto. E a convivência com dois nomes sagrados do jornalismo paraibano: Nathanael Alves e Gonzaga Rodrigues?*

Com Nathanael, convivi pouco. Ele foi quem assinou minha Carteira de Trabalho, na mesma tarde em que assinou a de José Nunes. Na época, a Redação estava na João Amorim. Só íamos ao Distrito Industrial para alguma pauta mais importante. Ele faleceu pouco tempo depois, então a convivência foi breve. Com Gonzaga, não. Com Gonzaga, a relação foi mais intensa.

■ *Gonzaga, até hoje.*

Pois é. Quando me formei, fui para Brasília, queria fazer mestrado na UnB. Mas já tinha passado o período de inscrição. Comecei a trabalhar fazendo matérias para **A União**. Quando o governador Burity ia a Brasília, eu o acompanhava em ministérios, fazendo a cobertura. Depois foi criada a Secom. Agnaldo me convenceu a voltar para João Pessoa, e acabei casando com ele. Ao voltar, fui repórter do Palácio da Redenção, onde funcionava o gabinete de Gonzaga. Trabalhei diretamente com ele. Cobri, por exemplo, a assinatura do contrato entre o Governo do Estado e o Governo Federal que deu origem ao conjunto Valentina Figueiredo. Estava presente o último presidente do Regime Militar.

■ *Além de toda essa trajetória, você foi se transformando em gestora. Teve, aliás, empreendimento próprio, como a Revista Edificar, que tratava da expansão urbanística de João Pessoa. E agora, digamos, coroa a vida profissional com a gestão da EPC?*

Como você disse, estou coroando minha vida profissional ao aceitar o convite e o desafio do governador João Azevêdo. E considero um privilégio. Somos contemporâneos e sabemos que **A União** sempre foi um marco e uma referência. Implantar a EPC, unindo **A União** à Rádio Tabajara, foi um grande desafio. No ano passado, elaborei um relatório com as várias etapas que percorremos nesses cinco anos de implantação da EPC, integrando uma rádio com 83 anos de história a um jornal igualmente tradicional. Tudo que se possa imaginar na área de comunicação, **A União** e a Rádio Tabajara já realizaram em algum momento. São fontes ricas de pesquisa, com equipes sempre completas. No início, voltei-me mais para a prática jornalística, cuidando da Redação do jornal e da rádio. Mas a realidade se impôs. Dou um exemplo: dois meses depois de assumir, a máquina CTP da gráfica deu problema. E o que aconteceu? Todas as noites, depois de fechar o jornal, Paulo Sergio saía daqui para a gráfica JB, gravava a chapa e voltava. Eu ficava esperando o retorno — 23h... 23h30... 0h... Foi um desafio enorme até conseguirmos consertar a máquina. Não durou uma semana, foram mais de dois meses.

■ *É sempre bom lembrar que esses equipamentos não são nacionais.*

Não são mesmo. Na Rádio Tabajara, por exemplo, num dia comum, recebo a notícia de que a outorga para migração da AM para FM tinha saído — um processo iniciado em 2014. Imediatamente, procurei o governador. Tocamos o processo, que durou bem mais que o previsto por causa da pandemia. Foram necessárias três licitações até que uma empresa aceitasse construir a torre. Paralelamente, tive que aprender e entender sobre equipamentos de radiodifusão. A realidade foi me transformando em gestora, de fato, sempre com o apoio do governador e de três secretários que conheço há muitos anos. Até hoje ligo e tiro dúvidas com Letácio Guedes [Controle Interno], Gilmar Martins [Planejamento] e Marialvo Laureano [Finanças]. A decisão de instalar as duas antenas numa mesma torre foi muito acertada.

■ *E as máquinas?*

A mesma coisa. As máquinas eram antigas. Então, decidimos importar uma impressora. Mas o processo é longo. Exige justificativas técnicas, contatos com a Heidelberg, cartas do Banco do Brasil... Tudo caminhava bem, até que veio a guerra na Ucrânia, algo que obviamente não estava nos nossos planos. O navio saiu de Xangai — onde a Heidelberg monta os equipamentos — e começaram os ataques. O que só víamos em quadrinhos e filmes passou a acontecer. O navio foi desviado, saiu pontualmente de Xangai, no dia 30 de dezembro, com previsão de chegada no fim de janeiro, início de fevereiro. Mas só chegou em meados de março, após contornar a África, passar pela Europa, parar em Valência e, finalmente, desembarcar em Pernambuco. Mais de 60 dias de atraso.

■ *Para a gente que tem experiência com* offset, *ela é silenciosa demais. Impressionante — a pessoa dorme com a máquina trabalhando. Bem diferente da rotativa, que faz uma barulheira danada.*

Você vê como a tecnologia evoluiu. A máquina é muito mais sustentável que a anterior. O processo de limpeza é programado, eletrônico. Isso reduz, significativamente, a exposição dos operadores a produtos químicos. As vantagens vão além da velocidade e da qualidade da impressão — há um enorme ganho ambiental.

■ *Ao mesmo tempo, você não abandonou a redação. É uma fiscal da qualidade do texto, do cuidado com a norma culta. Como concilia tudo isso?*

A convivência com Agnaldo Almeida, tanto profissionalmente quanto em casa, contribuiu muito para meu olhar de editora. E, com o tempo, fui aprendendo, testando, observando. Dou muito valor à correção do português. O impresso permanece. Pode dar um *bug* e apagar a memória do computador, mas o que está impresso fica.

■ *É documento.*

E aqui, especificamente, também fazemos o Diário Oficial. Temos a obrigação institucional de arquivar e preservar a memória. Todos os atos públicos precisam ser publicados para terem validade legal. Qualquer ato de governador, deputado, prefeito — só passa a ter força de lei quando publicado no Diário Oficial. Esse cuidado vem da vivência. Você sabe: Agnaldo era rigoroso com o português, os títulos, a diagramação. Ele adorava traçar páginas com Biu Barros. Lembra?

■ *Claro.*

Ele desenvolveu até uma fórmula de cálculo para que a mancha gráfica ficasse harmoniosa e econômica ao mesmo tempo. Isso ia se passando nas conversas. Muitas vezes, eu levava uma revista ou qualquer publicação que editava — seja no Tribunal de Contas, na Secretaria das Finanças, na Associação Médica da Paraíba. Fiz várias: a revista do Fisco, da Edificar, a do Sinduscom. Hoje, eu me assumo como uma "revisteira" mesmo. Fiz revistas para vários segmentos.

■ *E com uma característica: como a revista não é diária, geralmente, se tem mais tempo para ser exigente com o português e a qualidade do texto.*

Exatamente. E, muitas vezes, ele observava: "Você pode colocar isso de outra forma, usar uma cor mais forte..." A gente assimila o bom — e ele tinha muita coisa boa para ensinar. Tinha essa visão gráfica e era exigente com o português. Não podia errar. Ele registrava tudo.

> **Como diz Gonzaga Rodrigues: "A União vai bem quando o governo vai bem". Isso significa que, quando o gestor tem um olhar atento para a importância de A União, para a literatura, para o rádio e para o acesso à informação de qualidade, estamos garantindo o futuro de todos.**
>
> Naná Garcez

■ *Lembro que ele era cioso da Língua Portuguesa...*

Já recebi telefonema de assinante: "Olha, tenho dois filhos adolescentes e assino o jornal para que eles tenham o hábito da leitura e aprendam a escrever bem. Mas nesta semana aconteceram muitos erros". Isso já melhorou bastante, mas ele terminou cancelando a assinatura.

■ *Algo que ninguém quer.*

Foi por isso que elaboramos um manual para facilitar o dia a dia. **A União** estava, há muito tempo, sem Manual de Redação. Resgatamos um antigo, feito por Antônio Costa, consultamos o manual da Folha, e Phelipe Caldas produziu o nosso. Passamos a utilizá-lo como referência para evitar dúvidas. Quando surge uma incerteza, vamos ao manual, físico ou digital. Inclusive, vendemos muitos exemplares na livraria.

■ *Porque, realmente, o manual é um suporte.*

É um suporte essencial. E até hoje eu consulto o dicionário.

■ *No longo capítulo da pandemia, como foi encarar a necessidade de produzir diariamente um jornal feito por muitas pessoas, diante da obrigação de afastamento e distanciamento?*

O melhor foi seguir as orientações dos profissionais de saúde e as medidas adotadas pelo próprio governador. Houve precaução com o uso de máscaras, distribuição de álcool, afastamento de pessoas mais vulneráveis. Ainda assim, perdemos profissionais.

■ *No jornal, perdemos.*

Sim. Perdemos o repórter Alexandre Nunes. Na rádio, também perdemos Gláucio, que era narrador esportivo. Trouxemos equipes de vacinação para imunizar aqui dentro, fizemos testes de Covid-19, adotamos todos os cuidados possíveis.

■ *E tinha uma comissão: qualquer vestígio de sintoma mandava para casa.*

Exatamente. Criamos o EPC Comunica — hoje, usado como grupo de interação, mas, na origem, servia para orientações e decisões sobre a convivência com a Covid-19. Fizemos uma norma específica para o período, regulamentando o trabalho remoto. E um dos dias mais impactantes foi quando cheguei à Redação e vi as máquinas operando sozinhas, com o material sendo enviado de casa. Acho que só havia uma pessoa na Redação naquele momento.

■ *Quando você espera brindar a sociedade com o acesso remoto a essa riqueza, que o arquivo maravilhoso de* **A União** *tem?*

Eu, William e Amanda temos conversado sobre isso, e Ana Flor, responsável pelo arquivo, já elaborou o termo de referência para lançarmos um edital digital para a contratação do processo de digitalização. É algo que vai evoluir. Também pensamos em tornar o ambiente mais agradável. Eles estão constantemente selecionando o que realmente deve ser preservado e o que pode ser descartado. A ideia é preservar a memória, transformando-a em digital.

■ *Imagino a riqueza que, por exemplo, pesquisadores encontram no arquivo.*

É verdade. Durante meu tempo aqui, houve uma pesquisa sobre o quartel do 15º Regimento de Infantaria Motorizada de Cruz das Armas, porque, na década de 50, houve uma explosão no Paiol e perderam parte de sua memória. Eles vieram aqui para encontrar essas informações, em comemoração aos 80 anos do quartel. O mesmo aconteceu com o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) no aniversário da Justiça Eleitoral, comemorado nacionalmente. As informações foram encontradas, em grande parte, aqui. Os atos da Justiça Eleitoral foram resgatados por meio da pesquisa d'**A União**.

■ *Talvez a maior realização da sua gestão tenha sido a retomada da contratação de profissionais via concurso público. Há quanto tempo não havia um concurso?*

Nunca houve. Foi a primeira vez. Em 2003, houve um processo contra a Rádio Tabajara, originado a partir de uma denúncia de um funcionário insatisfeito por não ter recebido uma gratificação. Isso gerou um processo envolvendo o Ministério Público do Trabalho, o Ministério Público do Estado e a Superintendência Regional do Trabalho. Foi dito, na época, que os funcionários não sabiam quem eram, de fato, os empregados da rádio. O processo se arrastou por anos e, em 2015, o Estado perdeu em todas as instâncias. O processo voltou para a Paraíba e ficou um tempo na Vara da Fazenda Pública, se não me engano, a 6ª Vara. Inclusive, já chegou com uma decisão do ex-ministro do Supremo, Teori Zavaski, determinando a obrigação de fazer o concurso. Mas esse processo ficou parado até 2019. Recebi uma notificação, enquanto a EPC estava sendo implantada, e participei das audiências, junto com a Procuradoria-Geral do Estado (PGE). Começamos a levantar as demandas, o quantitativo de vagas, mas a pandemia afetou tudo, e o decreto de Bolsonaro proibiu concursos até dezembro de 2021. Durante esse período, organizamos estruturalmente a empresa com regimento, estatuto e contratamos uma consultoria. Esse estudo serviu de base para elaborar o edital do concurso, que foi lançado em 2022. Foi um concurso de grande porte, com 41 funções, 17 provas práticas, provas teóricas e de títulos. Mais de 7.200 pessoas se interessaram, 4.300 se inscreveram e 3.500 compareceram para as provas. Não foi um processo simples. Hoje, temos caras novas, gente disposta e muitos ganhos reais. O concurso gerou grandes expectativas, e acredito que essa injeção de novas pessoas é o futuro da empresa. Sempre digo: sou uma figura datada.

■ *Por que diz isso?*

Fui convidada pelo governador João Azevêdo, então estou na gestão dele. O que acontecerá em 2026? O novo governador decidirá.

■ *Mas há condições para quem chegar aproveitar essa boa onda, certo? Tecnologia resolvida, pessoal bem estruturado?*

Sim, com certeza. A contratação de prestadores de serviços sempre foi feita de maneira transparente e com contrato claro. Ainda temos 22 vagas não preenchidas e estamos organizando um novo concurso. Mas vejo que é também uma questão ideológica. Muita gente ainda não enxerga a comunicação pública como um serviço ao cidadão. Algumas pessoas até falam em fechar **A União**. E isso é um erro grande. Fazem esse tipo de comentário para diminuir a importância de um veículo de comunicação pública, e isso só acontece em países com regimes autoritários. Nos EUA, por exemplo, existem cinco grandes veículos. Na Europa, nem se fala.

■ *Qual sua avaliação sobre este patrimônio de 132 anos, um projeto que tem dado certo até hoje?*

Acredito no impresso. Lembro que sempre disseram que o livro iria acabar por conta do *e-book*. Mas o livro continua representando cerca de 90% do mercado de leitura. Não é o papel que afasta o público, mas sim as condições econômicas, pois o custo da leitura é elevado. Além disso, o modelo de venda dos livros mudou. No caso do jornal, você tem a memória da cidade, o que é algo muito valioso. Longevidade é algo interessante, tanto para o jornal quanto para as pessoas. Teremos sempre um público envelhecendo que prefere o impresso.

■ *Você gostaria de acrescentar algo que eu não abordei na nossa conversa?*

Como diz Gonzaga Rodrigues: "**A União** vai bem quando o governo vai bem". Isso significa que, quando o gestor tem um olhar atento para a importância de **A União**, para a literatura, para o rádio e para o acesso à informação de qualidade, estamos garantindo o futuro de todos. Veja o que **A União** está fazendo com 132 anos de história: ela está tornando-se multimídia. Produz o impresso, cria conteúdos em vídeo, faz imagens. Está perpetuando sua história.



Acesse o *QR Code* para assistir à entrevista no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca

CARREIRA PÚBLICA

Prefeituras da PB abrem 616 vagas

João Pessoa e Pombal lançam oportunidades em setores de Educação, Saúde, Administração e Serviços

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com


Foto: José Cruz/Agência Brasil

Certame da capital cobrará conhecimentos em Língua Portuguesa, legislação educacional e conhecimentos específicos; inscrições ocorrem até 14 de maio

A temporada de concursos segue aquecida na Paraíba. E quem está em busca de novas oportunidades no serviço público já pode comemorar: as prefeituras de João Pessoa e Pombal abriram editais com mais de 600 vagas em áreas estratégicas, como Educação, Saúde e Administração. Os salários variam de R$ 1,5 mil a R$ 4,7 mil, e há opções para todos os níveis de escolaridade. Em João Pessoa, todas as vagas são para a área da Educação, com cargos como professor, pedagogo, psicólogo e assistente social escolar. Já em Pombal, a variedade é maior: vai de servente de pedreiro a fiscal ambiental.

Na capital paraibana, a Prefeitura está oferecendo 403 vagas de nível superior voltadas à área da Educação. Os cargos disponíveis são para professores de Educação Básica I e II, com habilitação em Artes Visuais; Dança; Teatro; Música; Ciências; Geografia; História; Língua Portuguesa; Matemática; Inglês; Libras; Educação Física; e Ensino Religioso. Também há oportunidades para funções correlatas, como pedagogo, bibliotecário, psicólogo escolar e assistente social escolar. Dependendo do cargo, a carga horária varia de 30 a 40 horas semanais, e a remuneração pode chegar a mais de R$ 5 mil, se somadas as gratificações.

Os interessados têm até 14 de maio para se inscreverem no *site* do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan), banca responsável pelo certame. Todos os candidatos pagarão uma taxa única de inscrição no valor de R$ 120. Sobre a avaliação, haverá a aplicação de prova objetiva — de caráter eliminatório e classificatório —, prevista para 29 de junho, e posterior análise de títulos. No conteúdo programático, constam perguntas de Língua Portuguesa, legislação educacional e tecnologia, além de conhecimentos específicos. Com relação ao cronograma, a previsão é que o resultado definitivo seja divulgado no dia 8 de outubro.


Pelo *QR Code*, acesse o edital do concurso de João Pessoa

Diferentes cargos

Já no Sertão paraibano, a Prefeitura de Pombal abriu edital com 213 vagas para profissionais de níveis fundamental, médio/técnico e superior. Os salários vão de R$ 1.518 a R$ 4.754,62, com carga horária de 20 a 40 horas semanais, ou ainda plantões de 24 horas, dependendo da função. Há vagas para diferentes cargos, como agente de limpeza, motorista, pedreiro, técnico em Enfermagem, recepcionista, psicólogo, assistente social, nutricionista, engenheiro civil, professor, procurador, entre outras oportunidades.

As inscrições seguem abertas até 11 de maio e devem ser realizadas pelo *site* da Comissão Permanente de Concursos (CPCon), ligada à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Neste concurso, as taxas de inscrição variam de R$ 75 a R$ 115, conforme o nível de escolaridade exigido. Quanto à avaliação, todos os candidatos inscritos farão uma prova objetiva, no dia 15 de junho, com 40 questões de múltipla escolha sobre Língua Portuguesa, Matemática e Raciocínio Lógico, conhecimentos gerais e específicos. Haverá, ainda, uma prova prática para os cargos de motorista e pedreiro, marcada para 10 de agosto, além de avaliação de títulos para as funções ligadas ao Magistério. A expectativa é que o resultado definitivo seja publicado no fim do mês, próximo ao dia 28 de agosto.


Pelo *QR Code*, acesse o edital do concurso de Pombal

Técnica e sonho: a potência silenciosa da educação musical

Ensinar já é, por si só, um ato de amor, mas, para quem ensina Música, o desafio vai além, ainda mais em um país onde a arte segue sendo vista como algo supérfluo. Nesse cenário tão adverso, ser professor de Música exige mais do que técnica. Para Francisco Barbosa Sobrinho, o Bebé, que dedicou mais de quatro décadas à docência, a verdadeira missão do educador musical é tocar a alma do aluno e fazê-lo sonhar, principalmente com um futuro melhor. "Se o aluno sonha, o professor cumpriu sua função", resume o professor aposentado, que se formou entre as partituras e o olhar atento às políticas públicas de ensino.

No dia a dia da profissão, o educador musical trabalha com escuta, ritmo e expressão, além de teoria e muita prática. Ele pode atuar na Educação Básica e no Ensino Superior, em escolas públicas ou particulares, mas também em projetos sociais, cursos e organizações culturais. Para dar aula formalmente, é preciso ter licenciatura em Música. Bebé, no entanto, garante que o que faz diferença não é a titulação, mas a dedicação do professor. "Ensinar música é um ato de amor maior. Você está instigando em outra pessoa a possibilidade de ela ser melhor", reflete. Para o professor, formar músicos nunca foi seu objetivo, e, sim, formar cidadãos.

Vocação

Não por acaso, a formação musical exige desse profissional uma boa dose de sensibilidade e disciplina. Bebé acredita que nem todo bom músico é um bom professor — e nem precisa ser. Por isso, segundo ele, mais importante do que ser tecnicamente impecável é ter didática. "Eu mesmo tive um amigo que não era um grande músico, mas era um maravilhoso professor de Música", relembra. Com a clareza de quem esteve nesse papel por décadas, ele resume o que entende como propósito de todo educador: criar sonhos. "Se faz o aluno sonhar, mostrando que é possível encontrar algo positivo lá na frente, ele já cumpriu o seu papel". Para isso, Bebé reforça que é preciso levar o ofício a sério, com coerência. "Acredite em você e seja dedicado à sua turma", aconselha.


Foto: Francisco B. Sobrinho/Arquivo pessoal

Francisco já atuou como maestro da banda de Itaporanga

Entretanto, a jornada desse profissional nem sempre é simples. Ainda hoje, as aulas ligadas às artes são tratadas como opcionais e, em muitas escolas, estão entre as primeiras a ser eliminadas diante de cortes orçamentários. Segundo o especialista, o professor de Música costuma ser visto como alguém "desconfortável naquele meio", por conta dos custos que ele representa. "Enquanto outras disciplinas têm três, quatro aulas por semana, para a Música colocam só uma", critica o professor, sublinhando que, por aqui, a educação musical é muito precária. Além disso, embora esteja prevista como um dos componentes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a área musical ainda enfrenta muitos estigmas. "A minha geração, por exemplo, achava que tocar violão era coisa de vagabundo. E isso perdura, de certa maneira, até hoje", analisa.

O caminho até a música

Nascido em Itaporanga, no Vale do Piancó, Bebé conta que descobriu sua vocação por acaso — e, também, por necessidade. Como não havia colégio público nos arredores, foi estudar na cidade. "E aí descobri que quem tocava na banda não pagava o colégio. Assim, fui tocar na banda e, a partir daí, me desenvolvi como músico", relembra. E o que começou como uma alternativa para bancar os estudos acabou se transformando em propósito de vida com o passar dos anos. Hoje, já aposentado, ele segue defendendo com paixão o papel da docência musical. "Ser professor de Música é tão importante como ser professor de Matemática ou de Língua Portuguesa", afirma, com a firmeza de quem viveu cada compasso dessa escolha.

Para quem deseja trilhar o mesmo caminho de Bebé, o concurso da Prefeitura de João Pessoa pode ser o estímulo que faltava para ingressar no serviço público. Por lá, são cinco vagas para professor de Música, com salário inicial de R$ 4.567,31, mais gratificação de atividade específica de 30%. De acordo com o edital, o cargo exige licenciatura em Artes com habilitação em Música ou graduação plena em Música.


Foto: Arquivo pessoal

Ensinar música é um ato de amor. Você está instigando em outra pessoa a possibilidade de ela ser melhor

Francisco B. Sobrinho

MODA CIRCULAR

Amigas apostam no aluguel de roupas e acessórios

Plataforma oferece a possibilidade de usuário disponibilizar suas próprias peças

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Comprar, usar, descartar. Durante décadas, esse foi o ciclo dominante da indústria da moda, impulsionado por um consumo desenfreado e pela lógica do *fast fashion*, que é como ficou conhecido o movimento que usa roupas de baixo custo e de rápida substituição. Mas, à medida que os impactos ambientais e sociais desse modelo tornam-se mais visíveis, cresce uma alternativa mais consciente e sustentável: a moda circular, voltada para situações casuais, como jantares, encontros e viagens.

À frente dessa mudança de mentalidade, em João Pessoa, estão três amigas com perfis bem distintos, mas unidas pelo amor à moda e à economia colaborativa. Annie Medeiros, Mariana Dantas e Isis Máximo são sócias de uma plataforma de moda compartilhada que conecta pessoas que desejam alugar ou vender roupas e acessórios de forma prática e sustentável. A ideia não veio delas, mas foi trazida pelas três amigas ao mercado paraibano, em maio de 2024, por meio da franquia do aplicativo de moda compartilhada LOC.



Foto: Arquivo pessoal

Modelo valoriza o compartilhamento ao invés da posse

Após a transição de carreira e o pedido de demissão de uma multinacional no setor alimentício, a nutricionista Annie decidiu atuar como consultora de imagem e entrar de cabeça no mundo da moda compartilhada, ao lado da engenheira civil e empresária do ramo da construção Mariana Dantas e da *designer* de interiores e arquiteta Isis Máximo.

Juntas, elas têm investido intensamente nessa tendência que funciona como um "Airbnb da moda". No aplicativo, o processo é simples: quem tem peças paradas pode cadastrá-las com fotos e preços. Já quem busca alugar, encontra roupas e acessórios a partir de R$ 15. A cada transação, 70% do valor vai para a dona da peça, enquanto 30% fica com a plataforma. Também é possível vender peças, além de seguir perfis favoritos e montar uma lista de desejos.

Além de economizar, ainda é possível fazer uma renda extra com suas próprias peças, sem precisar de investimento para isso, como explica Annie Medeiros. "A proposta vai além do estilo. Estamos falando de um modelo que valoriza o compartilhamento em vez da posse, o uso consciente em vez do acúmulo", ressalta.

O diferencial da operação está, justamente, na agilidade e praticidade desses armários descentralizados pela cidade. "A ideia é facilitar a vida. Imaginamos um cenário em que uma pessoa de João Pessoa possa desembarcar em Gramado e alugar localmente tudo o que precisa. É prático, sustentável e elegante", projeta Mariana, ao ressaltar que a moda pode ser acessível sem perder estilo e responsabilidade com o planeta.

Praticidade e renda extra com sustentabilidade

Só nos últimos 12 meses, mais de 10 mil peças foram alugadas pelo aplicativo do LOC, de vestidos de festa a roupas casuais, bolsas e acessórios, com ganho que varia entre R$ 800 e R$ 4 mil por mês. "O faturamento de quem aluga suas peças pelo LOC varia bastante conforme a qualidade do armário, a frequência das atualizações e o engajamento da usuária. Mas, há casos de pessoas que já chegaram a faturar até R$ 8 mil em um único mês. Isso mostra o potencial real de transformar o *closet* em uma fonte de renda significativa", explica Isis.

A nutricionista Letícia Imbassahy é uma das adeptas do serviço. "É revolucionário e muito útil! Uso há algum tempo e sempre indico para as minhas amigas. Recentemente viajei para um lugar de neve para esquiar e consegui economizar muito alugando por lá! Sinto que tenho o armário de várias amigas disponíveis para usar quando quiser", comemora.

Do outro lado da plataforma, Amanda Araújo, farmacêutica, participa ativamente do LOC desde agosto do ano passado, tanto alugando quanto oferecendo suas peças. "Costumo alugar bolsas, acessórios e roupas. Já alugaram três peças minhas e eu aluguei bolsas", explica.

Com peças bem conservadas, preços acessíveis e a praticidade de um clique, Amanda acredita que o aluguel de roupas e acessórios casuais mostra que estilo e sustentabilidade podem andar lado a lado — e ainda garantir uma renda extra no fim do mês. "Os benefícios são muitos. Tem praticidade, preço, comodidade e a possibilidade de gerar renda com algo que estaria parado no guarda-roupa", justifica.



Foto: Arquivo pessoal

Usuárias têm acesso a grande variedade de modelos e preços

Comércio de roupas usadas como estilo de vida

O aluguel e a venda de roupas usadas não é bem uma novidade, mas tem ganhado cada vez mais espaço por ultrapassar a fronteira já conhecida dos casamentos e formaturas. "A economia colaborativa não é só tendência, é uma necessidade urgente para o futuro do planeta e da moda, defende a empresária Mariana Mesquita que administra o Close Friends. "São peças de amigas, de amigas das amigas, é algo afetivo, coletivo, colaborativo. A gente vende com carinho e consciência", complementa.

Diferente do aplicativo LOC, o Closet Friends não trabalha com aluguel de roupas. A proposta segue o mesmo princípio de roupas e acessórios casuais, mas só para venda direta ou por consignação, em que as peças ficam expostas durante um prazo médio de três meses. Nesse tempo, Mariana fotografa, divulga nas redes sociais e movimenta uma rede de amigas em diferentes regiões do país — do Sul ao Nordeste. "Também faço parcerias com outras pessoas que têm seus próprios brechós. A gente troca peças, amplia o alcance das vendas, fortalece esse ecossistema", completa.

Mais que um negócio, para Mariana, a moda circular é uma escolha de vida. "Eu sou cliente de brechó, uso moda circular comigo e com meus filhos. O Reuse, minha loja física, tem parceria com instituições de caridade para doar o que não foi vendido ou que não entra no catálogo", conta.

Veio para ficar

Para a jornalista e consultora de moda Faby Falcão, esse movimento de moda circular veio para ficar. "Comprar ou alugar roupas e acessórios usados, quando bem conservados, é uma das formas mais sustentáveis de consumir moda. É dar nova vida às peças — e ao planeta", afirma, ao destacar que, para ser positiva, a experiência deve ser cuidadosa: "É importante observar a procedência da loja, buscar avaliações nas redes sociais, no Google ou no *site* Reclame Aqui".

Ela também compartilha dicas para quem quer apostar na moda circular com elegância. "O segredo é respeitar seu estilo pessoal e o contexto do evento. Para jantares ou aniversários, por exemplo, peças de alfaiataria com bom corte e modelagem funcionam muito bem", aconselha.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O caso Banco Master sob a ótica do BRB

O setor bancário brasileiro enfrenta um momento de alerta, com negociações em curso para a aquisição parcial do Banco Master pelo BRB (Banco de Brasília). O plano envolve separar os ativos considerados saudáveis, que formam o chamado "*good bank*", dos ativos problemáticos, designados "*bad bank*". Essa divisão tem como objetivo reduzir os riscos e preservar a estabilidade do sistema financeiro, adotando um método já testado em crises anteriores no país.

O BRB demonstrou interesse em adquirir uma parte selecionada dos ativos do Banco Master, especialmente aqueles que oferecem maior segurança, como a carteira de crédito consignado do Credcesta, o braço digital Will Bank e outras operações voltadas para consumidores. Esses ativos, agrupados como "banco bom", somam aproximadamente R$ 33 bilhões. Esses recursos são vistos como menos arriscados e mais fáceis de gerir, o que atrai o interesse do BRB que busca ampliar sua atuação com operações de menor risco.

Entretanto, existe outro bloco significativo — cerca de metade do patrimônio original do banco — que é composto por ativos e passivos com maior nível de risco e menor liquidez, entre eles precatórios, direitos creditórios de ações judiciais e participações societárias de difícil negociação. Esses elementos, definidos como "banco ruim", deverão ser liquidados por meio de uma operação privada coordenada pelo Fundo Garantidor de Créditos (FGC). Essa estratégia visa evitar que os problemas associados a esses ativos comprometam a saúde financeira dos envolvidos.

O FGC, que é uma entidade privada mantida pelos bancos para garantir depósitos de até R$ 250 mil, pode assumir o papel de coordenador da negociação para a venda ou liquidação dos ativos problemáticos. O processo inclui a seleção de uma instituição ou banco que possa intermediar as operações, buscando mitigar perdas enquanto assegura transparência no fechamento dessas contas. Dada a complexidade e o volume dos recursos em jogo, a decisão passa pelo crivo do conselho e do setor jurídico do FGC, evidenciando o impacto que os grandes bancos privados têm nesse cenário.

A proposta de dividir os ativos em partes saudáveis e problemáticas não é inédita no Brasil. Já foi utilizada nas décadas passadas, durante intervenções em bancos como Nacional/Unibanco e Bamerindus/HSBC, demonstrando que o sistema financeiro adota métodos comprovados para enfrentar situações de crise. A estratégia busca minimizar os efeitos negativos de ativos de alto risco, protegendo tanto os depositantes quanto os investidores.

Enquanto as negociações desenrolam-se, o Banco Central acompanha de perto o processo, preocupado com a possibilidade de que um impasse entre o BRB, o FGC e os grandes bancos privados leve a uma intervenção regulatória. Além disso, instituições públicas como Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal manifestaram incômodo com sua limitada participação nas tratativas, apesar de serem também importantes contribuintes para o fundo.

O desfecho desse caso será decisivo para demonstrar a capacidade do sistema bancário nacional de gerir crises e manter sua resiliência. O modelo de separar o "*good bank*" do "*bad bank*" pretende assegurar que os riscos sejam contidos e que a experiência passada possa servir de guia para proteger a economia frente a desafios futuros, envolvendo complexas negociações jurídicas e regulatórias. A situação do Banco Master e a possível intervenção do BRB, coordenadas pelo FGC e monitoradas pelo Banco Central, apontam para um cenário em que a transparência e a segurança continuam sendo prioridades essenciais para garantir a confiança de toda a sociedade no sistema financeiro brasileiro.

LOGÍSTICA

Produtos exigem transporte especial

Com o aumento do consumo de alimentos perecíveis, empresas do setor criaram estratégias para garantir entregas

Durante a Semana Santa, celebrada pelos cristãos na semana que antecede este domingo de Páscoa, as tradições mudam o cardápio da maior parte das famílias brasileiras. Entre elas, o maior consumo de pescados, frutos do mar e chocolates, alimentos sensíveis à temperatura que precisam ser transportados e entregues em tempo hábil.

Especialmente no Nordeste, onde as altas temperaturas tornam-se um fator ainda mais sensível, com previsão de 30 °C na Semana Santa. "Nesse período, o transporte de perecíveis exige atenção redobrada, principalmente na nossa região, em que a temperatura é uma adversidade para a conservação dos alimentos. Por isso, as transportadoras precisam monitorar as cargas e programar-se com antecedência para a demanda", explica Arlan Rodrigues, presidente da Federação das Empresas de Transporte de Cargas e Logística do Nordeste (Fetranslog-NE).

Sendo assim, de acordo com a federação, o setor de transporte de cargas precisa realizar uma série de ajustes logísticos: como são extremamente perecíveis, os pescados precisam estar em temperaturas rigorosamente controladas, geralmente abaixo de 0 ºC, enquanto os chocolates precisam estar em climatização entre 18 ºC e 22 ºC, para evitar derretimentos e alterações; prioridade de rotas diretas e mais curtas, e até mesmo entregas noturnas ou em horários especiais para evitar trânsito e agilizar o transporte; utilização de embalagens térmicas para chocolates, e para os frutos do mar, com gelo seco, caixas de isopor ou embalagens com gelo gel.

Calor

Os pescados precisam de temperaturas controladas, geralmente abaixo de 0 °C, enquanto os chocolates precisam estar em climatização entre 18 °C e 22 °C, para evitar derretimentos


Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil

Transportadoras precisam monitorar as cargas e programar-se com antecedência para garantir o melhor trajeto

A expectativa para o feriado deste ano é de um aumento significativo na venda dos dois tipos de produtos. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Chocolates, Cacau, Amendoim, Balas e Derivados (Abicab), mais de 45 milhões de ovos de Páscoa serão produzidos, enquanto dados da Peixe BR apontam para um crescimento de cerca de 20% nas compras de peixes.

A Fetranslog-NE recomenda que os profissionais do setor estejam preparados e capacitados para o crescimento da demanda deste período, mas estejam atentos ao período de descanso necessário para cumprir suas metas em segurança.

45,2% PRÉ-PREENCHIDAS

Receita recebe quase 14 milhões de declarações do IR em um mês

Agência Brasil

Em um mês, desde a abertura do prazo, o número de declarações do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) entregues à Receita Federal aproxima-se de 14 milhões. Até as 17h de quinta-feira (17), 13.787.978 contribuintes enviaram o documento. O número equivale a 29,84% do total esperado para este ano.

Segundo a Receita Federal, 74,2% das declarações entregues, até agora, terão direito a receber restituição, enquanto 14,3% terão que pagar Imposto de Renda e 11,4% não têm imposto a pagar nem a receber. A maioria dos documentos foi preenchida a partir do programa de computador (83,4%), mas 10,1% dos contribuintes recorrem ao preenchimento on-line, que deixa o rascunho da declaração salvo nos computadores do Fisco (nuvem da Receita), e 6,5% declaram pelo aplicativo Meu Imposto de Renda para *smartphones* e *tablets*.

Um total de 45,2% dos contribuintes que entregaram o documento à Receita Federal usou a declaração pré-preenchida, por meio da qual o declarante baixa uma versão preliminar do documento, bastando confirmar as informações ou retificar os dados. A opção de desconto simplificado representa 56,9% dos envios.

Desde 1º de abril, quando a declaração pré-preenchida passou a ser baixada com todos os dados disponíveis, 8.410.267 contribuintes enviaram o documento. O abastecimento dos dados da declaração pré-preenchida atrasou neste ano por causa da greve dos auditores fiscais da Receita.

O prazo para entregar a declaração começou em 17 de março e termina às 23h59 do dia de 30 de maio. O programa gerador da declaração está disponível desde 13 de março.

A Receita Federal espera receber 46,2 milhões de declarações do Imposto de Renda da Pessoa Física neste ano, o que representará um acréscimo de quase 7%, na comparação com 2024, quando foram entregues 43,2 milhões de declarações.

As pessoas físicas que receberam rendimentos tributáveis acima de R$ 33.888, assim como aquelas que obtiveram receita bruta da atividade rural acima de R$ 169.440, são obrigadas a declarar. As pessoas que receberam até dois salários mínimos mensais, durante 2024, estão dispensadas de fazer a declaração, salvo se enquadrarem-se em outro critério de obrigatoriedade.

COOPERATIVA DE CRÉDITO

Benefícios para associados no NE alcançam R$ 860 milhões

O Sicredi, instituição financeira cooperativa presente em todo o país, gerou, em 2024, o montante de R$ 860 milhões em benefícios econômicos para os seus mais de 280 mil associados no Nordeste. É o que aponta o Benefício Econômico do Sicredi (BES), indicador utilizado pela instituição cooperativa com base em metodologia do Banco Central.

O valor representa o apoio da instituição que vai além do crédito e dos seus mais de 300 produtos, visto que demonstra uma economia média de R$ 3.062,02 para cada associado do Nordeste. O objetivo da medição é mostrar resultados tangíveis da atuação do Sicredi e reforçar o seu compromisso de impactar positivamente a sociedade. Essa foi a segunda maior economia dentre as cinco centrais regionais do Sicredi.

"Os resultados do BES 2024 refletem um desempenho positivo, especialmente em um contexto desafiador para o cooperativismo de crédito no Brasil. O crescimento do BES demonstra a resiliência das cooperativas e a confiança dos associados em nosso modelo. Isso é um indicativo de que estamos no caminho certo, promovendo um sistema financeiro mais justo e acessível", comenta Cleber Zequetto, Gerente de Desenvolvimento do Cooperativismo da Central Sicredi Nordeste.

Considerando os resultados em todo o país, o Sicredi gerou R$ 25,5 bilhões em benefícios econômicos (BES) para os associados no ano passado, um crescimento de 8,5% na comparação com 2023.

Benefício Econômico

Três indicadores compõem o cálculo do índice. São eles: o Benefício Econômico de Crédito (BEC), que mede a economia gerada por taxas mais baixas em operações de crédito; o Benefício Econômico do Depósito (BED), que mostra ganhos com remunerações mais atrativas nos depósitos; e os Benefícios Econômicos do Exercício (BEE), que incluem a distribuição de resultados, como juros ao capital e o valor revertido aos associados por meio de ações educacionais e sociais.

"O BES evidencia, na prática, como o modelo cooperativo gera benefícios tangíveis para nossos associados e comunidades. Os recursos gerados não apenas fortalecem a economia local, mas também promovem o desenvolvimento social e sustentável", conclui Zequetto.

AMIGO-CHOCOLATE

Páscoa: 31% dos consumidores devem participar da brincadeira


Foto: Freepik

Trata-se de uma boa opção para presentear sem ter que comprar um item para cada pessoa

A brincadeira de troca de chocolates, conhecida como "amigo-chocolate", é uma prática cada vez mais comum entre os brasileiros na Páscoa. Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offerwise Pesquisas mostra que 31% dos consumidores devem participar de alguma brincadeira do tipo, levando 31,5 milhões de pessoas às compras.

Os entrevistados afirmam que irão participar da brincadeira principalmente porque gostam de eventos sociais (17%) e por considerar que essa é uma boa forma de presentear gastando menos (11%). Entretanto, 63% não pretendem participar, porque seus familiares, amigos e colegas de trabalho não têm o costume de realizar essa brincadeira (28%) e porque não gostam (22%).

Considerando o ambiente e as pessoas com as quais a brincadeira será feita, 73% pretendem fazer o amigo secreto de Páscoa com familiares, 43% com amigos e 34% com colegas de trabalho.

"A brincadeira é sempre uma boa alternativa para presentear sem ter que comprar um presente para cada pessoa. Na brincadeira o consumidor só compra um único produto e ninguém fica sem presente. O problema é quando a pessoa se acha na obrigação de participar de vários eventos e ultrapassa o orçamento. É importante ficar atento aos gastos e não prejudicar o pagamento das contas do mês", alerta o presidente da CNDL, José César da Costa.

Os entrevistados pretendem participar, em média, de quatro brincadeiras, com um gasto médio de R$ 58 com cada presente.

PESQUISAS NA CAATINGA

PB tem vestígios de civilizações antigas

Trabalho do Peld Ripa tem revelado descobertas importantes sobre a história ambiental e a biodiversidade

Ascom Secties


Foto: Mano de Carvalho/Secom-PB

Pesquisas realizadas pelo programa no Cariri paraibano demonstram que os lajedos e serrotes funcionam como museus naturais, preservando espécies da Caatinga

O Programa de Pesquisa Ecológica de Longa Duração Rio Paraíba Integrado (Peld Ripa) tem revelado descobertas importantes sobre a história ambiental e a biodiversidade da Caatinga paraibana. Coordenado por instituições como a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), o projeto conta com o apoio do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e da Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq), além de instituições federais como o CNPq, a Capes e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

O financiamento do Peld Ripa é feito em ciclos de quatro anos. O primeiro, de 2021 a 2024, foi apoiado pelo Governo Estadual. Para o novo ciclo, de 2025 a 2028, o projeto será ampliado com recursos no valor de R$ 300 mil.

"O Governo da Paraíba tem investido fortemente em ciência e tecnologia como um pilar para o desenvolvimento sustentável do nosso estado. Projetos como o Peld Ripa são fundamentais para entendermos as mudanças climáticas e seus impactos, além de nos proporcionar dados essenciais para a formulação de políticas públicas mais eficazes. Esse projeto, em parceria com a Secties e a Fapesq, tem sido um marco nas pesquisas sobre a Caatinga e os biomas que a cercam, proporcionando uma visão clara sobre as transformações ambientais e históricas da nossa região", afirma o secretário de Estado da Secties, Claudio Furtado.

De acordo com ele, a colaboração entre as universidades e as comunidades científicas é crucial para mitigar os efeitos das mudanças climáticas, promover a conservação da biodiversidade e melhorar a qualidade de vida da população paraibana. "O Peld Ripa é, sem dúvida, um projeto que reflete o compromisso do Governo da Paraíba com a ciência e a preservação ambiental", completou.

Pesquisas realizadas pelo programa no Cariri paraibano demonstram que os lajedos e serrotes funcionam como museus naturais, preservando espécies da Caatinga que coexistem com vegetações típicas da Mata Atlântica, do Cerrado e até da Floresta Amazônica. Isso indica que, nesse período, a região abrigava um corredor contínuo de Mata Atlântica que poderia ter se estendido até a Amazônia, formando uma transição entre biomas.

Os estudos são coordenados pelo geógrafo doutor Bartolomeu Israel de Souza, professor da UFPB, e envolvem investigações sobre desertificação, microclima e mudanças climáticas. Uma das descobertas mais marcantes foi a identificação de fósseis de araruta, planta nativa usada por comunidades indígenas. A grande quantidade encontrada sugere a existência de uma antiga plantação, o que aponta para a presença de uma comunidade fixa no local, há cerca de oito mil anos.

■ Uma das descobertas mais marcantes foi a identificação de fósseis de araruta, planta nativa usada por comunidades indígenas

Áreas também chamam a atenção das comunidades internacionais

Seria possível árvores como jabuticabeiras, jatobás e ipês-roxos conviverem com mandacarus e juazeiros? Segundo Bartolomeu de Souza, sim. Esses encontros acontecem em áreas específicas nas bordas de lajedos e serrotes, onde se formam pequenos "oásis" que permanecem verdes mesmo durante longos períodos de seca. A presença de água acumulada e temperaturas mais amenas criam um microclima ideal para espécies com maior exigência hídrica.

Essas áreas também chamam atenção da comunidade científica internacional. Além da flora diversa, os solos são ricos em matéria orgânica. Segundo Bartolomeu, a presença da araruta em grande escala reforça a hipótese de um clima mais úmido e vegetação densa há milhares de anos. "Com o tempo, o clima se tornou mais seco e quente, levando à dispersão dessas populações e ao declínio de espécies como a araruta", explica o pesquisador.

Os cientistas estimam que a Caatinga, como a conhecemos hoje, tenha menos de cinco mil anos. As mudanças atuais no clima, agora intensificadas pela ação humana, trazem novas perguntas: essas áreas de refúgio seriam capazes de recolonizar a Caatinga? Resistiriam à intensificação das secas? As respostas dependem da continuidade das pesquisas. "Enquanto ainda não há nada de concreto, o certo é que devemos preservar essas áreas", alerta Bartolomeu.

Entretanto, há um desafio: a legislação ambiental atual não contempla as bordas de lajedo como áreas de proteção. Iniciar um debate político sobre o tema é urgente, pois essas formações podem ser fundamentais para o futuro da biodiversidade e para a conservação dos recursos hídricos da Caatinga.


Foto: Mano de Carvalho/Secom-PB

Cientistas estimam que a Caatinga, como a conhecemos hoje, tenha menos de cinco mil anos

Universidades contribuem muito com políticas do Governo do Estado

O Peld Ripa também tem apoiado ações estratégicas do Governo da Paraíba. Contribuiu com o Relatório de Impacto Ambiental (Rima) da Ponte do Futuro, que ligará João Pessoa a Lucena, realizou estudos para a dragagem do Porto de Cabedelo e participa do monitoramento de 118 reservatórios em parceria com a Aesa-PB e a Cagepa.

A UEPB é a instituição mantenedora do projeto, com participação ativa da UFPB, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB) e de outras. Ao todo, cerca de 500 pesquisadores do Brasil e do exterior estão vinculados ao programa. A professora Joseline Molozzi, vice--coordenadora do projeto, destaca a articulação com ONGs, como o SOS Sertão Brasil e a Rede Maris, além da atuação em áreas de Restinga e projetos de restauração do mangue.

■ A UEPB é a instituição mantenedora do projeto, com participação ativa da UFPB, da UFCG, do IFPB e de outras

A popularização da ciência é um dos eixos do projeto. Exposições em praças, capacitação de professores, visitas escolares às universidades e atividades itinerantes fazem parte do escopo. Destaque para o projeto Jovem Cientista, que já alcançou 14 cidades. Em quatro anos, o Peld Ripa publicou 13 artigos científicos de alto impacto, organizou mais de 10 eventos, dois livros e diversas cartilhas destinadas às comunidades locais.


Foto: Divulgação/Peld Ripa

Hoje, cerca de 500 pesquisadores do Brasil e do exterior estão vinculados ao programa

AMIGO DA NATUREZA

Projeto estimula consciência coletiva

Iniciativa do MPPB mobiliza 38 municípios paraibanos pela promoção da educação ambiental nas escolas

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com


Foto: Thiago Nozi/Escola Viva

Entre as ações propostas pela campanha, está o plantio de mudas de árvores nativas de cada região, com o propósito de atender às necessidades locais

Promover a preservação do meio ambiente e a criação de uma consciência coletiva sobre o tema são os principais objetivos do projeto Amigo da Natureza, criado pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB). O projeto transformou-se na Lei Estadual nº 13.428/2024, com a realização de uma campanha anual prevista para ocorrer de hoje até o dia 22 de abril. Agora, os municípios estão sendo estimulados a aderir e, até o fechamento desta reportagem, 38 deles já tinham criado leis municipais instituindo a campanha.

A coordenadora do Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente e gestora do projeto, promotora de Justiça Danielle Lucena, destacou a importância de educar a população sobre os temas relacionados ao meio ambiente. "A gente diz sempre que ações ambientais não caminham se não tivermos a sociedade como protagonista. Nós precisamos, sim, de uma educação ambiental efetiva. Começamos com nossas crianças, mas nossos adultos também precisam saber a realidade em que estamos vivendo, a necessidade de cuidarmos da nossa casa, do nosso planeta", afirmou.

Durante os dias da campanha, serão realizadas ações educativas em escolas públicas e privadas, além de associações, grupos de igreja, entre outros locais. Também haverá plantio de mudas de árvores nativas de cada região. A promotora explicou que a primeira ideia era a recomposição da mata ciliar, que protege os rios, mas, como talvez nem todos os municípios tenham as mesmas necessidades, ficará a critério de cada gestor definir quais tipos de mudas serão plantadas.

Um ponto relevante, neste primeiro ano, é que o início da campanha coincide com o feriado prolongado da Semana Santa e de Tiradentes. Por isso, Danielle Lucena explicou que tem incentivado os municípios a começar a campanha mais cedo ou a encerrar mais tarde, de modo a garantir uma maior participação.

Adesão

O município de Marcação, no Litoral Norte da Paraíba, foi o primeiro a aderir ao projeto e decidiu começar a campanha já no dia 15 de abril. Na data, toda a população foi convidada a se reunir na Escola Municipal de Ensino Fundamental Emília Gomes, às 9h, para sair em uma caminhada ecológica, seguida de um plantio simbólico de mudas de vegetação nativa.

"Nós vamos, também, fazer um corredor verde. Várias escolas do nosso município e algumas instituições vão fazer um plantio de mudas e enviar vídeos para nós, para que a gente possa publicar, por meio das redes sociais, o plantio em várias partes do município — em várias aldeias, escolas, repartições públicas e na sociedade civil também", contou a secretária de Meio Ambiente do município, Denise Vieira.

Para ela, o projeto combina perfeitamente com a necessidade de Marcação, por isso o interesse tão rápido em aderir. "Em Marcação, infelizmente, nós temos acompanhado, ao longo dos anos, essa necessidade de reflorestar. Existem muitas matas que foram fragmentadas ou mesmo destruídas para que houvesse o plantio de cana-de-açúcar no local", comentou.

Segundo ela, já era de interesse da gestão municipal trabalhar, de forma intensiva, em ações de reflorestamento e conscientização ambiental. "Diante da propositura do Ministério Público Estadual, nós decidimos aderir. Inclusive, nós já tínhamos um projeto chamado Flora Viva, que fazia algumas ações pontuais de reflorestamento, mas decidimos, neste ano, trabalhar em uma escala maior. E vimos, nesse projeto do Ministério Público, uma grande oportunidade de virada de chave para conseguirmos somar parcerias e tornar essas ações mais efetivas", explicou a secretária.

Programação

A programação continua, nesta semana, no estado. Na terça-feira (22), a ação contemplará os municípios de João Pessoa e Carrapateira. Na quinta-feira (24), a agenda será em Bananeiras.


Foto: Leonardo Ariel

A gente diz sempre que ações ambientais não caminham se não tivermos a sociedade como protagonista

Danielle Lucena

Planejamento observou demandas do estado

A promotora Danielle Lucena explicou que o projeto foi cuidadosamente planejado. "Nós fizemos visitas a professores da área, a centros acadêmicos, instituto federal, universidades estadual e federal. Então, o projeto teve a orientação de técnicos da área para que pudéssemos desenvolvê-lo".

A partir das conclusões do planejamento, foi definido o mês de abril para realizar a campanha. "Justamente por causa do período de seca da nossa região, porque certas plantas precisariam de uma quantidade maior de água e, dentro da nossa situação climática, talvez a gente não conseguisse atender à necessidade das mudas", comentou.

Também foi observada a necessidade de expandir os viveiros de mudas no estado. "Quando a lei foi aprovada em nível estadual, nós visitamos viveiros de mudas para saber a realidade da Paraíba quanto a essa oferta. Todas as regiões do estado têm algum viveiro, mas sabemos que isso não é suficiente para atender à demanda", constatou.

A promotora espera resolver o problema em parceria com o Governo do Estado. "Quando fui conversar com a secretária estadual de Meio Ambiente, Rafaela Camaraense, ela já falou da possível parceria, porque casaria muito bem com o projeto que eles estão para lançar, o Parahyba Viveiros do Futuro", disse.

De acordo com a Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas), o projeto, citado por Danielle Lucena, é uma iniciativa agregada ao Programa Paraíba Mais Verde e terá como objetivo implantar a distribuição sistemática de mudas para ações de recuperação ambiental associadas a projetos da Semas, prefeituras e terceiro setor, além de apoiar a regularização de Áreas de Preservação Permanente e de Reserva Legal dos agricultores e agricultoras familiares paraibanos.

Para a secretária Rafaela Camaraense, a campanha do MPPB busca fortalecer a educação ambiental e despertar o senso de responsabilidade da população para a proteção dos recursos naturais do estado, promovendo ações que incentivem o cuidado com a fauna e a flora locais.


Foto: Thiago Nozi/Escola Viva

Recomposição da mata ciliar de rios é uma das metas

Rio Gramame

A Escola Viva Olho do Tempo, localizada no bairro de Gramame, em João Pessoa, é uma das instituições que estão colaborando com a campanha. O educador ambiental Ivanildo Santana contou que coordena, junto com a escola, uma campanha permanente de preservação do Rio Gramame, chamada Viver em Águas Limpas. Por isso, a campanha do MPPB relaciona-se com os objetivos da campanha que a escola já promove há 15 anos.

"A gente entendeu que são ações que se somam. E foi isso que nos chamou a atenção e nos interessou. Inclusive, nesta semana, estaremos reunidos com a promotora Danielle Lucena para apresentar tudo o que temos feito, ao longo desses mais de 15 anos, a respeito do Rio Gramame", contou.

Para o professor, é importante manter o diálogo vivo e aproximar a promotora, que é uma autoridade, da população. "Para que a própria comunidade diga o que está acontecendo, e ela também entenda o olhar das comunidades sobre essas questões ambientais", pontuou.

Ivanildo também ressaltou a importância da mata ciliar para os rios. "Eu sempre trago o exemplo do Rio Gramame, que é o rio que eu conheço e sei os problemas que o cercam. Existe muita ausência da mata ciliar e, com isso, diversos problemas são desencadeados, sobretudo a questão do assoreamento", alertou.

"Estou em um trecho aqui, onde, outrora, havia uma profundidade de 15 m. Hoje, esse mesmo trecho não chega a 3 m. A quantidade de areia, o tanto que esse rio foi assoreado, é absurda. As árvores tinham um papel fundamental, importante na proteção dos rios, na proteção de nós mesmos — no sentido da sombra, de ter esse abrigo para animais", completou.


Foto: Thiago Nozi/Escola Viva

Mobilização da Escola Viva em defesa do meio ambiente

Outros colaboradores

O projeto Amigo da Natureza também conta com a colaboração do Governo da Paraíba, da Federação de Associações dos Municípios da Paraíba (Famup), da Polícia Ambiental, do Ibama, da Arquidiocese da Paraíba, do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino da Paraíba (Sinepe-PB), da Polícia Rodoviária Federal, das universidades federais da Paraíba e de Campina Grande e do Instituto Federal da Paraíba, além de organizações não governamentais ligadas ao meio ambiente e outras instituições.

Fotos: Gilberto Lira/Arquivo pessoal



Os treinamentos da Associação Paralímpica acontecem no ginásio do Instituto dos Cegos

ARRETADOS PARALÍMPICOS

Inclusão pelo *rugby*

Associação, pioneira no Nordeste, oferece mais uma prática esportiva para pessoas com deficiências

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Há quase dois anos, a comunidade paraibana de pessoas com deficiência conta com uma valiosa opção de prática esportiva. Pioneira na região Nordeste a compor o quadro de filiados da Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas (ABRC), a Associação Arretados Paralímpicos da Paraíba surgiu a partir do projeto de extensão "Condicionamento Físico e Esportes para pessoas com lesão medular", coordenado pela professora do Departamento de Educação Física da UFPB, Elaine Souto, e, desde então, vem alcançando patamares cada vez mais elevados Brasil afora.

"Foram poucas pessoas de início, mas, com o tempo, a gente foi crescendo. Chegou a um ponto que a gente quis competir, porque o bom do esporte é isso. A gente trabalha o corpo, trabalha a mente jogando ali, e como a modalidade é feita para deficientes físicos, a gente começou mais para sair de casa, para ter uma ocupação. Hoje em dia, não, o foco da gente agora é competição, a gente já treina forte, treina para competir", explica Gilberto Lira, Diretor administrativo-financeiro da entidade esportiva.

"Vimos a necessidade de abrir uma associação para isso, porque só pela Universidade não dá, ela não pode trabalhar com competição, trabalha muito voltado para o aluno e os professores. Com essa necessidade de competir, a gente abriu uma Associação, filiou-se à ABRC, e agora, sim, depois dessa Associação, a gente já pode competir, pode viajar, pode fazer tudo. Inclusive, com essa Associação, a gente pode comprar cadeiras de *rugby*, por intermédio de patrocínio, para ter ajuda visando crescer mais", acrescenta ele.

Crescimento

Apesar de estar ofertando apenas uma modalidade, a ideia é que, num futuro próximo, este número cresça e mais pessoas sejam beneficiadas. Enquanto esse momento não chega, Gilberto explica como funciona o processo para o interessado integrar-se à equipe pessoense.

"O *rugby* é dividido em duas modalidades: tem o *rugby* 4, que é de quatro jogadores em quadra, ele é mais voltado para pessoas que são tetraplégicas, ou tem uma deficiência bem severa, que prejudica, no mínimo, três membros; e tem o *rugby* 5, esse já é pra pessoas que tem uma deficiência menos severa, eu, por exemplo, sou paraplégico, tenho movimento dos meus braços e me encaixo no 5. A gente se encontra lá no Instituto de Cegos, onde tem uma professora que vai ver a deficiência da gente, e destinar para cada modalidade. Quem quiser participar, tiver interesse, é só ir lá no Instituto de Cegos, na terça e quinta à tarde, a partir das 14h30 a gente está por lá, e ficamos até às 17h", destaca ele.

A equipe paraibana já participou de regionais, abertos e até nacionais, como a Copa dos Campeões, disputada em 2023, do qual retornaram com a medalha de ouro no *Rugby* 5. A próxima disputa é a terceira edição do Aberto de João Pessoa, programada para acontecer no dia 23 de maio deste ano.

Com o objetivo atual de subir da segunda para a primeira divisão nacional, é fundamental conseguir patrocínios, aponta Gilberto. "A associação é nova, ela está fazendo dois anos, e muitos recursos não podem ser captados antes de completar os dois anos, inclusive a verba parlamentar, que um vereador ou um deputado possa destinar. A gente está esperando completar esses dois anos, para ir atrás de um deputado ou um vereador que queira nos ajudar. E em relação à Lei de Incentivo ao Esporte, a gente está lutando também. Já passou por todo o processo, foi aprovado, já foi liberado, já abrimos até a nossa conta bancária, porque é um processo, é tudo feito através do Ministério do Esporte. Agora, a gente está na parte de captação de recursos, e a gente está precisando de uma ajuda muito grande em relação a isso", diz o diretor.

Qualidade de vida

Em qualquer contexto em que estejam presentes, o esporte e o paradesporto podem ser, igualmente, sinônimos de ressignificação. No caso da Associação Arretados Paralímpicos da Paraíba, não é diferente.

"O esporte é fundamental para um deficiente físico. Vamos dar o exemplo de uma pessoa que vinha andando, de repente para numa cadeira de rodas, é muito difícil sair dessa, porque é um processo longo, muita gente tem depressão, e o esporte é o que ajuda a gente nisso", destaca Gilberto.

"É muito importante que uma empresa, ou Governo do Estado, uma prefeitura, auxilie a gente, os deficientes, porque é a qualidade de vida. A gente fala de esporte, mas o esporte é saúde, e para manter o esporte, para deficientes físicos, é caro. Normalmente, a gente não tem condições de manter uma associação, de manter só o esporte em si, estar em uma cadeira de rodas para jogo, e a gente precisa de muita ajuda para isso, para poder dar uma qualidade de vida para os deficientes físicos", finaliza ele.



Integrantes da Associação Arretados Paralímpicos da Paraíba já participam de competições

FUTEBOL FEMININO

CBDV convoca 15 atletas para treinos

Numa iniciativa inédita, a Confederação realizará quatro etapas do Camping para formar a Seleção Brasileira

A CBDV (Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais) divulgou a primeira convocação para o Camping de Treinamento de Futebol Feminino, iniciativa inédita que acontecerá de 3 a 10 de maio, no Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro, em São Paulo.

Para o calendário deste ano, a CBDV realizará quatro etapas do Camping de Treinamento. Em maio, acontece a primeira data, e as outras em julho, setembro e novembro. O objetivo final é formar a Seleção Brasileira de Futebol de Cegas, que disputará as principais competições da modalidade, entre elas a Copa do Mundo, que acontece, ainda este ano, na Índia.

Helder Maciel, presidente da Confederação, falou sobre a importância do futebol para cegas: "É um momento de muita alegria podermos iniciar uma fase de treinamento do futebol feminino. Começamos com a clínica, a Confederação vem trabalhando muito intensamente para que isso acontecesse e, finalmente, hoje conseguimos construir um calendário para o futebol feminino. Vamos iniciar em maio com fases pré-estabelecidas e estamos buscando mais recursos para termos mais condições de realizar clínicas ainda este ano, para atrair meninas que queiram jogar, experimentar o futebol feminino e, quem sabe, formar uma equipe até o fim do ano para disputar um evento internacional. Estou muito feliz, lutamos muito e agora está acontecendo. Isso tudo graças à parceria com o Comitê Paralímpico, que foi fundamental. Estamos torcendo pelas meninas, para que tenham sucesso e consigam desenvolver um bom trabalho com a comissão técnica que está à frente desse projeto. Não pensamos apenas no agora, pensamos no futuro com esse pontapé inicial".

O futebol de cegas ainda não é uma modalidade paralímpica, ou seja, não faz parte da grade dos Jogos Paralímpicos. No entanto, já está sendo desenvolvida mundialmente pela Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA, na sigla em inglês), que realizou a 1ª edição da Copa do Mundo feminina em 2023, na Inglaterra.

No Brasil, a CBDV realizou algumas ações nos últimos anos, visando o incentivo da prática da modalidade pelas mulheres, como o 1º Festival de Futebol de Cegas, em 2022. Este ano, serão realizados quatro campos de treinamento. O objetivo é estruturar uma equipe que possa representar o país nas competições e, futuramente, na Paralimpíada.

Ao todo, 15 atletas serão reunidas para uma série de treinamentos. A comissão técnica é formada por David Xavier, como treinador, e Thalita Ribeiro, como assistente técnica.



Foto: Taba Benedicto/CBDV

Futebol feminino passa a ser incentivado pela CBDV, que projeta a formação de uma equipe nacional para disputar competições de nível internacional

ATLETISMO

CBAt convoca atletas para Mundial de Revezamento

A Seleção Brasileira convocada para o 7º Campeonato Mundial de Revezamentos de Guangzhou 2025, na China, que será realizado dias 10 e 11 de maio, sofreu mudanças. A Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) manteve os critérios previamente aprovados para as convocações e, em função do pedido de dispensa de três velocistas, o Brasil não disputará o revezamento 4x100 m feminino.

Pediram dispensa Ana Carolina Azevedo, Vitória Cristina Rosa e Lorraine Martins (todas do EC Pinheiros). Diante da confirmação de apenas três convocadas — Gabriela Silva Mourão (EC Pinheiros-SP), Daniele Campigotto (Clube de Atletismo Chapecó-SC) e Vanessa Sena dos Santos (AD Centro Olímpico-SP) - o Brasil não participará da prova.

Em ano de Mundial de Atletismo — será em Tóquio, Japão, de 13 a 21 de setembro — a programação dos atletas se altera e competições na Ásia implicam em viagens longas e desgastantes.

O Brasil participará no 4x100 m masculino, apenas Paulo André Camilo de Oliveira pediu dispensa. Também participam os revezamentos 4x400 m feminino, masculino e misto.

Os velocistas disputam o 54º Campeonato Sul-Americano de Mar Del Plata, na Argentina, de 25 a 27 de abril, competição importante, uma vez que classifica o campeão de área para o Mundial de Atletismo de Tóquio (desde que tenha o melhor resultado da área). Logo após o Sul-Americano, os integrantes dos revezamentos que aceitaram a convocação para o Mundial ficam concentrados para treinamento em Bragança Paulista, São Paulo, para a viagem à China, prevista para 3 de maio.

A delegação do Sul-Americano de Mar de Plata teve algumas mudanças. Pediram dispensa Luiz Maurício da Silva, do lançamento do dardo — vai competir na Europa em maio —, e Matheus Lima, que fará duas etapas da Diamond League na China. Foram chamados Arthur Curvo, no lançamento do dardo, Lucas Carvalho, nos 400 m rasos, e Caio Vinícius nos 400 m com barreiras. July Ferreira optou por competir apenas nos 1.500 m, então Pedrina Silva foi chamada para correr os 5.000 m.



Foto: Wagner Carmo/CBAt

Atletas do revezamento 4 x 400 m, que disputaram os Jogos Pan-Americanos de Santiago, estarão presentes na competição em Guangzhou

MEMÓRIAS

Pelé e Eusébio reúnem-se em Boston

Primeiro encontro entre as estrelas, após a Copa do Mundo de 1966, aconteceu em uma Universidade dos EUA

No dia 20 de junho de 1975, em um estádio de estrutura precária e com capacidade para 12.500 pessoas no campus da Universidade de Boston, dois dos maiores futebolistas da história reencontraram-se em campo. O New York Cosmos, de Pelé, enfrentou o Boston Minutemen, de Eusébio, em uma partida válida pela *North American Soccer League (NASL)*, atual *Major League Soccer.* Foi o primeiro encontro dos craques desde a Copa do Mundo na Inglaterra, em 1966, quando Brasil e Portugal se enfrentaram na fase de grupos no Goodison Park.

Em meio a grande empolgação e expectativa, o caos tomou o Nickerson Field por conta da falha dos anfitriões em disponibilizar assentos, vagas de estacionamento ou segurança suficientes para um confronto daquele porte. Estima-se que de 18.000 a 20.000 espectadores lotaram o estádio, com torcedores se amontoando até nas beiras do gramado para assistir à partida.

Tanto Pelé quanto Eusébio, que chegaram à *NASL* em 1975, não vinham na melhor forma física em seus novos clubes, mas em pouco tempo eles deixaram suas marcas. Ídolo do Benfica, Eusébio abriu o placar com uma cobrança de falta a 12 minutos do fim, antes de Pelé empatar, levando centenas de torcedores a invadir o campo para celebrar com o craque.

Durante a confusão, o gol foi invalidado pelo árbitro, pois a bola havia saído do campo, acertado torcedores sentados próximos ao gol do Boston e voltado para a área antes da finalização de Pelé (e não na trave, como muitos torcedores imaginaram). O craque brasileiro, que se machucou durante o tumulto, foi levado ao vestiário para sua própria segurança, assim como Eusébio.

"Nós simplesmente nos jogamos em direção ao Pelé para protegê-lo", disse John O'Reilly, assessor do Cosmos, ao New York Times. "As pessoas estavam enlouquecidas". Por fim, após um longo atraso, o jogo foi cancelado e posteriormente remarcado.

Quem estava no campo naquele dia era o goleiro americano Shep Messing, que havia sido cortado pelo New York Cosmos na pré-temporada e depois contratado pelo Boston. Embora frustrado por não poder jogar ao lado de Pelé — desejo esse que acabou se realizando na temporada seguinte —, Messing afirma ter se sentido extremamente orgulhoso por atuar com Eusébio.

"Fui mandado embora do Cosmos e li que o Pelé havia assinado com eles. Eu me senti muito mal por isso", contou Messing à Fifa. "Viajei o país inteiro, fiz um teste no Boston, e o treinador me contratou para jogar pela equipe. Um dia, no início da temporada, ele {treinador Hubert Vogelsinger} veio ao vestiário e disse que tinha acabado de assinar com o Eusébio e outros dois jogadores portugueses. Foi aí que o Eusébio entrou no vestiário... fiquei de queixo caído".

Um dos primeiros jogos de Eusébio por seu novo time foi exatamente o duelo com Pelé, que marcou o reencontro dos astros após o Mundial de 1966, quando o "Pantera Negra" marcou dois gols na surpreendente vitória de 3 a 1 para Portugal.

"Quando Pelé veio nos visitar em Boston, foram vendidos mais ingressos do que havia assentos disponíveis. A multidão era grande demais para caber no estádio, então todos desceram e o público ficou enfileirado em volta do campo", lembrou Messing.

Foi justamente a proximidade dos torcedores ao gol que causou as cenas de caos no final. "Pelé acabou caindo, talvez tenha sido atingido acidentalmente por alguém que entrou em campo... e ele tinha um segurança em tempo integral chamado Pedro, que o ajudou a chegar até o vestiário", relata Messing. "Eusébio também estava na confusão tentando ajudar Pelé e tentando afastar as pessoas dali. Foi uma loucura".

Falso agente

Eusébio ajudou o Boston a chegar às fases finais da Conferência Leste naquela temporada, mas com os cofres se esvaziando, sua passagem pela cidade-sede da Copa do Mundo da Fifa logo chegou ao fim. Durante seu período pelo clube, Messing e Eusébio rapidamente se tornaram amigos após noites jogando pôquer juntos, e o goleiro colaborou com a transferência do atacante ao Toronto Metros-Croatia de forma inusitada.

"Com a temporada chegando ao fim, nós sabíamos que o time estava ficando sem dinheiro, então tínhamos que correr para sacar nossos cheques nas segundas-feiras de manhã", lembrou Messing. "Foi ideia do Eusébio. Ele disse: 'Shep, finja que você é nosso agente e vamos começar a ligar para uns times'. Isso foi enquanto jogávamos pôquer e fumávamos charutos. E ele continuou: 'Shep, você conhece todo mundo. Use outro nome, pegue o telefone e comece a ligar para uns clubes por mim, Wolfgang {Sühnholz} e o António {Simões}.' Foi o que eu fiz. Não dei meu nome e acabei conseguindo negociá-lo com o Toronto", contou.

"Na semana seguinte, fui ao aeroporto, tínhamos que pegar um voo para Seattle para ir a um jogo. Não tínhamos dinheiro para a passagem aérea, até que o técnico veio até mim e disse que o goleiro do New York Cosmos havia quebrado o ombro e que me queriam de volta. Então, me venderam para o Cosmos por 20 passagens de ida e volta para Seattle. Peguei um voo para Nova York e joguei pelo Cosmos na semana seguinte. Eusébio estava em Toronto."

Em Las Vegas

Messing enfrentou Eusébio algumas vezes na NASL, mas o encontro mas memorável entre eles aconteceu quando o craque português atuava pelo Las Vegas Quicksilvers, em 1977.

"Viajamos para Las Vegas e, na noite anterior ao jogo, ia acontecer uma partida de tênis entre Jimmy Connors e Ilie Nastase valendo 100 mil dólares", conta Messing. "Estávamos todos no cassino: eu, Pelé, Eusébio, Jimmy Connors e Nastase, até que às 21h, Pelé foi para o quarto para se preparar para o jogo do dia seguinte. Nastase disse a Eusébio e a mim: 'Não vou subir, vamos ficar aqui'."

"Jimmy Connors subiu para o quarto dele e nós três ficamos acordados até as quatro da manhã jogando no cassino. No dia seguinte, Nastase desistiu da partida de tênis, pois queria nos ver jogar. Defendi alguns chutes do Eusébio e nos cumprimentamos, foi uma ótima reunião. Acho que perdemos aquele jogo, mas foi de fato a última vez que o vi {em campo}. Ele era um ótimo companheiro e um ótimo amigo".

Messing teve um papel crucial no desenvolvimento do futebol nos Estados Unidos na década de 1970 e acredita que o Mundial de Clubes da Fifa 2025 e a Copa do Mundo da Fifa 2026 levarão o esporte a novos patamares no país.

"A grande comparação está em ver o que ocorreu (após a Copa do Mundo da Fifa 1994). Em 1994, o esporte estava morto", diz Messing. "Não havia futebol profissional por aqui, e a Copa do Mundo fez parte da criação da Major League Soccer (MLS). Alguns anos depois, veja só o quanto ela cresceu.

"Acredito que essa Copa do Mundo causará um impacto duradouro em nosso futebol, pois o cenário da mídia e a demografia deste país são bem diferentes. O crescimento da MLS tem sido bem comedido e financeiramente responsável, mas se mostrou um processo lento. Acho que esta Copa do Mundo vai atrair muita atenção para o esporte aqui.", concluiu.

Foto: Divulgação/Fifa



O reencontro de Pelé e Eusébio, no campus da Universidade de Boston, no dia 20 de junho de 1975, durante um amistoso pela liga norte-americana

Foto: Divulgação/Fifa



Pelé e Eusébio, duas lendas do futebol mundial, que jogaram a Copa do Mundo de 1966

Foto: Daniel Viera/Treze

Jogadores do Treze, em treino de muita descontração, antes do embate com o Santa Cruz-PE

SÉRIE D

Galo estreia, no Amigão, contra Santa Cruz-PE

Alvinegro paraibano inicia a sua caminhada, no Brasileiro, com a missão de garantir calendário para a temporada de 2026

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Treze-PB estreia, hoje, às 16h, contra o Santa Cruz-PE, no Estádio Amigão, pela Série D do Campeonato Brasileiro. A partida será válida pelo Grupo A3. Com a possibilidade de ficar sem calendário no segundo semestre de 2026, o Galo aposta todas as suas fichas na disputa da Quarta Divisão. Sob o comando de Felipe Surian, a equipe inicia sua trajetória, na edição deste ano, diante do seu torcedor, em Campina Grande.

"Tivemos dois amistosos, mas a competição [Série D] em si é um momento diferente. A atmosfera é diferente. Em termos de treinamento, houve evolução. A gente iniciou com 50% [do elenco], depois foram chegando outros atletas e, hoje, nós temos basicamente 100% do elenco. Nada impede de começar forte, muito focado, buscando essa vitória. Principalmente em casa, diante do torcedor, dando um salto à frente dos nossos adversários diretos, visando desde já a classificação", destacou o treinador, que chegou após o fim do Estadual.

Campanha de 2024

O torcedor alvinegro ainda lamenta o final da campanha do Treze-PB na edição de 2024 da Série D. O clube teve um desempenho quase impecável. O Galo foi líder de sua chave, somando 31 pontos, em 14 partidas. Além disso, perdeu apenas uma partida, empatou quatro e venceu nove.

Nas fases seguintes, eliminou ASA-AL e Altos-PI, chegando ao mata-mata do acesso, quando não conseguiu repetir as atuações do restante da competição. A equipe foi eliminada pelo Itabaiana-SE nas quartas de final com um placar agregado de 3 a 1. A campanha do ano passado só não foi melhor que o vice-campeonato conquistado em 2018, quando a competição tinha formato diferente. Na decisão, o clube paraibano perdeu para o Ferroviário-CE.

Adversário da estreia

O Santa Cruz-PE chega pressionado pelo seu torcedor para a partida contra o Treze-PB. O clube foi semifinalista do Campeonato Pernambucano, perdendo para o rival Sport-PE. A campanha de altos e baixos causou a demissão de Itamar Schulle. Para a Série D, o clube trouxe Marcelo Cabo. Diante do cenário apresentado, Felipe Surian projetou o confronto de hoje. "O Marcelo é um técnico que também organiza bem a equipe, então vai ser um jogo muito estudado, em que os dois tempos devem ser distintos, porque, no intervalo, tanto eu como ele podemos ajustar alguma coisa. Então, vai ser um jogo bem interessante para esse início de competição", afirmou o treinador do Galo.

Retrospecto

Conforme o *site* ogol.com.br, em todas as competições oficiais foram disputados 29 jogos entre Santa Cruz-PE e Treze-PB. O time de Pernambuco tem 14 vitórias, enquanto o Galo tem seis triunfos, e ainda houve nove empates.

No Amigão, ocorreram 13 duelos, com quatro vitórias do clube coral, cinco empates e quatro triunfos do Alvinegro de Campina Grande. A última partida entre as equipes ocorreu em janeiro deste ano, pela Pré-Copa do Nordeste, em Recife (PE), quando o Galo ganhou por 2 a 1.

Arbitragem

Rafael Carlos Salgueiro Lima (CBF-AL) será o árbitro do confronto entre pernambucanos e paraibanos. Wlademir Cunha Mendes (CBF-PB) e Gleydson Francisco (CBF-PB) foram escalados como assistentes. O quarto árbitro é Willian Cacio de Oliveira (CBF-PB).

SÉRIE A

Clássico paulista é o destaque da rodada de hoje pelo Brasileirão

Seis jogos sequenciam a quinta rodada do Brasileirão, hoje, com destaque para o clássico paulista entre São Paulo e Santos, no MorumBis, a partir das 16h, com transmissão da Globo e Premiere. As equipes não vivem um bom momento e devem fazer um jogo bastante equilibrado.

O Santos, apesar de ter vencido o Atlético-MG na última rodada por 2 a 0, perdeu o seu principal jogador, Neymar, que sentiu uma nova lesão na coxa e deixou o campo ainda no primeiro tempo, sendo desfalque neste domingo. Com apenas quatro pontos, o Alvinegro está distante dos líderes, joga pressionado para subir na tabela e não flertar com os times da zona de rebaixamento. O São Paulo-SP faz campanha ruim e ainda não venceu, também não perdeu, pois foram quatro empates. Outro jogo de grande importância acontece no Mineirão entre o Atlético-MG, em crise e na zona de rebaixamento, e o Botafogo-RJ. O Galo tem dois empates e duas derrotas, enquanto o Glorioso tem cinco pontos com uma vitória, dois empates e uma derrota. A partida terá a transmissão ao vivo pela Globo e Premiere.

A rodada, no entanto, começa mais cedo com o jogo entre Juventude-RS e Mirassol-SP, às 11h, no Alfredo Jaconi, onde o time gaúcho tem 100% de aproveitamento. A transmissão é do Premiere. O Mirassol-SP vem de um resultado expressivo ao golear o Grêmio-RS por 4 a 1, mas o Juventude-RS foi humilhado, no Maracanã, ao perder para o Flamengo-RJ por 6 a 0.

Dois jogos vão acontecer às 18h30, um no Maracanã, Fluminense-RJ x Vitória-BA, e outro no Castelão, Fortaleza-CE x Palmeiras-SP. O tricolor carioca vem embalado sob o comando de Renato Gaúcho e derrotou o Corinthians-SP na rodada passada, em São Paulo, por 2 a 0. Já o Rubro-Negro triunfou diante do Fortaleza-CE por 2 a 1. O time cearense não faz boa campanha e o seu grande teste será diante do Alviverde paulista, que vem de uma vitória sobre o Inter-RS por 1 a 0. Bragantino x Cruzeiro jogam às 20h30, no Nbi Abi Chedi, transmissão do Premiere.

Foto: Rubens Chiri/São Paulo FC

Jogadores do São Paulo-SP comemoram gol do empate contra o Botafogo-RJ, em 2 a 2

SÃO BRAZ® produtos de qualidade
apresenta:
PADRE FÁBIO DE MELO
Este sou eu
Sábado, 03 de maio - 20h
Teatro Pedra do Reino
INGRESSOS ECOLOGICA Manaira Shopping 2106-6127 Sympla
APOIO: JORNAL A UNIÃO Tabajara

EDIÇÃO: Amanda Gabriel
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

"MARCO ZERO DA PARAÍBA"

Dominação espanhola

Forte Velho, em Santa Rita, foi erguido por ordem do general Diego Flores de Valdés, mas acabou incendiado pelos Potiguara



Imagens: Reprodução/Domínio público

Rei Filipe II e São Tiago Maior inspiraram o nome original do forte

Ademilson José
Especial para A União

É bem verdade que isso não vai provocar uma revisão na história oficial do nosso estado, mas é preciso que se diga: o Sanhauá e o Varadouro facilitaram a conquista da capitania, mas, com base em registros de pesquisadores e historiadores, o local que pode ser considerado o "marco zero da Paraíba" é o Forte Velho, no território de Santa Rita.

E esse marco inicial, vale acrescentar, não se deu em 1585, mas um ano antes, em 1584, e com um detalhe a mais: o primeiro europeu a vencer a resistência potiguara e a erguer a primeira construção na Paraíba não tinha nada de português. Foi o general espanhol Diego Flores de Valdés. A chegada e a vitória dele em Cabedelo aconteceram no começo de 1584 e foi exatamente no dia 1º de maio daquele ano que, na margem esquerda do rio e em frente à Ilha da Restinga, ele começou a erguer o Forte de São Filipe e São Tiago.

Valdés voltou à Europa para comunicar a conquista e, em seu lugar, no comando das tropas e da construção, deixou o também espanhol Francisco de Castrejón. No dia 25 de julho, o forte foi inaugurado, fazendo uma dupla homenagem — ao Rei Filipe II, da Espanha, e ao santo do dia, que era São Tiago Maior. Sob o comando espanhol, a Paraíba, finalmente, estava conquistada e começava a ser fundada, mesmo que impactada por uma displicência cometida por Castrejón.

É que ele não conhecia o poder de resistência dos Potiguara, que haviam perdido a batalha para Valdés, mas não haviam perdido a guerra. Tanto é assim que, numa das saídas de Castrejón — ele costumava fazer isso, tentando ocupar novos espaços rio acima, rio abaixo —, os Potiguara invadiram e incendiaram o forte já inaugurado. Quando retornou e viu o desastre, teve medo de novo ataque potiguara, pegou a reta do mar e correu para Olinda. Pouco tempo depois, os próprios invasores começaram a chamar o local de "Forte Velho", nome que se mantém até hoje.

Mas aquela decepção espanhola não tinha sido a primeira. Antes, em 1582, outra tentativa já havia fracassado. E antes dela e da União Ibérica, que começou em 1580, mais três expedições também haviam tido o mesmo fim — em 1574, 1575 e 1579. Somando tudo, na tentativa de se estabelecer na Paraíba, portugueses e espanhóis já haviam sofrido, no caso, cinco derrotas para os Potiguara. Depois do episódio de Forte Velho, viram que, por Cabedelo, seria impossível.

Além de muito belicosos, os Potiguara daquela área, que preferiam aliança com os franceses, eram muito numerosos. Uma das maiores concentrações Potiguara do Litoral do Nordeste estava justamente ali, entre Cabedelo, Ilha da Restinga e Forte Velho, espalhando-se por Costinha e Lucena. Há projeções aproximadas de outros autores, mas Horácio de Almeida chegou a estimar que tal concentração se dava em torno de "50 mil almas".

A maior vítima dos fracassos dos invasores foi, justamente, o comandante de duas das cinco expedições, Frutuoso Barbosa. Além das derrotas, perdeu a mulher (numa tempestade) e um filho (atingido por uma flechada no rosto, durante luta com os Potiguara). Quando começaram a criar as Capitanias Hereditárias, em 1534, os portugueses estabeleceram, facilmente, logo duas, ao sul do nosso Litoral (Pernambuco e Itamaracá), mas, quando subiram para conquistar a Paraíba, só colecionaram prejuízos e derrotas.

Por isso, em vez de insistirem na tentativa pela foz do rio, por Cabedelo, mudaram a estratégia de chegada para o interior, usando o Rio Paraíba. Chegavam pela várzea de Espírito Santo–Santa Rita, avançando, em seguida, para onde existem, hoje, os bairros Ilha do Bispo e Varadouro. Mas, para obter algum êxito, não precisaram somente disso. Precisaram contar também com os Tabajara, que haviam deixado o Vale do São Francisco e se concentravam às margens do Paraíba, entre Pilar e Tibiri.

Como nutriam arestas com os Potiguara e não eram nativos nem fixos na Paraíba — eram meio nômades e viviam mudando de territórios —, no dia 5 de agosto de 1585, reunidos às margens do Sanhauá, eles aceitaram se unir aos invasores para lutar contra os nativos potiguaras. Em 4 de novembro do mesmo ano, já estavam, inclusive, ajudando seus aliados a erguer um novo forte no Varadouro, mais precisamente por onde existe, hoje, a rede ferroviária.

Mesmo assim, nem tudo era sossego. De acordo com os registros históricos, pelo menos até 1599, ano da saída dos franceses da Paraíba, esse novo forte do Varadouro não parava de ser alvo de ataques potiguaras. A vantagem, agora, era que, ao contrário do que ocorria no Forte Velho, os portugueses só esperavam para a defesa. Foi nessa realidade de combates que a cidade começou a renascer, desta feita, com a homenagem reduzida ao rei da Espanha, "Filipéia", prova de que o início da fundação continuava bem mais espanhol que lusitano.

A predominância de nomes portugueses nas ações dessa nova tentativa de ocupação — Martim Leitão e João Tavares, por exemplo — dava-se porque, como havia intensificado sua guerra com a Holanda, a Espanha não montou nova expedição, preferindo deixar que seu *staff* militar português de Olinda tentasse consolidar o complicado processo de conquista da Paraíba. Somente em 1640, com o fim da União Ibérica, é que Portugal se livra da coroa espanhola e, aí sim, volta a assumir sozinho o poder de mando no Brasil.

Antes disso, porém, tanto a ocupação do marco zero no Forte Velho como todo o processo inicial de conquista e fundação estavam mesmo sob comandado espanhol. Mas isso, vale salientar, não é posição que se pretende defender aqui, com mero propósito de estabelecer polêmica. Trata-se de constatação assentada em registros de todos os pesquisadores e historiadores que tratam do tema, especialmente daqueles que trabalham com o período colonial.

Registros

Sem desmerecer a importância dos demais, comecemos uma amostragem desses registros justamente com o mais conhecido e reconhecido em nosso estado, o professor José Octávio de Arruda Mello. Na página 30 do seu livro "História da Paraíba — Lutas e Resistência" (Editora Ideia, 14ª edição, 2023), ele afirma precisamente o seguinte: "(...) Em 1584, as lutas pela Paraíba motivaram a atuação dos espanhóis, a quem, indiretamente, passara a pertencer o Brasil, em razão da união das coroas de Portugal e Espanha, subordinadas a um mesmo soberano, Felipe II (...)".

Mesmo não precisando bem o Dia de São Tiago (25 de julho), o também professor Lúcio Flávio Vasconcelos é esclarecedor quando trata do assunto, na página 88 do seu livro "Paraíba Colonial — Resistência indígena e domínio imperial" (Editora Arribaçã, 2023). Ele diz: "(...) Por determinação de Valdés, um forte começou a ser edificado no dia 22 de abril, na margem esquerda do rio. (...) No dia 1º de maio de 1584, mesmo o forte não estando totalmente concluído, o general Valdés o batizou com o nome de San Phelipe y Sanctiago e partiu para a Espanha".

Outro nome conhecido e reconhecido como especialista em período colonial, Guilherme d'Ávila Lins não deixa por menos e até ajuda no entendimento de que o forte do Varadouro foi um segundo e "substituto". "(...) O ouvidor-geral Martim Leitão (...) já havia construído o forte do Varadouro para substituir o já destruído forte de São Filipe e São Tiago", lê-se na página 25 do seu livro "Governantes da Paraíba no Brasil Colonial (1585–1808) — Uma revisão crítica da relação nominal e cronológica" (2ª edição, revista e corrigida).

Mas não são somente os conhecidos e reconhecidos historiadores paraibanos que registram o comando espanhol nas origens da Paraíba e, mais precisamente, no marco zero do Forte Velho. Os próprios portugueses fizeram isso *in loco* e a prova mais marcante está no famoso escriba anônimo: "(...) de fronte da ponta da ilha (...) se fez o primeiro forte, por ordem do general Diego Flores de Valdés", trecho da página 22 de "História da Conquista da Paraíba — Anônimo" (Editora do Senado Federal, Brasília, 2000).

Como exemplo de que os relatos são mesmo de todos, na página 34 do seu livro "História Colonial da Parahyba", o jovem historiador campinense Erik Brito detalha até mesmo o aparato espanhol que ficou tomando conta do marco zero. Escreveu Erick: "(...) O general Valdés, depois de instalar o forte que batizou de São Felipe e São Tiago, partiu para o Reino, deixando a fortificação com 160 soldados sob o comando do espanhol Francisco de Castrejón".

E quem, porventura, desejar registros com mais detalhes e também com inclusão de fontes mais tradicionais é só recorrer às páginas 1.364 e 1.366 do documento "A Identidade Paraibana na Obra 'História da Paraíba', de Horácio De Almeida", de Luíra Monteiro. Nesse apanhado, que também pode ser localizado na internet, observa-se até mesmo uma certa queda de braço entre os cabeças da expedição que abriu o processo de conquista da Paraíba.

Começa assim: "(...) Em março de 1584, a armada zarpou da Bahia com sete naus espanholas e duas portuguesas, por divergências onde o local do forte deveria ser levantado, pois Valdés queria erguer o forte à margem esquerda do Paraíba em frente à restinga; já Frutuoso queria erguer no lugar onde hoje está a fortaleza de Cabedelo, pois, na sua visão, ofereceria mais segurança aos moradores dos ataques dos índios. Diego ganha na discussão e o forte é levantado rapidamente (...)". E continua, destacando a resistência potiguara: "A fundação da Paraíba deu-se de modo pacífico, segundo o IHGP, o que contrapõe Horácio de Almeida. Segundo descrito em sua obra, foram possíveis cinco expedições, durante 11 anos de tentativas, para que a cidade fosse finalmente fundada. Essas incursões não tiveram sucesso por causa do gentio habitante dessas terras, os índios potiguaras".

Mirante abandonado

Mas apesar desses relatos sobre o comando espanhol no Forte Velho, a historiografia, erroneamente, preferiu concentrar os registros oficiais no forte que foi construído no Varadouro e às margens do Sanhauá. Tudo porque, ao fim da União Ibérica, em 1640, os escribas portugueses passaram a omitir, excluir e/ou subestimar a presença e a importância das ações espanholas nas origens da conquista. E tal propósito de omissão foi tão acentuado que pouco se referem ao Mirante de Atalaia — a segunda construção da Paraíba, que também fica no Forte Velho. A do Varadouro e do Sanhauá, nesse caso, é a terceira construção.

É bem verdade que "quem conta a história são os vencedores", mas, como o vencedor em questão não foi bem a Paraíba, e sim Portugal, é, no mínimo, lastimável que a nossa historiografia nunca tenha se interessado em botar esses pontos nos is. Ou seja, além de não fazer uma ampla revisão para contar a "História da Paraíba", a partir do ponto de vista dos povos originários, insiste no erro de manter essa "história portuguesa" da Paraíba que temos aí.

Foto: Raffael Willian/Creative Commons

Documentos históricos sugerem que o Mirante do Atalaia, localizado no Forte Velho, seja a segunda construção da Paraíba, mas não há reconhecimento oficial disso

Eulajose Dias

Poeta-barbeiro astuto, intuitivo e contumaz

Integrante de movimentos culturais, Eulajose Dias de Araújo fez suas primeiras publicações na década de 1960, em jornais como O Momento e A União. A partir dos anos 1970, passou a colaborar com o suplemento literário Correio das Artes



Ilustração: Tônio

Poema um tanto autobiográfico

Nunca fui de beber muito
e de fumar tampouco,
mas não censuro
os vícios dos outros,
sim coagulo
o sangue
derramado dos outros.

Nunca fui coruja
pra cantar agouro,
nunca fui pássaro
pra viver de espaço
sim no espaço estático.
Se duvidar
nunca fui nem
eu mesmo.
Vou dizer
mas guarde segredo:
acho Augusto
não dos Anjos, dos demônios
um poeta de medo.
De medo faço brinquedo,
a criança que não fui
morreu na São Miguel
na Ponte Sanhauá no escorrego
perdido numa bola
que nunca chutei,
não tive sexo
e engravidei
a mim mesmo.

Fonte: Araújo, Eulajose Dias de. **Dilúvio de Palavras**. João Pessoa: A União, 1985.

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Entre tesouras e navalhas, o barbeiro Eulajose Dias de Araújo deixou-se mergulhar em maresias e dilúvios de palavras que o fizeram um dos grandes nomes da literatura paraibana. "Poeta-barbeiro" não foi só a alcunha exótica. O homem simples ama sua profissão tanto quanto não se conformava em fazer só uma poesia por dia. "Só me conformo fazendo uma poemaria…", escreveu.

Eulajose nasceu em 27 de setembro de 1932, na recém-denominada cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. O filho de Eulalhia Peixoto de Albuquerque Araújo e José Dias de Araújo, mais conhecido como José Barbeiro, cresceu nas imediações da Rua São Miguel, bairro do Cordão Encarnado, vendo o pai cortar cabelo e afiar a navalha na pedra de amolar, aprendendo com ele o ofício que lhe daria o sustento. Apesar das condições financeiras da família não lhe proporcionarem uma educação superior, as letras concorreriam com a tesoura por toda sua vida.

O poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho foi cliente e amigo de Eulajose. Como ambos colaboravam para o suplemento Correio das Artes, do Jornal **A União**, começaram a trocar ideias, especialmente sobre o que escreviam. "Ele era um homem super simples, não tinha formação acadêmica, mas era de muita leitura e autodidata, com muita percepção sobre a realidade poética. Ele vivia um estado puro de poesia, porque escrevia muito", relata o amigo.

A habilidade do pessoense com as palavras não tinha hora nem lugar para manifestar-se, como certa vez, ao participar de um debate promovido no curso de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Hildeberto conta que, durante o evento no qual um físico falava da relação entre tempo e poesia, o palestrante desculpou-se por não ter um poema para ilustrar o que dizia. Foi então que Eulajose, do auditório, tomou a palavra e disse: "Por isso não!", e abriu a pasta 007 que sempre costumava trazer consigo, da qual tirou um livro de sua autoria, cujo título era justamente "O tempo e a poesia", mas que permaneceu inédito.

"Ele era aquele poeta que a gente pode chamar de contumaz, utilizando uma classificação do grande Manuel Bandeira para se referir àqueles que escrevem permanentemente. Ele escrevia poemas todos os dias, a toda hora, sobre tudo que o cercava. Das coisas mais simples às mais extraordinárias, tudo que ele vivenciava no cotidiano era motivo de poesia", destaca Hildeberto. Em visita à residência do poeta, o crítico literário identificou uma extensa produção do companheiro de letras organizada em pastas, mas que não chegou a ser publicada.

Hildeberto afirma que Eulajose integrou movimentos culturais de seu tempo, como a Geração 59, o Grupo Sanhauá e o Grupo Caravela, contudo seus escritos não foram incluídos nas antologias. As primeiras publicações do poeta teriam sido na década de 1960, em espaços de jornais como O Momento e **A União**, e a partir da década de 1970, mais regularmente no suplemento Correio das Artes.

Numa época em que a impressão era cara e o lucro muito pouco, Eulajose conseguiu publicar com dificuldade seu primeiro livro, "Maresia de poemas ou notas poemáticas de um barbeiro", em 1979. Para isso, contou com ajuda de amigos editores e o aval da Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba. No ano seguinte, publica "Arma poética" e, em 1985, a antologia poética "Dilúvio de palavras", obras que Hildeberto considera uma pequena parte do extenso milharal de versos inéditos que guardava debaixo do colchão ou carregava na algibeira.

Na apresentação de seu último livro, o cineasta e escritor pernambucano Jomard Muniz de Britto conjuga o nome do poeta: "Eulajoseando: como se estivesse, humildemente amando e desarmando silogismos, esvaziando conclusões de premissas anteriores. Eulajoseando: como se de repente violentasse a trivialidade da lógica discursivo-dedutivista através de fagulhas do 'dadaismo' ou das chamas do absurdismo. Eulasojeando: como se o 'dilúvio de palavras' fosse o canto geral da Paraíba Masculina Feminina Neutra, obliquamente sem vírgulas, orgulhosamente sem ódio, astutamente desprovincianizando-se".

Dentre os muitos temas, o poeta-barbeiro cantou a paisagem histórica e os bairros populares da capital paraibana, como a Rua da República, a Praça da Pedra ou a Rua de São Miguel, cuja memória da infância aparece no poema "Fantasmas". Cenas da Praia de Tambaú e da pesca da baleia também são representadas com olhares diferenciados. A interação entre o futebol e as letras deu jogo nas mãos do poeta, como se observa em "Palavrabolas", em que escreve: "As palavras não são / bolas de futebol, / mas eu jogo com / as palavras como / se bolas elas fossem….". Apesar de centrar-se no cotidiano, em seus escritos identificamos referências de grandes nomes da literatura, desde William Shakespeare e Oscar Wilde a Fernando Pessoa e Augusto dos Anjos, uma de suas inspirações.

Em artigo publicado n'**A União** em homenagem póstuma a Eulajose, o saudoso escritor paraibano Tota Arcela lembrou que, nos oito anos que conviveu com o amigo, o poeta sempre o visitava, aos domingos, para ler algumas de suas produções da semana. Arcela relata que, pela simplicidade e excesso de humanismo, havia quem não levassem o poeta a sério e até lhe fizesse gozação. "Eulajose Dias de Araújo, apesar do ofício de barbeiro, é um desses poetas que respiram e vivem poesia. Para ele, essa arte milenar está em cada parte, cada coisa da vida. Eulajose não vive a vida, poeta. E se fala, coloca a poesia no meio. Dificilmente não retira da pasta um monte de papeis com as suas novas produções. Eulajose faz poesia como quem se alimenta", descreveu.

Para o escritor, Eulajose trazia nas veias o sangue dos grandes poetas. Nos versos em homenagem a Catulo da Paixão que diziam "Catulo não morreu / luarizou-se", o amigo identificava o estilo de Mário Quintana. "Mas a maneira como coloca a diversidade das coisas, o jogo de antíteses e a poesia simples, do cotidiano, são características bem suas. Eulajose constitui, sem dúvida, um exemplo singular dentro dessa pequena 'história da literatura paraibana', avaliou o escritor.

Hildeberto Barbosa Filho corrobora essa visão ao afirmar que Eulajose, com sua poesia, representou uma voz própria na literatura da Paraíba que não se diluía em vozes alheias pelo seu olhar único para a realidade. "É muito forte a presença do mágico, do lúdico e até do surreal na sua obra, e isso poucos poetas daqui têm. Quando ele fala da baleia e da Rua da República, ele desconstrói a percepção convencional e propõe algo completamente alógico. Eulajose é um poeta muito intuitivo quando escreve, tanto na maneira como vê o mundo quanto na maneira como trabalha as palavras. Sua poesia é muito lúdica, melódica e envolvente, sem hermetismo ou experimentalismos como das vanguardas", analisa.

O poeta do Cordão Encarnado trabalhou por vários anos como funcionário do 1º Grupamento de Engenharia do Comando Militar do Nordeste, na função de telefonista e barbeiro. Era sempre convidado para eventos culturais como lançamento de livros, recitais e palestras, nos quais marcava presença com sua espontaneidade e sabedoria próprias. Pelo modo gentil, espírito de cordialidade e até uma certa ingenuidade, Hildeberto o compara ao personagem Aliocha, do romance "Os irmãos Karamásovi", de Dostoiévsk.

Eulajose Dias de Araújo foi casado com Marlene Araújo, com quem teve oito filhos. Morreu aos 55 anos de idade, em 31 de agosto de 1988, vítima de um câncer ósseo que lhe causou sofrimento nos últimos anos de vida. Dentre as homenagens que recebeu, estão as de patrono da Academia de Letras e Artes do Nordeste, da Academia Paraibana de Poesia e da Academia Cabelense de Ciências, Artes e Letras. O nome do poeta-barbeiro também foi dado a uma das ruas de João Pessoa, localizada no bairro do Cristo.

Singular

Paraibano aprendeu com o pai o ofício que lhe daria o sustento, mas as tesouras e as navalhas disputaram sua atenção com as letras. Autodidata, não se conformava em escrever apenas uma poesia por dia

---

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Chove na horta dos jornalistas: oportunidades de cursos, bolsas e palestras

Várias instituições estão com iniciativas voltadas à capacitação de jornalistas ou à realização de projetos na área. Há cursos, palestras, programas de capacitação e incentivo (bolsas ou prêmios) à produção de conteúdos, como reportagens e *podcasts*. Fiz uma seleção de algumas propostas que julguei interessantes e trouxe aqui para compartilhar com vocês:

Negócios Jornalísticos — O Google iniciou as inscrições para a Jornada de IA para Negócios Jornalísticos, um programa gratuito que visa impulsionar a transformação digital de 100 veículos de mídia brasileiros em 2025. A iniciativa oferecerá treinamento prático em inteligência artificial (IA) e análise de dados para otimizar receita, engajamento e eficiência operacional. As inscrições encerram em 25 de abril. Um total de 40 participantes será admitido nas duas primeiras turmas, que começarão em maio. Os laboratórios oferecerão um aprendizado adaptado às diversas realidades dos veículos, explorando desde os fundamentos de *machine learning* até aplicações sofisticadas de IA generativa, ferramentas de personalização e formas de monetização.

COP30 em pauta — Para apoiar a cobertura qualificada da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30), que ocorrerá em Belém (PA), neste ano, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) está com inscrições abertas para o curso on-line gratuito "COP30 em pauta". A iniciativa visa capacitar jornalistas, estudantes e comunicadores com fundamentos técnicos, contextuais e estratégias práticas para cobrir o evento, que, pela primeira vez, será realizado na Amazônia. O curso acontecerá de abril a maio de 2025, com aulas ao vivo e material disponível até novembro.



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Wilson da Costa Bueno é um dos maiores nomes da Comunicação Organizacional no país

Comunicação Pública — A Associação Brasileira de Comunicação Pública (ABCPública) promoverá o evento on-line e gratuito "Política de Comunicação: da teoria à prática". O encontro, que ocorrerá no dia 29 de abril, das 19h30 às 21h, é voltado a profissionais, gestores e pesquisadores da área. A apresentação principal será ministrada por Wilson da Costa Bueno (USP), um dos maiores nomes da Comunicação Organizacional no Brasil. A iniciativa é do Comitê de Regulamentação da ABCPública e também contará com apresentação de três experiências de sucesso em órgãos públicos: Tribunal de Contas de Rondônia; Câmara dos Deputados; e Instituto Federal de Pernambuco.

Bolsa para reportagens — Estão abertas as inscrições para a Seleção Petrobras de Jornalismo, que concederá 15 bolsas de R$ 20 mil (totalizando R$ 300 mil) para reportagens sobre ciência e diversidade. Jornalistas de todo o país podem inscrever seus projetos em áudio, vídeo ou texto. A iniciativa da Petrobras, com apoio da Federação Nacional dos Jornalistas e da Associação Brasileira de Imprensa, busca incentivar a produção jornalística sobre ciência de grupos sub-representados ou com foco na diversidade. Nesta primeira edição da premiação, serão selecionadas propostas de reportagens sobre ciência e diversidade. As inscrições vão até 11 de maio.

***Podcasts* sobre ciência** — O Instituto Serrapilheira está recebendo inscrições de projetos de *podcasts* sobre ciência, liderados por pessoas negras e indígenas. Os *podcasts* devem destacar a ciência, focando nas áreas de interesse do Serrapilheira (ciências da vida, geociências, física, química, ciência da computação ou matemática). Serão selecionados até oito projetos, com treinamento e até R$ 55 mil para produção de uma temporada. As inscrições vão de 15 de abril a 30 de maio.

Tocando em Frente



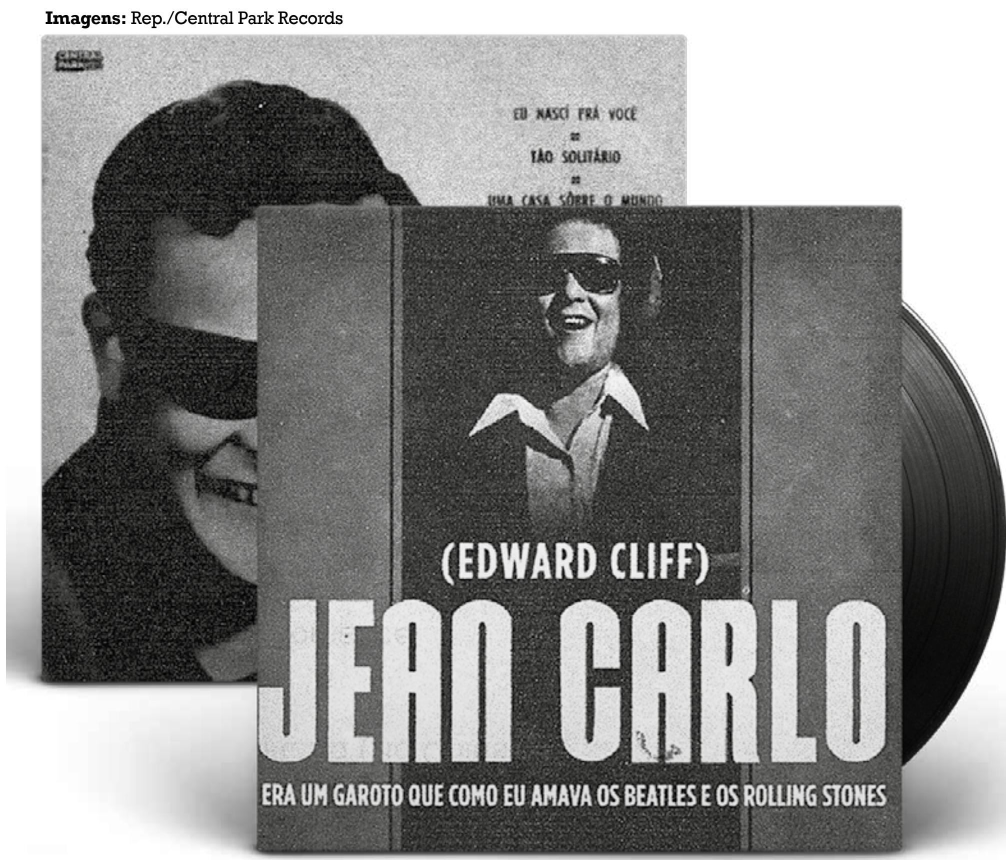
Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Pop rock made in Brazil — IX

Não nos compete avaliar a quantas anda a memória musical afetiva dos leitores. No entanto, tomamos a liberdade de mexer nas nossas próprias recordações de audiófilo contumaz, mormente no quesito Jovem Guarda ou, mais especificamente, ainda dentro do que convencionamos chamar de *pop rock made in Brazil*. É possível que alguns até já nem distingam quem tenha sido Bobby di Carlo — (Roberto Cadeira dos Santos — São Paulo, 1945, conhecido também pela alcunha de "Tijolinho", nome do seu maior sucesso) — e Jean Carlo (São Paulo-SP, 1943 – Campinas-SP, 2013), com nome real e assumido, mas que adotou vários outros nomes artísticos por modismo e por exigências do mercado fonográfico.

Pouco se sabe sobre sua ascendência italiana, porém é sabido que, ao longo de quase uma década, integrou a turma da Jovem Guarda como Jean Carlo. Cego de nascença, desde os oito anos, ele já tocava e insinuava-se no meio musical, com sua sanfoninha de oito baixos que lhe fora ofertada. Assim, já em 1951, ingressou no Colégio Padre Chico, na capital paulista, direcionado a deficientes visuais. Ali, diversificou o gosto, passando a tocar bombardino e integrando a banda do colégio. Aperfeiçoando-se na aprendizagem musical e deixando o colégio, aos 16 anos, firmou-se como instrumentista e cantor, com o gosto voltado para Ray Charles e Steve Wonder, que lhe serviram de exemplo. Profissionalizou-se como cantor e buscou seu espaço, optando por um repertório em vários idiomas, como português, inglês, italiano, francês e espanhol, começando a ganhar espaço em programas de calouros, com destaque para a programação da TV Record, em que passou a se apresentar no programa "Reino da Juventude", de Antônio Aguilar.

Imagens: Rep./Central Park Records



Além de Edward Cliff, Jean Carlo usou os codinomes Michael Davis, Steve Brandy, Steve Robins, Gary Bristol, Peter Knapp e Marty Rivers

Sua primeira gravação aconteceu nessa fase, quando registrou "*Se non avessi più te*" (Bruno Zambrini, Luiz Enriquez e Franco Migliacci) e "Eu nasci pra você", versão de "*Sono nato con te*" (Pino Donaggio e Pallavicini). Com o lançamento do seu primeiro disco, começou a fazer shows pelo país e a participar de vários outros programas televisivos: Discoteca do Chacrinha, Um Instante Maestro (comandado por Flávio Cavalcanti), Programa Sílvio Santos, Corte Real Show e Globo de Ouro.

O advento do programa da Jovem Guarda o projetou ainda mais, a partir da segunda edição, quando passou a ter cadeira cativa entre os convidados. Duas gravações da época deixaram a sua marca registrada: "Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones", versão do sucesso de Gianni Morandi "*C'era un ragazzo che come me amava i Beatles e i Rolling Stones*", e "Travessia", de Milton Nascimento.

Buscando novos horizontes, em 1969, mudou-se para a Argentina, passando a construir sua carreira internacional na América Latina e nos Estados Unidos.

O modismo de gravar o *pop rock made in Brazil* vem dessa fase. Neste sentido, citamos alguns dos seus *hits*: "*I'll Never Walk Alone Again*", "*Another Song*", "*Nights of September*", "*Summer Love*" e "*Country Feeling*". Alguns foram incluídos em trilhas de novelas da TV Globo (via Som Livre), quando o crédito era feito a um dos seus inúmeros codinomes: Edward Cliff, Michael Davis, Steve Brandy, Steve Robins, Gary Bristol, Peter Knapp e Marty Rivers. Sua música passeia pelo *country*, *folk* e *pop* romântico, sendo sua obra autoral reconhecida como atemporal.

Passada a efervescência daqueles momentos, Jean Carlo dedicou-se à música religiosa, participando de movimentos para a evangelização de comunidades, sem, no entanto, perder seu espaço no circuito comercial, interpretando *jazz*, *blues* e MPB, e continuando com suas performances em festas e shows para o mercado que o consagrou.

PERIGO NAS TELAS

Divulgar desafios on-line pode configurar crime

Especialista analisa que certos conteúdos assemelham-se à incitação ao suicídio

Renata Okumura
Agência Estado

Desafios propagados em redes sociais têm se tornado frequentes e gerado resultados trágicos, por vezes fatais. O caso mais recente envolve uma menina de oito anos que morreu, no Distrito Federal, após sofrer uma parada cardiorrespiratória ao inalar um desodorante aerossol — tal prática é sugerida em vídeos divulgados na internet.

Especialistas defendem a necessidade de punições severas tanto para quem propõe e divulga esse tipo de conteúdo quanto para as plataformas, que podem responder criminalmente por não fiscalizar nem vetar os tópicos na urgência exigida. A ausência de punição efetiva, inclusive, tem o efeito colateral de legitimar, por inércia, a repetição de tragédias.

Alexander Coelho, especialista em Direito Digital e Proteção de Dados, afirma que o "desafio do desodorante", por exemplo, envolve condutas com evidente risco à integridade física, especialmente quando dirigido a menores de idade.

"Esses conteúdos deveriam ser tratados com a mesma severidade que se aplica à incitação ao suicídio ou à automutilação. No entanto, estamos atrasados em criar um marco legal que dê conta dessa nova realidade digital", afirma ele.

Casos como esses exigem uma análise multifacetada que envolva Direito Penal, Direito Digital e responsabilidade das plataformas.

"Quando uma criança perde a vida em razão de um 'desafio' veiculado nas redes sociais, não estamos diante de uma simples fatalidade, mas, sim, de um reflexo da ausência de mecanismos efetivos de proteção digital infantil", avalia ele.

Segundo o especialista, o ponto central é a previsibilidade do dano, pois, ao permitir a viralização de conteúdos que incentivam condutas de risco, "as redes sociais se tornam parte do problema, ainda que indiretamente".

Desde 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem considerado os "jogos perigosos" (*hazardous games*, em inglês) como um distúrbio comportamental. O perigo pode se manifestar tanto pelo excesso do tempo gasto com a "brincadeira" quanto pelos "comportamentos e consequências de risco" associados, diretamente, às regras do jogo.

"A classificação da OMS é um alerta científico, mas ainda encontra resistência no campo normativo. No Direito brasileiro, ainda carecemos de tipificações penais e civis claras para lidar com tais situações", pondera Alexander Coelho.

Omissão

O advogado destaca ainda que o posicionamento das plataformas digitais é marcado por uma lógica reativa, e não preventiva. "A conduta padrão é aguardar que o dano aconteça, ganhe repercussão e pressione a opinião pública — só então os conteúdos são removidos", critica Coelho.

Segundo o advogado, as plataformas têm tecnologia mais do que suficiente para identificar e barrar conteúdos perigosos antes que viralizem. "Sistemas baseados em inteligência artificial já são capazes de detectar padrões típicos de desafios virais, analisar contextos visuais e linguísticos e bloquear a disseminação desses conteúdos em tempo real".

Legislação

"No plano internacional, há avanços ainda tímidos. O Digital Services Act (DSA), da União Europeia, em vigor desde 2022, impõe deveres específicos de transparência e segurança, especialmente na proteção de menores", afirma o especialista.

Ele destaca a multa de 345 milhões de euros, aplicada ao TikTok, em 2023, por falhas na privacidade infantil, como um marco que sinaliza uma mudança de tom.

Coelho lembra que o Brasil conta com ferramentas jurídicas relevantes, entre elas a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), o Marco Civil da Internet e os princípios já consolidados da moderação responsável.

"Essas normas impõem o dever de diligência contínua das plataformas, especialmente diante de conteúdos que colocam crianças e adolescentes em situação de risco. O grande desafio é operacionalizar esse dever: transformar a letra da lei em vigilância real, com auditorias independentes, penalidades efetivas e responsabilidade solidária, em caso de omissão", avalia ele.

Plataformas que lucram com a viralização de conteúdo precisam ser obrigadas a investir na prevenção de tragédias, na análise do especialista. "Porque, quando uma criança morre por causa de um vídeo, a omissão deixa de ser tecnológica — e passa a ser ética", afirma ele.

"Por fim, se redes sociais têm algoritmos potentes o suficiente para prever o que você vai comprar amanhã, por que ainda não conseguem prever — e evitar — o que pode matar uma criança hoje?", questiona.

Eita!!!!



Foto: Reprodução/Instagram

Zendaya no topo

Aos 28 anos, a norte-americana Zendaya tornou-se a atriz negra mais jovem a alcançar o supersalário de US$ 1 milhão por episódio de série televisiva. Ela receberá o montante pela terceira temporada de "Euphoria" (HBO), da qual é protagonista e produtora-executiva. Na produção, Zendaya interpreta Rue Bennett, uma jovem viciada em drogas. A atuação nas primeiras temporadas rendeu-lhe, em 2020 e 2022, o Emmy de Melhor Atriz em Série de Drama. A terceira temporada de "Euphoria" começou a ser gravada em janeiro deste ano, e a previsão é que a estreia aconteça em 2026. Confira outros supersalários da indústria audiovisual americana:

Feito histórico

O primeiro ator da história a conquistar US$ 1 milhão por episódio foi Jerry Seinfeld, nas duas últimas temporadas de "Seinfeld", exibidas de 1996 a 1997. A *sitcom* foi um sucesso comercial e de crítica e, volta e meia, é lembrada em listas de maiores séries de todos os tempos. A produção aborda o cotidiano do protagonista, Jerry Seinfeld, e de seus amigos, George Costanza (Jason Alexander), Elaine Benes (Julia Louis-Dreyfus) e Cosmo Kramer (Michael Richards).

Fenômeno

Durante a primeira temporada de "Friends", os seis protagonistas recebiam cerca de US$ 22 mil por episódio. À medida que a saga de Rachel (Jennifer Aniston), Monica (Courteney Cox), Phoebe (Lisa Kudrow), Joey (Matt LeBlanc), Ross (David Schwimmer) e Chandler (Matthew Perry) avançava, os salários de seus intérpretes subia. Até que, na 10ª e última temporada, cada um deles embolsou US$ 1 milhão por episódio.

Atualidade

E Jennifer Aniston segue aumentando sua fortuna. Atualmente, ela é uma das atrizes mais bem pagas da televisão norte-americana. Estima-se que a atriz ganhe US$ 2 milhões por cada episódio de "The Morning Show" (Apple TV). Ela divide o posto com Reese Witherspoon, sua companheira de elenco. Juntas, as atrizes ainda atuam como produtoras-executivas da atração.

Recordes

O recorde feminino de supersalário na TV estadunidense é de Sarah Jessica Parker, que recebeu cerca de US$ 3,2 milhões por episódio nas três últimas temporadas de "Sex and the City", que foram ao ar de 2001 a 2004. Entre os homens, Charlie Sheen teve o faturamento mais alto: cerca de US$ 1,8 milhão por episódio, durante a oitava temporada de "Two and a Half Man".

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Moradia (2) = casa + floresta (2) = mata. **Solução:** abrigo bélico (4) = casamata.

Charada de hoje: O rei do terreiro (2) quebrou uma pata (1) ao sair desenfreado numa correria (3).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com





Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)





9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)





Solução

1 – pés do louro; 2 – olho do pássaro vermelho; 3 – bico do tucano; 4 – folha; 5 – cabelo do amarelo; 6 – rabo do vermelho; 7 – penas do tucano; 8 – galho; e 9 – assinatura.